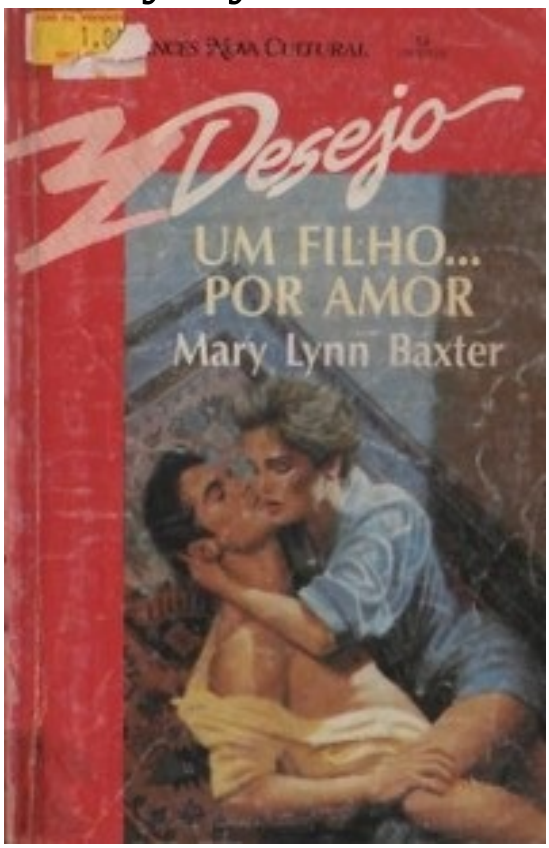
Um Filho... Por Amor

(Mike's Baby)

Mary Lynn Baxter



Uma paixão repentina vivida de corpo e alma...

Quando Joanna Nash, testemunha-chave num processo, é atropelada de

maneira suspeita, as autoridades a colocam sob proteção policial. E ela contrata o fisioterapeuta Mike McCoy para ajudá-la a recuperar-se dos graves ferimentos sofridos.

As hábeis mãos de Mike não só aliviam os músculos doloridos de Joanna, como também acalentam seu coração faminto de amor. Esse homem másculo desperta-lhe a sexualidade adormecida, trazendo à tona os sonhos secretos de casamento e maternidade. Mike, porém, deixa claro que não pretende se casar... E o desespero de Joanna aumenta, pois ele é o pai da criança que vai nascer!

Digitalização: Tinna
Revisão: Paula





Formatação: Raquel



Copyright © 1993 by Mary Lynn Baxter

Originalmente publicado em 1993 pela Silhouette Books,

Divisão da Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.

Silhouette, Silhouette Desire e o colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: MIKE'S BABY

Tradução: Maria Elizabeth Hallak Neilson

Copyright para a língua portuguesa: 1993

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Al. Ministro Rocha Azevedo, 346 — CEP 01410-901

São Paulo — SP — Brasil

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

Impressão e acabamento: Gráfica Circulo.



PRÓLOGO

Joanna Nash cantarolava baixinho enquanto caminhava na direção do carro-esporte, estacionado poucos metros além. Não importava o quão deprimida pudesse estar se sentindo pois Kim, sua amiga de vários anos, sempre conseguia fazê-la sorrir e encarar os problemas com novo ânimo. E esta noite não fora nenhuma exceção. As duas tinham passado horas conversando e quando olhara no relógio percebera que logo seria meia-noite. O fato de ser tão tarde não a incomodava, o importante era ter desabafado o peso que lhe ia na alma.

Ao se abaixar para abrir a porta do carro, ela ouviu um barulho estridente e se virou curiosa.

Um veículo havia acabado de dobrar a esquina da rua pouco iluminada e se aproximava numa rapidez espantosa.

— Idiota! — Joanna murmurou, certa de que se tratava de algum adolescente aproveitando o local deserto paia infringir todas as leis do trânsito.

Porém o carro não diminuiu a velocidade e continuou a trajetória enlouquecida, exatamente na sua direção.

Embora o instinto lhe dissesse para se afastar, para sair do caminho daquele irresponsável, Joanna não conseguia mover um músculo. O pânico era tão grande, o terror tão profundo, que seus pés pareciam estar pregados no chão.

Ela abriu a boca para gritar, porém não foi capaz de emitir som algum. Já era tarde demais para tentar se salvar. Ao ser atingida, teve tempo apenas de experimentar uma dor dilacerante antes de se entregar a uma escuridão abençoada.

CAPÍTULO I

Srta. Nash? Pode me ouvir?

Joanna lutou contra a escuridão que ameaçava sufocá-la e finalmente abriu os olhos. A visão de uma massa de cabelos grisalhos caindo sobre sobrancelhas espessas lhe trouxe uma certa serenidade.

— O que... o que aconteceu? — indagou num fio de voz, os lábios ressecados se movendo com dificuldade.

— Você sofreu um acidente e agora está no Hospital St. Anne. Sou o Dr. Jason Howard.

— Um acidente? — Ela tentou se sentar na cama, os olhos arregalados expressando uma total confusão.

— Então não se lembra de nada do que aconteceu?

— Não. — Joanna inspirou fundo, procurando não se entregar ao pânico crescente. — Estou seriamente ferida? — Apesar de poder mover os braços, tinha o corpo inteiro dolorido, como se "tivesse levado uma surra com um bastão de beisebol.

— Se você não tivesse pulado para o lado no último momento, teria sido morta.

— Por favor, o que há de errado comigo?

— É a coluna vertebral. Foi machucada no acidente. — Dr. Howard ficou em silêncio durante alguns segundos e quando voltou a falar, se esforçou para transmitir a notícia com a maior delicadeza possível. — O tratamento vai requerer uma fisioterapia intensa durante muitos meses.

— O ferimento é assim tão sério?

— Suas pernas estão temporariamente paralisadas.

Joanna fechou os olhos, absorvendo cada palavra como se fosse uma condenação à morte. O mundo parecia ter desabado sobre sua cabeça.

— Srta. Nash, olhe para mim.

— Você está... está me dizendo que nunca mais poderei andar?

— Não, não é isto o que estou lhe dizendo.

— Mas... mas eu estou paralítica da cintura para baixo!.— Ela tentou mexer as pernas sem no entanto conseguir movê-las um milímetro sequer.

— Vamos, vamos, tenha calma, menina. Eu disse "temporariamente paralisadas". Os ferimentos não são permanentes e não há risco de vida. Com o tempo você ficará novinha em folha.

Ela deixou a cabeça cair sobre o travesseiro, o coração batendo

descompassado no peito. Oh, Deus, por favor, que acordasse logo daquele pesadelo horrível. Só podia estar sonhando. É claro que nada tão apavorante assim estava lhe acontecendo. De repente as lembranças voltaram com uma nitidez espantosa, quase fazendo-a gritar de pavor.

— Quem me atropelou?

— Infelizmente ninguém sabe. O motorista fugiu.

— Por que... por que alguém faria uma coisa dessas comigo, meu Deus?

— Tenho certeza de que é isto o que a polícia gostaria de saber.

— Foi Kim quem me encontrou?

— Sim, e na mesma hora chamou a polícia. Falando sobre a Srta. Davenport, ela passou a noite inteira no hospital e ainda está lá fora, aguardando o momento de vê-la. Assim como Ed Mason, o investigador encarregado do caso. — O dr. Howard esperou que a enfermeira terminasse de tirar a pressão da paciente antes de continuar. — Vou deixá-la agora, mais tarde voltaremos a conversar. A propósito, há alguém da sua família com quem deveríamos entrar em contato?

— Pode deixar, Kim cuidará de tudo para mim. — A voz de Joanna era um murmúrio quase inaudível.

Entretanto não foi Kim quem entrou no quarto tão logo o médico saiu. Um homem de estatura mediana, cabelos vermelhos e barriga saliente se aproximou da cama sorrindo, deixando entrever os dentes ligeiramente amarelados, característicos de fumantes inveterados. Porém tinha a voz e o olhar gentil, como o Dr. Howard.

— Sou o investigador Ed Mason e fui designado para investigar seu... acidente.

A maneira hesitante como ele pronunciou a palavra acidente colocou Joanna em estado de alerta.

——Você não me parece muito convencido de que tenha sido um acidente.

— Conversando com a Srta. Davenport soube que você foi indicada como testemunha num julgamento marcado para os próximos meses. Portanto não foi difícil chegar a certas conclusões.

— Então está tentando me dizer que alguém me atingiu de propósito, para impedir que eu compareça ao julgamento?

— Exatamente.

Oh, Deus, será que o investigador tinha razão? Será que o atropelamento estava relacionado ao seu emprego anterior? Embora a possibilidade fosse assustadora precisava enfrentar a realidade.

Durante vários anos ela havia trabalhado como secretária-executiva de um manda-chuva do mercado financeiro até que a empresa fora à falência e o dono indiciado por fraude. O caso seria levado à julgamento em breve e o governo designara Joanna para depor contra o ex-chefe.

— Eu não posso... não quero acreditar que alguém, deliberadamente, tenha tentado...

— Esse tipo de coisa acontece sempre. E a menos que as evidências provem o contrário, partiremos do princípio que você sofreu um atentado.

Joanna fechou os olhos, incapaz de sufocar a angústia. No entanto nem mesmo a dor causada pela suspeita de que sua vida corria perigo era maior do que o medo de nunca mais voltar a andar.

Paralítica... Não! Não podia ser verdade! Era cruel demais! Contudo suas pernas continuavam inertes sob o lençol.

Percebendo o quanto Joanna devia estar física e emocionalmente esgotada, Ed Mason resolveu se retirar.

— Quando você se sentir melhor voltaremos a conversar. Vou precisar saber certos detalhes a respeito do julgamento.

— Prometo me esforçar para ordenar os pensamentos.

— Enquanto isso eu farei algumas sondagens por aí. Cuide-se bem. Manteremos contato.

Ela se despediu com um aceno, incapaz de confiar na própria voz. Quando por fim se viu a sós, chorou até quase a completa exaustão.

— Você se importa se eu entrar?

Ao reconhecer a voz suave, Joanna ergueu os olhos, o corpo sacudido por soluços angustiados.

— Oh, Kim...

— Calma, querida.

— Não consigo acreditar que tudo isto esteja acontecendo... — Joanna abraçou a amiga com força, tentando não se entregar completamente ao desespero.

— Procure encarar os fatos com serenidade. Quando a ouvi gritar ontem à noite, pensei que... Bem, o que pensei não tem mais importância. A única coisa que interessa é a certeza de que você ficará bem.

— Mas e se eu ficar paralítica para sempre? — Ao perceber que começava a sentir pena de si mesma, Joanna tentou lutar contra o sentimento. Não iria se entregar, não iria sair derrotada daquela batalha. Estava para ocupar um cargo importante numa empresa de investimentos financeiros e mesmo sendo tão

inteligente e qualificada, bons empregos não costumam cair do céu. Iria se agarrar à nova oportunidade com unhas e dentes.

— Querida, é importante ter apenas pensamentos positivos.

— É exatamente isso que venho tentando fazer, porém...

— Nada de "porém". Você tem que confiar no Dr. Howard. Ele me disse que a paralisia é temporária e com o passar do tempo, mais uma fisioterapia adequada, suas pernas irão recuperar todos os movimentos.

— E quanto ao meu novo emprego?

— Qual o problema? — Kim sentou-se numa poltrona ao lado da cama, satisfeita ao relaxar o corpo roliço. — Estou certa de que Calvin Granger entenderá a situação e manterá seu lugar vago até que você esteja em condições de começar a trabalhar. Afinal, foi ele quem lhe ofereceu o emprego porque conhece o seu valor profissional.

— Espero que você tenha razão.

—E quanto aos seus pais? É preciso lhes contar o que aconteceu.

Um silêncio pesado caiu sobre o quarto. Joanna engoliu em seco várias vezes, a voz trêmula e insegura:

— Sei que preciso avisá-los, só que não tenho coragem. Já posso até imaginar a reação da minha mãe, especialmente quando souber que posso ficar... — Ela parou no meio da frase, incapaz de pronunciar a palavra horrível: paralítica.

— Então nada mudou entre vocês?

— Temo que não. Para ser sincera, não creio que eu tenha condições de enfrentar meus pais neste momento. Preciso de mais tempo.

Além de agora se ver obrigada a vencer uma terrível barreira física, também se via às voltas com enormes dificuldades emocionais. A verdade era que durante seus vinte e nove anos de vida jamais soubera o que era paz e tranqüilidade. Filha única de pais muito absorvidos em si mesmos e nas carreiras de professores universitários, ela tivera uma infância solitária, destituída de qualquer apoio afetivo. E mesmo depois de adulta não conseguira se livrar de um sentimento profundo de insegurança, fruto de uma criação sem amor.

— Joanna, minha amiga, você não pode ficar deprimida assim. Sei como procura dar sempre o melhor de si em tudo o que faz, como se exige ao máximo nas mínimas tarefas. Mas há circunstâncias em que precisamos saber relaxar, deixar o tempo curar as feridas do corpo e da alma, ou então não suportamos o peso da realidade.

— Oh, Kim, estou com tanto medo. E se eu não puder andar outra vez?

Minha vida terá acabado.

— Não fale uma bobagem dessas! Se não me falha a memória, você disse a mesma coisa quando perdeu Megan e se divorciou de Andy.

— Aquilo foi diferente.

— Não, não foi. Andy Lawson era um filho da mãe e poderia ter destruído sua vida para sempre. Graças a Deus você teve bom senso o suficiente para colocar um ponto final na história.

Kim tinha razão. Bem que ela havia lutado para salvar o casamento e só quando a relação chegara ao fundo do poço tivera coragem de pedir o divórcio.

Logo ao se formar na universidade aceitara se casar com um colega de trabalho, achando que finalmente tinha encontrado um homem capaz de amá-la como desejava ser amada. Embora não tardasse a descobrir que seus sonhos de felicidade nunca se tornariam realidade, sentiu as esperanças renascerem ao ficar grávida. Quem sabe a chegada de um filho não iria fortalecer o relacionamento? Contudo Andy não parecera nada entusiasmado com a idéia de ser pai e o casamento de ambos se tornara ainda pior.

Apesar dos sérios problemas conjugais, Joanna havia ficado louca de felicidade com o nascimento da filha. Apenas para dois anos mais tarde conhecer a face cruel do desespero, quando à menina morreu de leucemia.

Uma semana depois da morte de Megan, ela surpreendera o marido na cama com uma antiga namorada. Imediatamente entrara com o pedido de divórcio, apesar das ameaças de Andy em fazê-la se arrepender da atitude tomada.

Desde então passara a viver apenas para o trabalho, tentando se convencer de que nunca mais queria voltar a amar. Porém, bem no íntimo ansiava encontrar o homem certo, alguém que lhe abrisse as portas da felicidade e lhe desse um filho. No entanto, certa de que seus desejos jamais seriam realizados, Joanna procurava abafar a insatisfação da alma se enterrando no trabalho.

— Joanna?

— Hein?

— O que foi que Ed Mason lhe disse? Ele me fez algumas perguntas estranhas. É claro que não pude ajudar muito.

— O investigador acha que o atropelamento está relacionado ao caso no qual fui chamada para depor.

— Uau! Que coisa terrível! De certa maneira até que não me surpreende. Pelo jeito aquele verme de seu ex-chefe é capaz de tudo.

— Pois a mim me surpreende sim, e me magoa demais. Sempre pensei que

iria trabalhar naquela empresa até me aposentar.

— Então vamos tentar pensar que seu ex-patrão não tem nada a ver com o atropelamento, OK? Talvez eu devesse ir embora agora e deixá-la repousar. Você está sentindo dor, não é?

— Um pouco. Não gostaria de ficar sozinha agora, mas sei que precisa descansar um pouco antes de voltar ao trabalho. — Sendo representante de uma editora sediada em Nova York, Kim tinha os horários flexíveis embora cansativos. — Soube que você passou a noite inteira aqui.

— E, vim atrás da ambulância. Depois que eu dormir algumas horas e resolver os assuntos profissionais mais urgentes, trarei seus objetos de uso pessoal e também algumas roupas.

— Obrigada, amiga. — Joanna mal conseguia falar, a emoção a ponto de sufocá-la. — Não sei o que teria sido de mim sem a sua ajuda.

— Sei que você faria o mesmo por mim, querida. Só espero que a polícia consiga pegar o filho da mãe que a atropelou.

— Você acha que eles conseguirão?

— Aposto que sim, especialmente se o "acidente" estiver relacionado ao seu testemunho. Agora, por favor, tente descansar. Tudo acabará bem. Confie.

Assim que Kim foi embora, Joanna se apoiou nos cotovelos e olhou as pernas inertes, A sensação de tristeza era enorme, como se pouco a pouco o sangue se esvaísse de seu corpo, deixando apenas uma casca sem vida e sem esperança. Será que ela já não tinha sofrido o bastante? Será que a perda do marido e da filha já não eram suficientes?

Ela cruzou os braços sobre o peito e deixou a cabeça cair sobre travesseiro, enquanto soluçava em silêncio.

CAPÍTULO II

Seis meses depois...

Era uma tarde perfeita de verão: céu azul, sol quente e baixa umidade do ar.

Joanna se sentia tentada a largar a papelada sobre a mesa e dar um passeio no parque, entregando-se ao prazer de caminhar sob a sombra das árvores, aspirando o perfume delicioso das flores. Infelizmente precisava refrear o impulso. Hoje era apenas seu segundo dia de trabalho e com certeza já havia perdido muito mais tempo do que poderia se dar ao luxo.

Ainda custava a crer que seis meses tinham se passado desde o acidente defronte a casa de Kim, o acidente que mudara sua vida para sempre. De repente o brilho do sol pareceu diminuir e a beleza do dia perder o encanto quando seus pensamentos se voltaram para os acontecimentos recentes.

Quando os detalhes do atropelamento alcançaram as manchetes dos jornais, os amigos e colegas de trabalho imediatamente se manifestaram numa profusão de visitas, flores, caixas de bombons e apoio moral. Devido ao seu temperamento fechado, Joanna nunca pudera imaginar ser tão querida e toda aquela demonstração de afeto e consideração contribuíra de forma decisiva para a sua recuperação. Mesmo seus pais tinham conseguido mostrar algum sinal de afeição e preocupação.

Entretanto nada tivera o poder de calar o sofrimento e o medo durante aqueles meses em que vivera num verdadeiro inferno.

Assim que recebera alta do hospital, um fisioterapeuta se tornara sua companhia constante. Além de Kim, ê claro. Jamais poderia esquecer os esforços e a determinação da amiga em ajudá-la a recuperar o uso completo das pernas.

Joanna havia trabalhado duro nas sessões de fisioterapia e muitas vezes a dor fora tão intensa que sentira vontade de desistir e se entregar a uma cadeira de rodas. Apenas uma força interior, saída não se sabe de onde, a obrigava a ir em frente, desafiando o desespero e forçando-a a continuar a lutar.

Contudo a parte mais difícil fora aceitar, mais uma vez, ter perdido o controle da própria vida. Desde a morte da filha havia jurado não deixar que as coisas acontecessem a ela e sim fazer com que acontecessem para ela.

Porém o destino mostrara ser o senhor de tudo e a deixara, de novo, com a vida e o coração aos pedaços. Graças a Deus tivera coragem suficiente para vencer outra barreira, que a princípio julgara intransponível, e aqui estava, pronta para recomeçar.

Apesar de um atraso de seis meses, dois dias e três horas, assumia o cargo

na empresa de Calvin Granger.

Joanna olhou ao redor e riu alto. O som da risada lhe pareceu estranho, especialmente porque nos últimos tempos se desacostumara até mesmo de sorrir.

Embora pequena, sua sala era bastante confortável e ficava ao lado do escritório do presidente. Depois de tanto tempo parada, reassumir as funções de secretária-executiva a enchia de satisfação e expectativa. Ainda bem que podia contar com o emprego. Era algo para dar sentido à sua vida.

Mesmo tendo tirado poucos minutos para almoçar, sua mesa continuava atolada de papéis. Precisava admitir para si mesma que já estava exausta. E eram apenas duas horas da tarde! Na verdade Peter Haskill, o fisioterapeuta do hospital, tinha razão. Ele dissera que somente o fortalecimento total dos músculos poderia fazê-la recuperar inteiramente a energia. Mas só de pensar em voltar às sessões torturantes de fisioterapia, sentia o sangue gelar nas veias.

— Já fiz tudo o que estava ao meu alcance por você — Peter tinha anunciado três dias atrás.

— Está querendo me dizer que eu tenho que aprender a conviver com esta constante sensação de fraqueza?

— Sim, a menos que concorde em se exercitar sob a orientação de um fisioterapeuta particular.

— Um fisioterapeuta particular?

— Por que a idéia lhe causa tanta aversão?

— Aversão é pouco.

— Bem, somente um profissional especializado poderá ajudá-la a recuperar a capacidade e a força total dos músculos.

— Será que entendi bem o que você está querendo me dizer?

— Isso mesmo. — Peter sorrira e ajeitara os óculos sobre o nariz. — Você, com certeza, terá que fazer algumas sessões numa academia de ginástica para se exercitar nos aparelhos.

— Ah, meu Deus, só de pensar fico apavorada. Academia de ginástica é o tipo de lugar que sempre fiz questão de evitar. Nunca fui fanática por exercícios físicos.

— Eu sei, porém você não tem outra escolha. Quero que procure Mike McCoy, da academia Live Well Fitness. É o melhor e o mais respeitado especialista em casos como o seu. — Ao perceber como Joanna rejeitava a possibilidade, ele se apressara a acrescentar: — Tenho uma idéia! Eu mesmo falarei com Mike e combinarei tudo.

Joanna bem que quisera argumentar mas sabia muito bem que Peter tinha

razão. Ainda assim era difícil se decidir. Tendo sido a vida inteira uma daquelas pessoas abençoadas, capaz de comer qualquer coisa que desejasse sem engordar, habituara-se a procurar desafios intelectuais e não físicos. Daí o pouco interesse pela ginástica ou esportes em geral.

Entretanto as circunstâncias eram diferentes agora.

Joanna massageou as têmporas, a cabeça parecendo a ponto de explodir.

— Você está se sentindo bem?

Ela sorriu para Calvin Granger que acabara de entrar na sala. Seu novo patrão era alto, magro, cabelos e bigodes grisalhos.

Apesar dos sessenta e dois anos de idade e da aparência paternal, não existia nada de frágil naquela figura simpática. Por trás dos olhos azuis funcionava uma mente brilhante, incapaz de tolerar a mediocridade, fosse a própria ou a de seus empregados.

A expectativa elevada em relação ao desempenho de cada funcionário da empresa não preocupava Joanna. Durante toda a sua vida procurara dar o melhor de si em tudo e o fato de ter uma inteligência bem acima da média a ajudara bastante.

— Você está se sentindo bem? — Calvin repetiu observando-a atentamente.

— Na verdade minha cabeça parece a ponto de estourar.

— Talvez você tenha se precipitado em voltar a trabalhar. Talvez devesse ter esperado um pouco mais.

— Não, não é isso. — Ela tentou sorrir, percebendo a preocupação no rosto do chefe. — Acho que o problema está na conversa que tive com meu antigo fisioterapeuta.

— Como assim?

— Peter diz que eu preciso da orientação de um fisioterapeuta particular porque não estou tão forte quanto deveria. Ele sugeriu um tal de Mike McCoy, da academia Live Well Fitness. Não é lá que você faz ginástica?

— Não apenas faço ginástica como sou um dos proprietários.

— Quer dizer que conhece Mike McCoy?

— Eu o conheço muito bem e concordo plenamente com a opinião de Peter. Mike é o melhor na sua área e se alguém pode ajudá-la, com certeza é ele.

— Se for para eu ter que agüentar todas aquelas horas de tortura espero que valha a pena.

— Pelo jeito você não me parece muito entusiasmada.

— Preferiria levar um tiro.

— Ah, tenho certeza de que não será assim tão ruim. — Calvin riu diante da expressão desanimada da secretária. — Quando você recuperar o peso ideal e a energia verá que valeu a pena e será grata ao conselho de Peter.

— Vamos torcer.

— Por que não vem comigo à academia depois do expediente? Poderei apresentá-la ao Mike.

— Está bem.

— Enquanto isso vá para casa e tente descansar para se livrar da dor de cabeça.

— Não, obrigada. Agora que já tomei uma decisão a respeito do novo fisioterapeuta talvez minha indisposição desapareça. Além do mais tenho muito trabalho a fazer aqui.

— Joanna Nash, você é uma funcionária exemplar. Valeu a pena ter esperado todo este tempo para tê-la conosco. Minha empresa só terá a lucrar.

— Eu me empenharei ao máximo. Obrigada por ter esperado por mim.

— Como já disse, valeu a pena. Bem, então sairemos por volta das quatro horas e iremos para a academia.

— Mal posso esperar. Calvin riu com gosto.

No momento em que Joanna entrou na Live Well Fitness seu nível de ansiedade havia alcançado a estratosfera, embora o lugar fosse bastante diferente do que imaginara.

Calvin tinha lhe dito que a academia passara por uma boa reforma no mês anterior. No entanto, fosse nova ou velha, aquela continuava sendo uma casa de torturas e ninguém conseguiria fazê-la pensar de outra maneira.

A área da recepção era espaçosa, toda pintada de rosa-claro, o centro dominado por um balcão circular.

— Que tal?

— Por que não me contou que era um lugar tão simpático? — ela perguntou com um sorriso embaraçado.

— E arruinar sua idéia de entrar numa casa de horrores?

— Não posso acreditar que tenha sido capaz de ler meus pensamentos.

— Os pensamentos pouco têm a ver com isso. A expressão de seu rosto falava por si só. E então, está impressionada?

— Estou sim. Com a decoração, é claro.

A decoração era mesmo algo de impressionar. Os carpetes rosa cobriam parte do chão de mármore e lá de baixo era possível enxergar o andar superior,

onde algumas pessoas corriam na pista de cooper. À direita da porta de entrada ficava uma das salas de musculação, com todo o aparato necessário para se praticar levantamento de pesos.

— Venha, deixe-me apresentá-la ao gerente. É ele quem está ali, conversando com as recepcionistas.

Os dois se aproximaram do balcão circular, rodeado de plantas ornamentais.

— Tony White, esta é Joanna Nash que pretende se exercitar sob a orientação de Mike.

— Prazer em conhecê-la — respondeu o homem baixo e corpulento, cujos cabelos vermelhos eram tão cheios de vida quanto o sorriso.—E então, está planejando fazer matrícula na academia?

— Não exatamente. Na verdade gostaria de contratar os serviços do sr. McCoy. É possível?

— Sem problema. Basta preencher alguns papéis e começarei a cuidar do assunto. — Tony lhe estendeu duas folhas e Joana rapidamente escreveu as informações pedidas.

— Ótimo, agora basta acertarmos os detalhes finais.

— Por acaso Mike está na academia agora? — Calvin parecia decidido a resolver a questão o quanto antes.

— Sim, numa das salas do andar superior.

— Poderia chamá-lo, por favor?

— Claro.

O gerente chamou o nome do fisioterapeuta pelo interfone e enquanto aguardavam, apresentou Joanna às duas recepcionistas que não escondiam a curiosidade em relação à recém-chegada.

O fato de ser objeto de interesse não a incomodava nem um pouco porque realmente estava vestida de modo impróprio para a ocasião. Como não tivera tempo de passar em casa depois de sair do trabalho, ainda usava o mesmo tailleur lilás, perfeito para o escritório porém inadequado num ambiente tão informal.

E embora seu chefe estivesse usando terno, não chamava tanta atenção quanto ela.

— Venha — Calvin falou interrompendo seus pensamentos —, vamos esperar por Mike ali dentro. — Os dois entraram na sala de musculação. — Tenho certeza de que você irá passar algum tempo aqui já que todos estes aparelhos foram desenvolvidos para auxiliar no tratamento de casos como o seu.

Ah, ali vem ele.

— Quem? Mike McCoy? — Joanna estava se sentindo cada vez mais apreensiva e apesar de ter consciência do quanto os exercícios físicos iriam ajudá-la, bem no fundo de si mesma gostaria de estar longe daquele lugar. Só o pensamento de se submeter ao martírio dos aparelhos a deixava nauseada.

— Mike, que bom vê-lo! — Calvin sorriu e estendeu a mão ao recém-chegado.

— Da mesma forma, sr. Granger.

— Gostaria de lhe apresentar minha secretária, Joanna Nash. Acho que o fisioterapeuta dela já conversou com você, não é?

Joanna sentiu o ar lhe faltar diante da figura máscula e imponente. Dizer que se tratava de um homem bonito era pouco. Maravilhoso seria a palavra mais adequada. Moreno, cabelos revoltos, olhos negros, uma combinação perfeita para o rosto de traços marcantes e viris. Os dentes muito brancos atraíam a atenção para os lábios carnudos e sensuais.

E o corpo de Mike fazia jus ao rosto. Ombros largos, quadris estreitos, braços fortes. As pernas musculosas pareciam fasciná-la, deixando-a totalmente embaraçada.

Ela se obrigou a desviar o olhar, enervada por tamanha força muscular, uma força que a fazia se lembrar do ex-marido e do sofrimento que experimentara nas mãos dele. Não, não queria saber de homens que preferiam usar os músculos ao invés do cérebro. Eles a aborreciam.

— Prazer em conhecê-lo — Joanna mentiu.

Mike fitou-a com intensidade, avaliando-a com igual ousadia. Depois sorriu, como se percebesse que a indiferença feminina não passava de uma fachada.

Joanna enrubesceu da cabeça aos pés, desejando poder arrancar aquele sorriso zombeteiro do rosto másculo. Ainda assim ele a deslumbrava. Apesar da aura perigosa, quase selvagem, de Mike McCoy, não conseguia ficar imune ao charme devastador.

Talvez fosse por causa da maneira penetrante como ele continuava a fitá-la. Joanna inspirou fundo, tentando abafar as batidas do próprio coração e quando por fim Mike desviou o olhar, sentiu-se como uma mulher rejeitada.

Oh, Deus, trabalhar com aquele homem não era uma boa idéia. Iria pagar caro se não ouvisse a voz da razão.

— E então, Mike, você acha que pode ajudá-la? — Calvin indagou rompendo o silêncio.

— Vai depender da srta. Nash.

—Podemos começar a qualquer momento—Joanna respondeu enfrentando o olhar de troça. Por nada deste mundo iria deixá-lo perceber o quanto a atraía.

— Amanhã é um dia tão bom para o início do tratamento como outro qualquer.

O tom de desafio estava presente em cada uma das palavras, como se não a julgasse capaz de enfrentá-lo.

— Estarei aqui — ela falou decidida, vencendo o desejo repentino de dar as costas ao desconhecido e fugir dali.

CAPÍTULO III

Mike limpou o suor do rosto e inspirou fundo várias vezes. Embora a luta de boxe com um amigo tivesse terminado trinta minutos atrás, ainda transpirava pôr todos os poros. O banho frio também não ajudara muito e a temperatura do corpo continuava elevada. O final do verão andava insuportavelmente quente e havia pouco que pudesse ser feito para amenizar o desconforto.

Ele limpou o rosto outra vez, jogou a toalha no cesto de roupa suja e saiu do vestiário direto para seu escritório, uma sala pequena junto ao centro de treinamento. A primeira providência foi ligar o ar condicionado no máximo.

— Você está em fogo, McCoy. — Mike riu com a própria piadinha e sentou-se para examinar os papéis preenchidos por Joanna Nash.

Na verdade o que o estava incomodando não era o calor exagerado mas a perspectiva de se exercitar com a nova cliente era sessões que tanto desejava quanto temia. Tratava-se de uma situação incomum e confusa pois não se lembrava de ter se deixado impressionar tanto por alguma aluna. Em seus trinta anos de vida já se relacionara com mulheres de vários tipos porém ninguém lhe passara uma impressão de tamanha frieza e indiferença quanto Joanna Nash. À exceção de sua ex-noiva, é claro. Contudo, o noivado pouco havia durado porque sua "ex" insistia em atormentá-lo para trocar a carreira de fisioterapeuta por um emprego no banco do pai, certa de que um cargo burocrático o faria ganhar muito mais dinheiro.

Ele cortara a chateação pela raiz, permanecendo onde estava e desmanchando o noivado. Também chegara à conclusão de que não valia a pena se comprometer com uma pessoa, já que relacionamentos sérios costumam ser arriscados e dolorosos. Decidido a não cometer o mesmo erro, adotara o princípio de jamais se aproximar de mulheres como a Srta. Nash.

Só que desta vez não lhe parecia muito fácil evitar uma aproximação. Sendo especializado em casos como o dela, não podia simplesmente se negar a tratá-la. Além do mais tratava-se da secretária de Calvin.

E Calvin não era apenas um dos donos da academia, portanto seu patrão, mas um amigo influente capaz de ajudá-lo, no futuro, a alcançar seu objetivo: abrir uma clínica de medicina esportiva.

A prática de exercícios físicos sempre atraíra Mike. Durante toda sua infância ansiara por atividades ao ar livre como uma maneira de escapar aos limites impostos pela casa pequena, constantemente cheia de gente. Um entre dez irmãos, crescera pobre sem contudo experimentar qualquer tipo de amargura. Pelo contrário, as dificuldades financeiras o estimularam a se

empenhar cada vez mais em ser o melhor. O esporte se tornou o válvula de escape natural na sua luta para vencer a pobreza.

Depois de se formar no colegial passara algum tempo lutando boxe no circuito amador. O dinheiro dos prêmios o possibilitara sustentar os pais e irmãos menores. Porém sua meta sempre fora obter um diploma universitário em Cinesioterapia.

E recentemente começara a realizar o sonho antigo, graças ao dinheiro ganho em academias como esta, que o possibilitava pagar a universidade além de continuar ajudando a família. É verdade que trabalhava duro, porém os esforços compensavam.

Nada iria impedi-lo de alcançar sua meta. Iria fazer o que fosse preciso, até mesmo agüentar clientes como a srta. Nash.

De qualquer forma era uma pena que ela fosse tão fria e reservada, sendo uma mulher bonita, sensual. Apesar de tê-la visto uma única vez, se lembrava muito bem dós detalhes do rosto e do corpo lindos, onde não se notava quaisquer traços de imperfeições. Cabelos castanhos claros, curtos e lisos, pele aveludada, feições delicadas e olhos verdes como esmeraldas. E a boca então... Lábios carnudos e sugestivos, capazes de fazê-lo imaginar as delícias escondidas sob o exterior indiferente.

Era uma pena que tanta beleza estivesse desperdiçada. Ou será que não? Talvez sob aquele aspecto impassível existisse um fogo ardente que precisava apenas ser despertado. De repente Mike se pegou pensando como seria Joanna Nash na cama. Qual a sensação de deslizar as mãos sobre o corpo sinuoso, tocar os seios, os mamilos...? Qual seria o gosto deles?

— Pelo amor de Deus, McCoy! — ele murmurou ao perceber o crescente estado de excitação, o sangue latejando nas veias, a virilidade ereta. — Você já não é mais nenhum adolescente.

Devagar sentiu corpo voltar a relaxar embora encontrasse dificuldade para se desvencilhar das imagens de Joanna nua, pronta para ser possuída.

Uma das principais regras da sua profissão era jamais misturar trabalho e prazer. Aquela tal de Nash era, definitivamente, uma questão de trabalho. Ela precisava de ajuda e não iria deixar sua libido colocar em risco o sucesso do tratamento.

— Ei, Mike, sua cliente chegou.

Ele estivera tão entregue aos pensamentos que mal ouvira quando o gerente da academia abrira a porta para chamá-lo.

— Quando vejo alguém como Joanna Nash sinto vontade de trocar de

lugar com você.

— Ela é fria — Mike respondeu secamente, as palavras de Tony irritando-o ainda mais.

— Ah, mas que gostoso seria esquentá-la. Eu bem que gostaria de tentar.

— Só se for nos seus sonhos, companheiro.

— Quer que a mande embora?

— Não. Já estou indo atendê-la. Antes de iniciar a sessão pretendo levá-la para conhecer toda a academia.

— Divirta-se.

— Tchau, Tony. Passar bem.

Mike esperou vários minutos depois que o gerente saiu e só então se levantou da escrivaninha e caminhou para a recepção. Joanna estava parada muito rígida junto ao balcão circular e por um instante ele conseguiu enxergá-la somente como uma pessoa desamparada e vulnerável, não a mulher distante e indiferente. Porém quando ela se moveu, tudo o mais desapareceu ao redor.

— Droga! — ele falou baixinho, os olhos fixos nas curvas sensuais cobertas pelas meias pretas e collant cavado.

Inconsciente de que estava sendo admirada a distância, Joanna ergueu as mãos para ajeitar os cabelos evidenciando ainda mais os seios e quase o fazendo perder o fôlego. Mike parecia fascinado, o olhar faminto passeando pelo bumbum empinado e seios firmes.

Ele praguejou de novo, apegando-se à filosofia de que jamais se deve misturar trabalho e prazer. No entanto tamanha perfeição parecia um desperdício de feminilidade. Joanna não era simplesmente bonita, mas deslumbrante. Sexy da cabeça aos pés, uma combinação rara e perigosa.

Ao se virar, ela o pegou encarando-a e no mesmo instante ficou tensa, uma sombra de hostilidade escurecendo os olhos verdes.

Embaraçado, Mike desviou o rosto. Droga, fazia anos que uma mulher não o perturbava tanto nem demonstrava irritação ao se sentir despida pelo seu olhar ousado. No entanto era o fato de se importar com a reação de Joanna o que mais o preocupava.

Respirando fundo, ele forçou um sorriso e se aproximou.

— Oi.

— Oi — ela respondeu friamente.

— Como passou o dia hoje?

— Bem.

Pelo jeito aquela mulher estava ainda mais arredia do que ontem e não pretendia facilitar nada. Aliás é o que se pode esperar de tipos intelectuais.

— Acho que seria uma boa idéia se eu lhe mostrasse a academia antes de começarmos.

— Vou ter que me exercitar naqueles aparelhos?

— Sim, terá. Muitos deles são designados para auxiliar no tratamento de casos como o seu.

Joanna cerrou os lábios, incapaz de disfarçar o profundo desagrado.

— Não se preocupe, vai dar tudo certo. Você só precisa confiar em mim. Peter Haskill me colocou a par de todo o trabalho que vocês dois realizaram juntos e estive estudando o desenvolvimento do caso com atenção. Tenho certeza de que logo, logo estará participando da maratona da cidade.

— Se diz isto para me fazer sentir melhor, pode saber que não adianta.

— Mas adiantará.

— Quanto tempo será preciso até que eu consiga reconstruir minha massa muscular?

— Com certeza várias semanas.

— Entendo.

— Venha, deixe-me lhe mostrar nossas instalações. Depois de andarem por toda a academia, Mike levou-a para seu escritório sentindo-a finalmente mais relaxada. O melhor era vê-la apenas como uma cliente que precisava de ajuda e não uma mulher desejável. Estabelecido este princípio, talvez o relacionamento entre os dois se tomasse menos difícil.

— Sente-se — ele falou apontando para uma cadeira defronte à escrivaninha.

— Obrigada.

— Antes de iniciarmos os exercícios físicos gostaria de deixar algumas coisas esclarecidas.

— Está bem. — Apesar de ansiosa, Joanna conseguiu manter a voz calma e controlada.

— A dieta alimentar é um ponto essencial para a sua total recuperação.

— Minha dieta?

— Não fique assim tão surpresa. Enquanto estiver se submetendo ao programa de condicionamento físico, é fundamental que coma alimentos saudáveis.

— Mas minha alimentação é saudável.

— Aposto que não tanto quanto deveria — ele respondeu sorrindo. — Dê uma olhada nesta lista. — Mike tirou algumas folhas de papel da primeira gaveta da escrivaninha e entregou-as a Joanna.

— Você está mesmo esperando que eu siga este regime?

— Tanto quanto possível.

— Uma porção de peito de frango, quatro rabanetes, uma concha de feijão-preto, seis bolachas de baunilha e uma xícara de leite desnatado. Você só pode estar brincando. Não consigo imaginar que alguém possa viver comendo coisas desse tipo.

— Concordo que o cardápio seja um pouco radical, especialmente agora. Porém você precisa ter consciência de que os alimentos balanceados são fonte de energia e vão ajudá-la a recuperar as forças. É importante manter uma dieta rica em proteína, grãos e vegetais.

— Se eu comer apenas o que está me sugerindo vou acabar um esqueleto andante.

— Isso você já é. Está magra demais.

Joanna sentiu o sorriso congelar na face. O comentário pessoal transformara os momentos leves em algo sério, fazendo-a experimentar emoções que iam do desconforto ao medo e à insegurança...

Percebendo o quanto a embaraçara, ele fechou a gaveta e ficou de pé, disposto a encerrar a conversa.

— Acho melhor começarmos os exercícios já.

Ela não se mexeu do lugar, os olhos enormes brilhando.

— Me diga uma coisa, você segue esta dieta?

Mike se sentiu relaxar, aliviado ao vê-la superar o instante difícil.

— Comparada à minha, a sua dieta parece ser a base de doces e cheeseburguers gordurosos.

— Você não pode estar falando sério.

— Não costumo brincar a respeito de assuntos importantes e você devia agir do mesmo modo. Apenas para fazê-la se sentir melhor, vou lhe contar o que almocei hoje: uma mistura de atum com feijão-branco e vinagre.

— Que horror! Sabe, antes do acidente eu praticamente só comia tacos e cheeseburguers.

— Se continuasse assim, suas artérias estariam entupidas de gordura antes que completasse cinqüenta anos.

— Eu sei, mas tacos e cheeseburguers são tão gostosos.

— OK... Hora de começarmos.

Joanna suspirou fundo, completamente desanimada.

— Ei, você não está a ponto de ser arrastada e esquartejada. São apenas alguns exercícios físicos.

— Para você é fácil falar.

Mike ficou em silêncio. alguns minutos, incapaz de não se deixar envolver pela beleza dela. Os lábios entreabertos revelavam dentes perfeitos e os olhos verdes pareciam esconder mistérios...

— Vamos nos encontrar aqui, no meu escritório, todos os dias para planejarmos a rotina. Assim terei oportunidade de responder suas perguntas e tirar possíveis dúvidas.

— Onde farei ginástica?

— Venha, vou lhe mostrar.

Os dois caminharam até uma sala pequena, dotada da aparelhagem mais moderna. Ali era o espaço reservado ao atendimento particular de clientes sem as distrações e o movimento do ginásio principal.

— Você fará o aquecimento e o relaxamento aqui. Contudo iremos trabalhar no ginásio principal também. Hoje estou planejando começarmos com alguns exercícios de alongamento. Na verdade a série de alongamento é essencial para tonificar os músculos e prepará-los para os exercícios mais pesados. O relaxamento final alivia a sobrecarga dos músculos.

— E o que acontece no intervalo entre alongamento e relaxamento?

— Esteira rolante por uns dez minutos para contar seus batimentos cardíacos e testar sua resistência. Então, se não estiver muito cansada, poderá pedalar a Schwinn Air-Dyne por mais dez minutos.

— É a bicicleta ergométrica?

— Sim. Algum problema em pedalar? — Ignorando a expressão de desagrado no rosto bonito, Mike continuou como se nada, tivesse percebido. — Observe enquanto faço uma demonstração do aquecimento.

Minutos depois Joanna completava a série inicial.

— E então, não foi tão ruim assim, foi? — ele indagou sorrindo.

— Não, foi pior.

Os vinte minutos seguintes passaram sem que nenhum dos dois desse por si. Embora Mike percebesse como cada passada na esteira rolante ou cada pedalada na bicicleta ergométrica fosse um verdadeiro suplício para sua cliente, ela não reclamou uma vez sequer.

— Tempo esgotado.

— E agora? O que devo fazer?

— Relaxar.

— Quer dizer que já terminamos por hoje?

— Isso mesmo.

— Ainda bem que já terminamos — Joanna comentou ao terminar de fazer o relaxamento. — Minhas pernas parecem feitas de gelatina.

— Vamos cuidar disso. Deite-se no colchonete. — Ele a instruiu em vários movimentos de alongamento destinados a relaxar os músculos das coxas. — Sente-se melhor agora?

— Não muito. Minhas pernas continuam tremendo.

— Talvez isso possa ajudar. Deitada de costas, apóie o peso do corpo nos cotovelos e junte as solas dos pés.

— O que você vai fazer?

Sem nada responder, Mike ajoelhou-se e colocou as mãos no interior das coxas de Joanna pretendendo massageá-la para trazer alívio aos músculos exaustos. No mesmo instante a sentiu ficar tensa.

Quando os olhos de ambos se encontraram, a tensão se tornou insuportável. Era como se seus corpos estivessem falando uma linguagem própria, impossível de ser ignorada. A atração mútua era evidente, ainda que nenhum dos dois ousasse admiti-la.

— Acho que por hoje é suficiente — ele falou de súbito, a voz baixa e rouca.

— Concordo. — Joanna levantou-se com dificuldade, ignorando a mão forte que tentava ampará-la e caminhou na direção da porta. — Ah... obrigada.

Mike fez um breve aceno com a cabeça e permaneceu imóvel, sentindo na boca um gosto amargo de fel.

CAPÍTULO IV

Agora Joanna conseguia entender por que Deus criara os sábados e domingos. É que a classe trabalhadora precisava de mais de um dia de descanso. Desde que assumira o cargo na National Savings, vinha enfrentando uma rotina puxada de serviço. Entretanto, sua fadiga não se devia ao acúmulo de trabalho, mas aos exercícios físicos. Na verdade, fadiga era uma palavra muito suave para descrever uma completa e total exaustão.

Ela havia acordado cedo com a idéia de ganhar algumas horas resolvendo os mil probleminhas domésticos antes da chegada de Kim. Como sempre, sua amiga acabaria convencendo-a a passar o dia inteiro na rua e não lhe sobraria tempo para mais nada.

Porém bastara empurrar as cobertas para o lado e levantar as pernas para perceber que cada músculo, cada osso de seu corpo, resolvera se vingar do esforço do dia anterior doendo desesperadamente. Gemendo, ela deixara a cabeça cair sobre o travesseiro e lá ficara.

O que parecera horas depois, conseguira enfim se levantar e tomar um longo banho de imersão na esperança de que o calor da água ajudasse a diminuir a intensidade das dores. Ledo engano. Os deuses deviam estar contra ela. Por fim conseguira sair dá banheira e vestir short, camiseta e um par de tênis.

Sem se incomodar em dar ao menos uma olhada na dieta prescrita por Mike, Joanna foi mancando até a cozinha e preparou um prato de ovos fritos acompanhados de torradas e geléia. Quem sabe se de estômago cheio não teria ânimo para começar as tarefas domésticas?

Agora eram três horas da tarde e continuava quase a se arrastar pela casa como uma velha inválida. Quando estava a ponto de se deitar no sofá para descansar, o telefone tocou.

— Alô.

— Joanna?

— Oi, mãe. Como vai você?

— Não sou eu quem devia estar lhe fazendo esta pergunta?

— Apesar de toda dolorida, vou bem.

— Dolorida?

— Sim, dolorida. De fato, péssima seria a palavra mais exata.

— Mas eu pensei que Peter havia dito que você estava a caminho da total recuperação.

— É verdade, só que comecei os exercícios de condicionamento físico esta

semana.

— Oh, é isso — Louise Nash respondeu. — Talvez então não seja uma boa idéia seu pai e eu irmos visitá-la hoje?

Joanna sentiu uma pontada de alegria. Havia algo diferente no tom de voz de sua mãe. Quem sabe eles não queriam a companhia da filha, pelo menos para variar a rotina?

— Seria ótimo. Kim estará aqui e nós quatro poderíamos jantar fora.

— Bem... Acho melhor vocês duas manterem o plano original. Seu pai e eu iremos visitá-la num outro dia. De qualquer maneira nós fomos convidados para um jantar e não poderíamos faltar.

Ela devia ter imaginado que aquela demonstração de preocupação e carinho parecia boa demais para ser verdade. Há muito tempo não se sentia tão só.

— Como quiser, mãe.

— Telefono para você outra hora. Cuide-se e não exagere na ginástica.

— OK.

Ao desligar o telefone, Joanna precisou lutar contra as lágrimas. Não, não iria se deixar ferir outra vez. Seus pais eram egoístas, sempre haviam sido e sempre seriam. Esperar qualquer mostra de afeto daqueles dois servia apenas para aumentar o profundo sentimento de rejeição e mágoa.

A última coisa em que gostaria de pensar agora era nos defeitos dos pais. Decidida a não se entregar à tristeza, foi para a cozinha e preparou um café.

Depois do divórcio pensara em se mudar dali, porém chegara a conclusão de que não valia a pena. Embora pequena, duas suítes, copa, salas de estar e jantar, a casa era aconchegante e arejada. Todas as paredes haviam sido pintadas de branco o que parecia aumentar o ambiente. Na decoração predominavam os tons de salmão e verde claro, criando uma atmosfera suave e delicada. Plantas e flores ocupavam cada cantinho disponível aproveitando a luz que entrava pelas janelas enormes. Um de seus maiores desejos era construir uma estufa junto à copa. Quem sabe algum dia desses não teria tempo e dinheiro suficientes para realizar o sonho antigo?

Contudo agora tinha assuntos mais urgentes para resolver. Primeiro precisava sobreviver às sessões de ginástica e ao depoimento no julgamento do ex-patrão. As duas perspectivas a animavam tanto quanto uma ida ao dentista.

— Você é uma frouxa, Joanna Nash — ela murmurou bebericando o café quente. Admitir a própria covardia não a ajudava em nada. A única cura possível era esquecer o responsável pelo seu tormento, físico e emocional.

Mike McCoy, o homem de sorriso provocante e covinha no lado direito do rosto. Durante todo o dia evitara pensar nele, mas agora não sabia como tirar aquela imagem viril da cabeça. Irritada, deitou-se no sofá e agarrou uma almofada com força.

Então ele a perturbava. Não tinha importância. Sabia muito bem lidar com a situação. Podia muito bem lidar com ele. Será que podia mesmo? Oh, claro que sim. A última coisa que queria nesta fase da sua vida era um homem. Ainda que o momento fosse outro, ainda que estivesse pronta para um novo relacionamento, não iria querer Mike McCoy.

Há tempos conseguira enterrar uma parte de si mesma, uma parte sensual que ansiava ser abraçada, acariciada, amada. Aprendera a usar um escudo ao redor do corpo e da alma com a convicção de uma noviça. Desde o divórcio tivera uns poucos namorados, porém nenhum deles representara algo importante.

Estava determinada a evitar que Mike McCoy invadisse sua vida e a desviasse do firme propósito de se manter distante de envolvimentos amorosos. Entretanto homem algum a tinha olhado daquela maneira penetrante, como se ela fosse a única mulher sobre a face da Terra. Contudo os olhares ousados não valiam um centavo. Assim como as demonstrações de interesse e atenção. Já não tinha aprendido, por experiência própria, que homens fascinantes e mulherengos não passavam de uma fonte eterna de problemas? Eles não tinham idéia do que era amar ou ser amados. Os McCoy do mundo não passavam de aproveitadores.

Então por que sentia o sangue correr mais rápido nas veias só de pensar nele?

— Droga — ela praguejou sentando-se para massagear as batatas das pernas que doíam terrivelmente.

E depois de amanhã teria outra sessão de ginástica onde se veria obrigada a enfrentar mais dor e mais da presença dominadora do fisioterapeuta.

Foi apenas depois do terceiro toque da campainha que Joanna percebeu ter alguém à porta. Devia ser Kim. Esforçando-se para andar normalmente, foi atender.

— Kim, é você? — perguntou antes de abrir.

— Sim.

— Puxa, já era hora da senhora aparecer.

— Bem que eu quis chegar mais cedo, porém não conseguia parar de fazer compras.

— Mais compras?! Não acredito.

— Pois pode acreditar.

— Espero então que tenha mandado ampliar seu guarda-roupa. Não consigo imaginar uma única pecinha de roupa extra metida naquele móvel. Está lotado de alto a baixo!

— Engraçadinha.

Joanna riu e abraçou a amiga antes de levá-la para a sala de estar.

— O que há de errado com você? — Kim perguntou observando-a. — Está toda rígida, parece uma tábua andando.

— Obrigada, queridinha. Você certamente sabe escolher palavras delicadas.

— Só disse a verdade. O que aconteceu?

— Você não iria querer saber.

— Oh, iria querer saber sim.

— Tive minha primeira sessão de condicionamento físico na academia ontem.

— Você?! Numa academia? — Kim riu alto, como se tivesse ouvido uma piada. — Neste mundo acontecem coisas estranhas.

— Quer parar de rir e se sentar um pouco? Ótimo. Gostaria de beber alguma coisa?

— Não, não no momento. Obrigada.

— A que horas você chegou em casa ontem à noite?

— Por volta das duas horas da madrugada. O avião saiu de Nova York atrasado. Como eu gostaria de não precisar voltar àquela cidade. A cada vez que vou lá a agitação me parece maior.

— É melhor se acostumar. Seu editor nunca deslocaria o escritório principal para outro lugar.

— Eu tentei persuadi-lo a ser mudar para Houston, só que de nada adiantou. Todas as pessoas da editora me olharam como se eu fosse uma maluca apresentando sugestões esquisitas.

— Não consigo imaginar por quê. As duas riram.

— Agora vamos mudar de assunto, já falei o suficiente sobre mim. E então Peter Haskill conseguiu convencê-la de que você não está tão forte quanto deveria?

— Na verdade não precisei ser convencida. Estes últimos dias no escritório foram um inferno. Eu simplesmente não tenho energia suficiente para dar conta do meu trabalho. É incrível como fico exausta em poucas horas.

— Se quer saber minha opinião, acho que você está se exigindo muito

antes do tempo. Não foi apenas seu corpo que sofreu ferimentos graves no acidente, sua mente também sofreu um trauma com as suspeitas levantadas pela polícia de que o atropelamento tenha sido uma tentativa de homicídio.

— Eu sei. E difícil lidar com tudo isso, especialmente quando ainda não recuperei minha antiga energia.

— Então Haskill a mandou para uma academia, hein?

— Para ser mais exata, estou matriculada na sua academia.

— Na minha? Você deve estar brincando.

— Droga! Bem que gostaria de estar brincando mesmo.

— Não me lembro quando foi a última vez em que a ouvi praguejar.

— Se você tivesse passado a manhã na minha companhia teria ouvido o suficiente.

— Está se sentindo tão mal assim?

— Pior.

— Quem é o responsável pelo seu programa de condicionamento?

— Mike McCoy.

— Oh, puxa... Oh, puxa vida...

— O que, exatamente, está querendo me dizer com isso? — Joanna perguntou ao perceber a expressão divertida do rosto redondo da amiga.

— Eu estava aqui me perguntando se não teria sido melhor se o escalado para orientá-la fosse Dwight Mitchum.

— Pelo jeito Mike é o melhor dos fisioterapeutas. Pelo menos é a opinião de Peter e Calvin.

— Oh, não tenho dúvidas quanto a isso. — Kim ficou em silêncio durante alguns segundos. — Seu patrão costuma freqüentar a academia, não é? Eu tinha me esquecido deste detalhe.

— Na verdade ele é um dos donos.

— Como foi a primeira entrevista? Como você se saiu com... ah... o sr. McCoy?

— Você o conhece?

— Não há uma única mulher dentro daquela academia que não conheça aquele pedaço de mal caminho.

Joanna sentiu um aperto no coração, mas preferiu ignorar e se comportar cem naturalidade.

— E então?

— Não tenho certeza de que você vai gostar de ouvir o que vem depois do

"então".

— Se você tem alguma coisa para dizer, pelo amor de Deus diga logo. Conheço esta sua risadinha maliciosa. É acompanhante típica das fofocas.

— Para ser sincera não tenho nenhuma fofoca para contar — Kim respondeu inocentemente, o mesmo sorriso no rosto. — Ouvi dizer que depois da profissão, as mulheres são a grande paixão de Mike. Algumas acham que ele devia andar com um crachá escrito: "Cuidado, Perigo".

— Para seu controle, eu sou uma das que não se deixou levar pelos encantos daquele... daquele monte de músculos. Não gosto de tipos sem cérebro.

— Ah, quer dizer então que ele já tentou lançar o charme para cima de você?

— Não exatamente. — Joanna mudou de posição no sofá, sentindo-se enrubescer da cabeça aos pés. O tom de voz deixava claro o desagrado que o assunto estava lhe causando. — Na verdade quem presta atenção a homens como o sr. McCoy? Oh, admito que ele é bom para se olhar e que parece ter todos os músculos do corpo no lugar... Entretanto...

— Entendo... — Kim sorriu como se estivesse percebendo o que estava por trás das palavras da amiga.

Joanna ignorou o comentário da outra e seguiu em frente procurando se justificar

— Mas ele não me interessa nem um pouco. Sério.

— O que não consigo imaginar é vocês dois se exercitando juntos. É como tentar misturar água e óleo.

— Aí está uma boa comparação.

— Eu sabia. Você procurou manter distância desde o princípio, não é? Para evitar qualquer problema futuro.

— É uma maneira de colocar as coisas.

— De qualquer forma é melhor ter cuidado quando estiver perto dele.

— Não precisa se preocupar comigo. — Joanna forçou uma risada, se esforçando para parecer natural. — Conheço o tipo muito bem. Além do mais homens assim me deixam fria.

— Estou começando a achar que você está tentando se justificar com muita veemência.

— Que amiga você é, hein? — Ela atirou uma almofada em Kim, sorrindo para esconder o embaraço.

— Eu sei, querida. Olha, estou morta de fome. Por que não saímos para comer alguma coisa? Enquanto lanchamos poderei lhe contar sobre os novos

exercícios aeróbicos. Talvez você se anime a tentar.

— Se eu fosse você, não contaria com isso.

CAPÍTULO V

Kim sentou-se no banco e olhou no relógio de pulso.

— Ainda não consigo acreditar. Você está mesmo aqui ou é produto da minha imaginação?

— Psiu, não fale tão alto — Joanna murmurou reparando que todas as outras mulheres aguardando o início da aula de aeróbica lançavam olhares curiosos na sua direção.

— Por que falar baixo, querida? Você devia estar orgulhosa de si mesma.

— Qualquer dia desses ainda vou acabar lhe colocando uma mordaça.

— E eu não a culparia. — Kim sorriu sem no entanto demonstrar qualquer sinal de arrependimento.

Apesar de ser sábado, Joanna tinha prometido ir até a academia porque Kim insistia em lhe mostrar a última moda em se tratando de ginástica aeróbica: steps. Bem que podia compreender o entusiasmo da amiga ao vê-la cinco quilos mais magra.

— A aula deve começar em quinze minutos. Você pode ficar para assistir?

— Só durante algum tempo. Estive pensando em dar um pulo no escritório para trabalhar um pouco e depois visitar meus pais. Eles pretendiam ir à minha casa mas acabaram mudando de idéia. Se eu quiser vê-los terei que procurá-los.

— Será que algum dia você vai se animar a fazer uma aula de aeróbica, querida? — Kim apontou para o professor que distribuía os steps e se preparava para iniciar o aquecimento. — É claro que não com o objetivo de perder peso e sim de recuperar a energia e aumentar a resistência física.

— Acho que exercícios aeróbicos, mesmo os de baixo impacto, não fazem muito o meu gênero.

— Era o que eu temia ouvir.

Joanna olhou ao redor reparando cada detalhe do ambiente. Apesar do terrível calor lá fora, a temperatura interna estava bastante agradável e os raios de sol penetravam pelo teto envidraçado derramando-se sobre a sala numa luz suave e envolvente.

A academia estava apinhada de gente. Homens e mulheres se moviam de um lado para o outro numa atividade incessante. É claro que a onda do culto ao corpo já assolava o país há algum tempo, porém o fato de estarem no verão, quando as pessoas se exibem em praias e piscinas, aumentava o desejo de estar em forma. Daí um interesse maior pela ginástica e esportes.

Foi ao passear os olhos pelo salão de levantamento de peso que ela o viu.

Ele havia acabado de se exercitar com uma pesada barra de ferro, parecendo inteiramente à vontade. De onde estava era possível enxergar o suor escorrendo pelo rosto másculo, o corpo perfeito, de músculos bem torneados, atraindo-a como um imã. Mike se movia com a graça de um felino, a elegância natural de quem se sente seguro do que é.

— Ele é lindo, não é?

Joanna ficou vermelha ao ser apanhada observando o fisioterapeuta com tamanho interesse.

— Já vi espécimes mais bonitos — respondeu tentando soar convincente.

— Não nesta vida, queridinha. — Kim riu sabendo muito bem que estava com a razão.

— Homens como o sr. McCoy me deixam indiferente.

— Hum... Ele parece um lutador de boxe, você não acha?

— Aí está um esporte que não consigo tolerar. Por que alguém gosta de esmurrar um outro ser humano até deixá-lo inconsciente está além da minha compreensão. Me parece um costume bárbaro.

— Pessoalmente eu também não aprecio esse esporte, porém muita gente é apaixonada por boxe. Aposto que deve exercer algum fascínio nas pessoas em geral.

— Pessoas como Mike McCoy.

Como se sentisse estar sendo observado, ele olhou na direção das duas mulheres, os olhos escuros prendendo os de Joanna com uma força irresistível. Por um momento tudo ao redor deixou de existir. Ela ficou imóvel, o sangue latejando nas veias e deixando-a em fogo.

Então ele recolocou os pesos no lugar e começou a andar ao encontro de ambas.

— Oh, puxa... — Kim murmurou, surpresa. — Aqui vem aquele pedaço de homem.

Outra vez Joanna sentiu o pulso acelerar, numa reação tipicamente feminina à aproximação de um macho sensual; Irritada por se sentir tão vulnerável, ela se obrigou a transformar a atração num sentimento que quase beirava a raiva. Esta criatura viril e musculosa não merecia sua confiança. Mesmo que a deixasse sem fôlego com um simples olhar.

Agarrando-se a tais pensamentos, ela lutou para manter as emoções sob controle. Devia ter sempre em mente que o sr. McCoy não passava de seu fisioterapeuta e que tão logo recuperasse a antiga forma, nunca mais voltaria a vê-lo.

— Querida, preciso ir embora agora. — Kim cutucou o braço da outra. — Minha aula está começando.

— Não ouse me deixar sozinha — Joanna pediu baixinho, a voz ansiosa quase descontrolada.

— Mas tenho que ir, não posso perder a aula. Além do mais, se você vai passar três dias por semana na companhia do fascinante sr. McCoy, poderá muito bem agüentar alguns minutos extras agora. — Ela deu uma piscadela, parecendo se divertir bastante com a situação. — Tente evitar que ele a morda.

Joanna bem que gostaria de ter dado um beliscão na amiga, porém Kim se afastou quase correndo, deixando-a só e insegura.

Depois de alguns segundos, que pareceram durar uma eternidade, Mike finalmente parou ao seu lado, uma expressão indecifrável no rosto.

— Oi. — A voz profunda e sensual soava segura como sempre.

— Oi. — Oh, Deus, por que aquela sensação de que ia desmaiar só de fitar os olhos escuros e penetrantes?

— Tenho que confessar que estou bastante surpreso ao encontrá-la aqui.

— Não mais do que eu. Esta vinda à academia em pleno sábado não fazia parte de meus planos, posso lhe garantir.

— Por que veio, então?

Joanna inspirou fundo procurando clarear os sentidos. Como era possível reagir com tanta intensidade à simples presença de um homem?

— Para ser sincera, Kim me arrastou pelo braço.

— Kim Davenport?

— Além de uma grande amiga, ela acredita firmemente nos poderes dos exercícios físicos, em particular nos poderes desta

academia.

— E está tentando convencê-la a se juntar ao nosso time, certo?

— É, algo mais ou menos assim.

— Só que não está funcionando, não é?

— Qual a sua opinião?

— Mesmo que você estivesse cem por cento em forma, nem uma granada seria capaz de obrigá-la a entrar nesta sala de ginástica. — Mike sorriu, sabendo que a estava provocando.

— Acertou.

— Ah, a propósito, como vai a dieta?

— Exatamente do jeito que você acha. Ele riu de novo.

— Bem, não se pode culpar alguém por tentar convencer os outros dos benefícios da alimentação natural.

Os dois sorriram e permaneceram em silêncio durante alguns minutos como se de repente não soubessem mais o que dizer. Entretanto a tensão que os envolvia continuava a mesma, como se uma corrente elétrica os estivesse penetrando. Por um louco instante se esqueceram das pessoas e do barulho ao redor. Nada mais importava a não ser a sensação deliciosa de se afogar nos olhos um do outro.

Joanna suspirou fundo e estava a ponto de se forçar a dizer qualquer coisa para quebrar o encantamento quando ele desviou o olhar e falou:

— Meu cliente das quatro horas deve estar chegando. Espero voltar a vê-la na próxima segunda-feira.

— É, não devo faltar — ela respondeu fazendo questão de não fitá-lo.

Mike abriu a boca como se fosse dizer algo e então mudou de idéia. Apenas lhe deu as costas e se afastou decidido.

Só depois de se ver a sós foi que Joanna voltou a respirar normalmente, o peito parecendo a ponto de explodir.

Droga, precisava saber controlar os sentimentos. Controle. Ali estava a chave de tudo. Não conseguia se lembrar qual fora a última vez em que se sentira tão vulnerável, tão incapaz de dominar as próprias emoções. No entanto havia alguma coisa neste homem insinuante e musculoso capaz de lhe virar a cabeça.

— Ei, você já está indo embora?

Ela se virou devagar e sorriu para a amiga, que parecia suar por todos os poros.

— A aula terminou?

— Não. — Apesar de ofegante, Kim estava evidentemente satisfeita. — O professor nos deu um intervalo de cinco minutos. Para quem quiser tomar água!

— Boa idéia. Você parece estar mesmo precisando de um belo copo d'água.

— Quem não se esforça nada consegue, minha querida.

— Oh, por favor, me dê uma folga.

— Não se esqueça de me telefonar mais tarde, OK?

— OK.

— Ah, antes de ir embora, será que você não queria me contar alguma coisa?

— Como, por exemplo?

— Como, por exemplo, sobre o que você e Mike estiveram conversando durante este tempo todo? — Kim sorriu sabendo que tinha tocado num ponto sensível.

Joanna sentiu o rosto ficar vermelho e se odiou pela fraqueza.

— Além de você estar sendo intrometida também fica imaginando coisas onde nada existe e nunca existirá.

— Talvez sim, talvez não. Não é possível que você ainda não tenha percebido a maneira especial como ele a olha.

— Vamos, menina, mexa-se. Volte à ginástica.

Kim abraçou rapidamente a amiga e correu para se juntar à turma.

Com os pensamentos num turbilhão e atordoada por mil perguntas sem resposta, Joanna suspirou e saiu da sala.

— Sinto muito, mas o sr. Granger não virá ao escritório hoje. Posso marcar uma hora apenas para amanhã.

Joanna ouvia a voz monótona do outro lado da linha se esforçando para não perder a paciência. Por que será que as pessoas insistem, mesmo sabendo que não têm razão?

— Eu sei o quanto o seu tempo é importante e escasso, sr. Edwards. O mesmo acontece com o sr. Granger, entenda. Ele não pode atendê-lo hoje simplesmente porque não está no escritório.

Ela escutou os argumentos durante mais alguns minutos e depois desligou, não antes do sr. Edwards deixar claro que iria procurar outra empresa. Na verdade não valia a pena se preocupar com clientes daquele tipo, embora eles sempre conseguissem deixá-la irritada. Joanna massageou as têmporas, desejando não ser obrigada a ter que aturar dias como este.

Desde que chegara ao trabalho, às sete horas da manhã, o telefone não tinha parado de tocar. Agora já passava da uma hora da tarde e mal tivera tempo de estudar as folhas empilhadas sobre a mesa.

Ela deu uma olhada em algumas pastas reparando que ainda tinha pelo menos uns cinco documentos referentes a empréstimos para preparar além de várias cartas importantes para datilografar.

Mas o que gostaria mesmo de poder era conseguir escapar do que precisava fazer depois do expediente. Bom mesmo seria ir para casa e tomar um longo banho de imersão. A idéia de que dali a pouco estaria na academia enfrentando uma sessão de exercícios e... Mike McCoy, a deixava fora de si.

Se ao menos ele não tivesse que encostar as mãos em mim.

Joanna levantou-se de repente como se o movimento brusco pudesse

aliviar o peso de seus pensamentos. Ansiosa, caminhou até a janela no instante em que ouvia alguém bater à porta.

— Entre — ela falou sem se virar, achando que devia ser uma das outras secretárias.

— Bom dia, sita. Nash.

A voz firme do detetive Ed Mason a assustou, fazendo-a virar-se.

— Oh, olá... — O que será que ele queria desta vez?

— Talvez eu devesse dizer boa tarde. — O homenzinho sorriu tentando se mostrar amável.

— Bom dia, boa tarde... Acho que não faz muita diferença.

— Você pode dispor de alguns minutos para conversar?

— Claro. Sente-se, por favor.

Joanna observou-o sentar-se na cadeira defronte à escrivaninha e sorriu de leve. Era fácil se deixar enganar por aquela aparência quase desleixada e achar que o cérebro por detrás dos olhos míopes devia ser pouco sagaz também. Ledo engano. O homenzinho mal vestido era dono de uma inteligência brilhante e nada lhe escapava. Era por isso que se sentia assustada.

Se Ed Mason fora lhe procurar, com certeza algo importante devia estar acontecendo.

— Ultimamente você tem tido algum contato com ó advogado de seu ex-patrão?

— Não, nenhum.

— Alguém mais entrou em contato com você?

— Apenas o assistente da promotoria.

— Isso não me surpreende.

— Aonde o senhor quer chegar, detetive? Com certeza não continua pensando que o atropelamento e o meu depoimento estão relacionados?

— Sim, senhora, continuo pensando.

— Bem, pois eu não.

Joanna sentou-se, uma expressão decidida no olhar.

Mason passou os dedos pelo bigode farto, fitando-a com firmeza.

— Já fizemos um levantamento de todas as oficinas da cidade e agora estamos checando as que são especializadas em consertos, em especial as desta região.

Ele aguardou que Joanna fizesse algum comentário e como nada acontecesse, seguiu em frente.

— Um policial a paisana foi designado para vigiar sua casa.

— O quê?

— É apenas uma medida de precaução. O policial terá a missão de protegê-la.

— Mas eu não quero ninguém vigiando minha casa. — Joanna tinha a impressão de que sua cabeça ia explodir de dor.

— Posso entender o seu receio, porém meu chefe acha que é a maneira mais acertada de agir até esclarecermos o caso.

— Por acaso está tentando me assustar, detetive? Pois se está, tem feito um ótimo trabalho. Estou apavorada.

— Não é esta nossa intenção. De qualquer forma precisamos fazer aquilo que consideramos o melhor. Não podemos permitir que corra o menor dos riscos.

— Está bem, mas continuo não gostando nem um pouco da idéia.

Mason ficou de pé e passou os dedos pelos cabelos rebeldes.

— Eu sei, compreendo seu ponto de vista. Tentaremos ser tão discretos quanto possível. Posso prometer que não atrapalharemos em nada sua rotina.

Quando finalmente se viu a sós, Joanna colocou a cabeça entre as mãos, os pensamentos mais desordenados do que nunca.

De uma única coisa tinha certeza. Nenhum dos arranjos feitos pela polícia poderia lhe servir. Iria se sentir mais incomodada do que nunca.

CAPÍTULO VI

— Quando é que você e papai estão planejando voltar?

— Dentro de uma semana — Louise Nash respondeu.

— Creio que então não os verei antes da viagem.

— Não, não dará tempo.

Embora ouvisse a nota de impaciência na voz da mãe, Joanna tentou não se deixar abalar. Pena que não conseguisse evitar a profunda sensação de mágoa. Droga de sentimentos! De qualquer modo não iria demonstrar qualquer sinal de amargura e nem permitir que a mãe escapasse da conversa assim tão facilmente.

— Bem, é uma pena que não tenhamos nos encontrado no último fim de semana — Joanna falou de propósito.

O suspiro profundo de Louise não escapou aos ouvidos sensíveis da filha.

— Eu sei, querida, e sinto muito. Mas você sabe como seu pai é em relação ao trabalho. Quando o reitor da universidade pediu a ele que presidisse o jantar beneficente para arrecadação de fundos, não pôde dizer não. É claro que não faríamos uma desfeita destas ao professor Adams.

— Entendo, mamãe. — Por mais que lhe custasse, estava disposta a mentir para esconder a tristeza e a sensação de abandono que lhe ia na alma.

— É claro que entende, querida. Você sempre soube compreender tudo, desde pequena. Oh, a propósito, tem tido alguma notícia nova sobre as investigações policiais em relação ao acidente?

— Não, não tenho. A polícia ainda está analisando o caso partindo do princípio de que o atropelamento e o meu testemunho na justiça estão relacionados.

— Só espero que estejam errados.

— Eu também. Silêncio.

Joanna ignorou a vontade imensa de chorar e se obrigou a manter a voz firme e natural.

— Bem, aproveitem a viagem e cuidem-se sempre. Telefono quando voltarem.

Silêncio outra vez. Por fim a sra. Nash falou:

— Você tem se cuidado bem, não é?

— Sim, mamãe. — Se Louise percebeu o traço de ironia nas palavras da filha, fez questão de ignorá-lo.

— Então seu pai e eu lhe telefonaremos quando voltarmos. Adeus, querida.

Quando Joanna colocou o telefone no gancho ela fechou os olhos, tentando conter as lágrimas. Logo depois do acidente seus pais haviam demonstrado interesse e preocupação quanto ao seu estado de saúde, porém bastara ter recomeçado a trabalhar para os dois se convencerem de que a vida da filha voltara ao normal. Se isso ao menos fosse verdade. O fato é que bem no íntimo temia nunca mais poder levar uma vida normal. E Ed Mason, com certeza, fizera o possível para aumentar seu estado de confusão e frustração. Não conseguia encarar seriamente a possibilidade de que alguém pudesse estar espreitando-a, aguardando a oportunidade de dar cabo dela. O pensamento era tão absurdo que a fazia sorrir e ao mesmo tempo ter vontade de chorar.

Estava certo que Tom Hancock, seu ex-patrão, corria o risco de ser preso. Porém isso não significava que ele tivesse coragem de tentar matá-la para evitar que testemunhasse no tribunal. De qualquer forma teria que cooperar com a lei. No fundo de si mesma sabia que precisava de proteção sim, mas não contra alguma força desconhecida que poderia estar ou não pairando sobre sua cabeça. Precisava de proteção apenas contra o homem musculoso da academia.

— Pare de pensar no assunto — Joanna murmurou trocando a roupa de trabalho por um conjunto de ginástica.

Não, não iria permitir que um quase desconhecido a perturbasse tanto. A partir de hoje iria ignorar as sensações deliciosas que a percorriam de alto a baixo a cada vez que ele a olhava daquela maneira penetrante e especial como se conhecesse todos os segredos de seu corpo.

Afinal era apenas uma questão de controlar os hormônios e esmagar o desejo.

Cheia de determinação, ela agarrou a bolsa e saiu de casa.

— Por que não podemos nos encontrar hoje à noite? — Tanya Hall choramingou, os olhos enormes fixos em cada movimento do homem à sua frente.

Mike suspirou fundo, colocou os halteres no chão e sentou-se na poltrona do escritório. Cansado, limpou o suor do rosto com uma toalha e atirou-a no cesto de roupa suja. Finalmente voltou a atenção para a loura sentada sobre a escrivaninha, que fizera questão de cruzar as pernas da maneira mais provocante possível.

— Eu já lhe disse que estarei ocupado.

— Você está sempre ocupado — ela choramingou outra vez. — Ou pelo menos tem estado nestas duas últimas semanas.

— Olhe, Tanya...

— Já sei. Já sei. Você não quer se sentir pressionado por ninguém.

— Exatamente.

— Eu pensei que havia algo acontecendo entre nós dois. Mike ficou em silêncio examinando a loura da cabeça aos pés.

Bonita, cintura fina e pernas maravilhosas. Além do mais estava louca por ele. Então qual o problema? Se fosse em outra época, estaria fazendo o máximo para estimular o relacionamento entre ambos.

Essa outra época seria antes de ter conhecido Joanna Nash. Pela primeira vez na vida encontrara uma mulher capaz de deixá-lo a ponto de perder a cabeça como um adolescente inexperiente.

— Mike?

— Desculpe, mas não vai ser possível sairmos juntos.

— Será que eu fiz alguma coisa errada? — Havia irritação na vozinha fina agora.

— Não, Tanya, não tem nada a ver com você. O problema é comigo. Eu lhe telefonarei qualquer dia desses, OK? Vamos simplesmente deixar as coisas como estão.

— Certo. — Ela se levantou e caminhou na direção da porta. — Só que você não pretende me telefonar. E nós dois sabemos disso. Quem é ela?

— Não sei sobre o que você está falando.

— Uma ova que não sabe. Eu posso parecer uma tola, porém lhe garanto que não o sou.

Furiosa, Tanya saiu pisando duro e bateu a porta atrás de si com toda a força de que era capaz.

Mike praguejou alto, as palavras se misturando ao barulho estridente da madeira. Mulheres. Elas não representavam nada além de problemas. Joanna Nash em particular. De repente ele sentiu uma vontade incontrolável de sair dali e escapar para a academia onde treinava boxe. Quem sabe conseguiria aliviar as frustrações esmurrando o saco de areia?

Entretanto nem mesmo a hora passada no ringue foi suficiente para manter seus pensamentos longe de Joanna e na próxima sessão que ambos teriam juntos. Não se lembrava quando fora a última vez em que uma mulher fora capaz de interferir na sua rotina, virando-a de ponta-cabeça.

O que será que havia de tão especial em Joanna Nash? Não conseguia dizer com certeza. Mesmo assim aquela imagem distante e sensual continuava a atormentá-lo, forçando-o a se fazer mil perguntas para as quais não tinha respostas... Qual seria a sensação de abraçá-la, tocá-la, se enterrar bem fundo

dentro dela?

Por que diabo se preocupava e gastava horas pensando tamanha bobagem? Sua preferência sempre fora pelas Tanya do mundo. Na verdade há tempos decidira manter distância de mulheres como a srta. Nash. Ela era fria, intelectual demais para atraí-lo. E perfeita demais para o seu próprio bem.

Contudo não conseguia arrancá-la da cabeça. Só desejava tocá-la outra vez.

Ele ergueu os halteres e fez várias flexões.

— Oi.

Mike sentiu o sangue correr mais rápido nas veias e virou a cabeça no mesmo instante, largando os halteres no chão. Tudo o que conseguia fazer era olhar para a mulher que acabara de entrar no escritório.

Ela vestia meia-calça preta, collant amarelo cavado e um camisão de seda branca aberto na frente. Os cabelos curtos e escuros estavam penteados para trás e uma fragrância deliciosa emanava daquele corpo perfeito, impregnando o ar. Fascinado, Mike inspirou fundo tentando guardar o perfume inebriante na alma.

— Será que eu devo voltar mais tarde?

O tom de voz frio o atingiu como uma ducha de água gelada. Ele praguejou em silêncio, odiando-se por se sentir tão vulnerável.

— Não. Você está bem dentro do horário. Sou eu quem se atrasou um pouco.

De repente Mike percebeu que Joanna tinha os olhos fixos em seu peito largo, molhado de suor. E foi somente quando ergueu as mãos para passá-las nos cabelos que sua cliente pareceu voltar a si e sair do transe sensual, o rosto delicado coberto por um rubor intenso. Surpreso, ele reparou um brilho inconsciente de desejo nos olhos verdes que teimavam em não fitar os seus. Ótimo, pensou, dominado por uma alegria quase infantil. Então Joanna não era assim tão imune à sua presença como o levara a acreditar.

— Tem se sentido mais forte? — Mike indagou antes que o peso do silêncio se tornasse insuportável.

— Um pouquinho.

— Hoje você trabalhou o dia inteiro?

— Sim. — As feições perfeitas se iluminaram num sorriso feliz. — Pela primeira vez desde o acidente consegui trabalhar o dia inteiro.

— Ótimo.

Ao vê-lo vestir a camiseta e se preparar para o início da sessão, Joanna tirou a camisa de seda e guardou-a na bolsa. Agora era ele quem a olhava

intensamente, reparando os contornos dos seios sob o collant aderente. Uma onda de desejo o atravessou da cabeça aos pés, quase o impedindo de respirar.

Lutando contra o impulso de tomá-la nos braços, desviou o olhar.

— Hoje você vai se exercitar em alguns dos aparelhos do ginásio principal, especialmente nos que trabalham a musculatura das pernas.

— Está bem.

— Tente não parecer tão excitada. — Aquele ia ser mais um daqueles dias difíceis. Podia sentir a tensão se acumulando nos ossos. — Vamos.

Joanna saiu do escritório e ele a seguiu, incapaz de desviar o olhar do balanço dos quadris arredondados. Ao chegarem à sala de musculação, estava com a respiração lenta e pesada, sinal evidente de excitação sexual. Felizmente ela nada percebeu, a atenção toda voltada para as dezenas de pessoas ao redor, distribuídas entre as aulas de aeróbica e dança.

— OK, vou lhe mostrar como funciona — Mike se acomodou no primeiro aparelho.

Embora tentasse animá-la com um sorriso encorajador, Joanna parecia alheia, os olhos fixos nos halteres como se temesse até mesmo tocá-los.

— É sua vez agora.

Ele observou-a durante alguns minutos, corrigindo os movimentos e a postura.

— Como está se sentindo?

— Trêmula, mas bem.

— Quer parar?

— Não.

— Garota esperta.

Ela conseguiu completar a seqüência de exercícios em dois aparelhos apesar da enorme dificuldade. No final estava ofegante, a testa coberta de suor.

— Acho que deveríamos trabalhar com os músculos de seus braços também. Vamos para a outra sala onde fica o aparelho destinado às mulheres. E muito mais tranqüilo por lá. Pelo menos não teremos que ficar ouvindo esta música da aula de aeróbica no último volume.

— Concordo.

Felizmente a sala estava vazia e Joanna poderia se concentrar nos exercícios sem se distrair com o movimento ao redor. Consciente de que estavam a sós, Mike fez questão de assumir a postura mais distante e profissional possível.

— É isto o que eu quero que você faça. — Ele segurou dois halteres, um em cada mão, e começou a flexionar os braços devagar.

Ela repetiu os movimentos com extrema dificuldade.

— Dói muito?

— É como se alguém estivesse espetando várias agulhas nos meus braços.

— É porque você não está fazendo os movimentos da maneira correta. Concentração é a chave. É preciso prestar toda atenção e não apenas levantar e abaixar os braços. Os movimentos têm que ser controlados. Vou lhe mostrar outra vez.

Mike pegou os halteres e fez a seqüência de exercícios, os músculos dos braços parecendo saltar sob as mangas da camiseta.

— Pensei que era assim que eu estava fazendo.

— Tente de novo, está bem?

— Não.

Ele inspirou fundo, reparando nas linhas de cansaço — ou seria tensão? — ao redor dos olhos verdes e da boca carnuda. Por um instante experimentou um certo sentimento de culpa. Contudo Joanna não precisava de piedade e sim da sua ajuda, da sua força.

— O que está querendo me dizer com este "não"?

— Você entendeu muito bem.

Então ela o estava provocando. Há muito tempo não perdia a calma, porém se sentia perigosamente perto de fazê-lo agora. Sua cabeça latejava e as poucas horas de sono durante a última semana estavam começando a fazer efeito. Como se não bastasse, Joanna o olhava como se estivesse a ponto de magoá-la.

— Você não está se empenhando hoje. — A voz profunda soava fria e determinada. — E nós dois sabemos disso.

— Estou apenas cansada.

— Não é este o motivo. Nós dois sabemos disso também. O fato de ambos estarem trabalhando juntos simplesmente não funcionava. Nunca encontrara uma cliente hostil antes e se sentia perdido, sem saber como tratá-la. É claro que enxergava muito bem a raiz da droga do problema: Joanna o atraía e como ela parecia imune ao seu charme, sentia-se frustrado e intrigado. De qualquer modo tinha um trabalho a fazer e nada iria interferir, muito menos a sua libido.

— O que você está tentando dizer? — ela perguntou num tom alto e estridente.

— Estou tentando dizer que as sessões não estão funcionando, você não está cooperando.

— Talvez você esteja certo.

Não foram exatamente as palavras dela, mas a maneira como foram ditas, o que lhe chamou a atenção. Joanna queria obrigá-lo a desistir das sessões para que não se vissem mais.

Uma ova que iria desistir. Havia assumido um compromisso e não iria voltar atrás na palavra empenhada. Além de tudo ela precisava do seu auxílio. Como já fora deixado bem claro, era ele o melhor fisioterapeuta da cidade em se tratando de casos semelhantes ao de Joanna.

— Não pretendo deixá-la escapar do anzol assim tão facilmente, se é isso que está planejando me obrigar a fazer. Você está me pagando para realizar um trabalho e vou até o fim.

— Eu poderia demiti-lo.

— Sim, poderia. Mas tenho certeza de que não o fará. Silêncio.

O ar parecia vibrar, a tensão sexual aumentando a níveis insuportáveis.

— E então? Vai me demitir? Outro silêncio.

— Não... não... Não vou demiti-lo — ela respondeu num murmúrio.

CAPÍTULO VII

O que estava errado com ela, meu Deus? Apesar de tentar negar com todas as suas forças, sabia muito bem a resposta. Era Mike McCoy quem e não o que vinha lhe causando tantos problemas. Durante toda a semana ela o apanhara com os olhos fixos em seu corpo, examinando-a detalhadamente. Embora aquela invasão de privacidade lhe parecesse ousada, era excitante também.

E como se já não bastasse ser perseguida pelos pensamentos envolvendo o fisioterapeuta, ainda precisava agüentar o policial a paisana que, contrariando as promessas de discrição feitas por Ed Mason, continuava plantado à frente da sua casa. A cada vez que saía ou chegava, fosse de carro ou a pé, lá estava o homem, espreitando-a. A presença do estranho não somente a enervava como a irritava também. Talvez se tivesse recebido telefonemas anônimos e ameaçadores ou então sido abordada por desconhecidos, a precaução se justificasse. No entanto nada de diferente acontecera. Nada que a fizesse suspeitar de que o atropelamento não passasse de um mero acidente. Daí o ressentimento causado pela tentativa da polícia em montar um cenário perigoso.

Nestas últimas semanas só havia algo capaz de lhe dar satisfação: a cada dia que passava gostava mais do novo trabalho. Aparentemente seu patrão estava satisfeito, pois lhe dera um aumento de salário. Por outro lado ele não parecia assim tão confiante quanto a sua recuperação física. E insistia em se preocupar.
— Os exercícios de condicionamento físico estão lhe ajudando? — Calvin indagara ainda naquela manhã.

— Honestamente não sei. — Ao se virar de repente, ela deixara escapar um leve gemido de dor.

— Tenho a impressão de que você ainda está bastante dolorida. Depois de duas semanas se exercitando duro já não era tempo de se sentir melhor?

— Mike diz que pessoas que sofreram o meu tipo de traumatismo levam mais tempo para perceber o resultado do que aquelas que estão simplesmente tonificando os músculos.

— É por isso que não quero vê-la gastando todas as suas energias aqui no escritório.

— Não se preocupe. — Joanna sorriu. — Não vou me esforçar além dos limites. Prometo.

— Bem que eu gostaria de acreditar nestas palavras. Mas é bom saber que pelo menos você tem intenção de se poupar.

Aquela conversa tinha acontecido de manhã e agora estava se preparando para enfrentar uma nova sessão de tortura.

Meia-calça preta, camiseta comprida e um par de Reebok. A roupa de ginástica servia apenas para fazê-la se sentir pior, com pena de si mesma.

Oh, Deus, como estava dolorida! Por quanto tempo mais iria agüentar esse suplício? Talvez encontrasse algum consolo se descobrisse uma maneira de fazer Mike pagar pelo martírio físico e emocional a que estava sendo submetida.

Por mais que tentasse, não conseguia afastar a imagem viril de seus pensamentos. Queria acariciar os músculos sólidos, sentir a textura da pele bronzeada sob os dedos...

Será que não tinha vergonha de se entregar a essas fantasias loucas? Enquanto o corpo atlético do fisioterapeuta era uma verdadeira obra de arte, tão grande a perfeição, a personalidade dele a atraía e intrigava também. O sorriso fascinante, a covinha num dos lados do rosto, o olhar penetrante, o toque das mãos fortes...

O que mais a assustava nessa história toda era a maneira intensa como reagia ao simples toque de Mike. Na verdade devia temer aquela figura arrogante. A altura e os músculos deviam servir como uma barreira, como um aviso para obrigá-la a manter distância. Só que na prática não funcionava bem assim. Apesar do tamanho, ele sabia ser gentil e delicado. E quando a massageara entre as coxas, tivera a sensação de se derreter inteira.

Irritada com o rumo dos pensamentos, Joanna olhou o relógio sobre a mesinha de cabeceira. Se não começasse a se mexer logo, acabaria se atrasando. Embora não se sentisse nem um pouco animada, sabia que quanto mais cedo chegasse á academia, mais cedo ficaria livre dos exercícios. Além de tudo não era a única cliente particular de Mike e sempre acreditara na importância da pontualidade.

Melhor enfrentar a longa sessão de uma vez. Depois poderia se dar ao luxo de um banho demorado na Jacuzzi seguido de uma xícara de café, leite e creme.

A academia, como sempre, fervilhava de gente e a música se espalhava pelo ambiente animado. Quisera gostar de ginástica como os outros, ela pensou Quem sabe algum dia desses...

— Oi, Joanna. — Tony a cumprimentou assim que a viu entrar.

— Oi.

— E então? Os exercícios têm surtido efeito? — Os olhos masculinos a examinavam da cabeça aos pés, numa admiração indisfarçável.

Irritada, ela desviou o olhar, o rosto muito sério.

— Eu lhe conto quando terminar a sessão.

— Ei, não se preocupe. Tudo vai dar certo, confie em mim.

— Vocês cultores da boa forma são todos iguais. Quanto mais dor infligem a si mesmos, mais gostam.

— Ah, e posso saber quem foi que lhe disse isso?

— Onde está Mike? — ela indagou ansiosa para se livrar dos olhares pegajosos do gerente.

— Espere um pouco. Vou chamá-lo pelo interfone.

— Não, não é preciso. Irei encontrá-lo no escritório. Tenho certeza de que deve estar me esperando.

— Vejo você depois.

Mal dera alguns passos, Joanna o viu caminhando na sua direção. Embora Mike parecesse cansado, uma emoção diferente iluminou os olhos escuros por alguns instantes. Mas logo desapareceu.

— Está pronta para começar? — ele perguntou aproximando-se, seus corpos quase se tocando.

— Sim.

— Dez minutos na esteira rolante é a primeira ordem do dia. Joanna inspirou fundo, o coração batendo acelerado no peito.

— Então vamos começar de uma vez.

Durante os próximos quarenta e cinco minutos ela mal teve tempo de pensar. E foi apenas ao colocar os halteres no chão que Mike a observou de perto, percebendo a expressão contraída do rosto bonito.

— O que foi? — Apesar de uma certa rispidez, as palavras traíam preocupação.

— Por um instante achei que estava com cãibras nas pernas.

— Provavelmente apenas uma dor muscular causada pelo excesso de exercícios.

— Talvez.

— Está melhor agora?

— Creio que sim.

— Acho que você já fez o suficiente por hoje.

— Sério?

— Não fique tão animada, garota. A sessão ainda não terminou.

— Oh.

Ele riu ao vê-la tão desapontada.

— Você não vai me escapar assim tão facilmente.

— O que faremos então?

— O próximo passo é a piscina de hidromassagem.

— Piscina de hidromassagem? — Joanna sentiu um aperto no peito.

— Precisamos tratar do inchaço em seus joelhos. Primeiro duchas de água fria e depois de água quente.

— Mas agora?

— Sim, agora. Ela não se moveu.

— Vamos. Vá vestir o maiô. Presumo que tenha trazido um, não é?

— Sim — ela respondeu num murmúrio quase inaudível. O silêncio se estendeu por vários segundos.

— Então, o que está esperando? Vá se trocar.

Engolindo a frustração e o sentimento de impotência, Joanna foi para o vestiário feminino. Porém mesmo depois de ter vestido o maio e tentado se obrigar a encarar a situação com naturalidade, não conseguia se sentir melhor em relação à mudança súbita da rotina. Usando o roupão como um escudo e ignorando as batidas rápidas do coração, ela caminhou para a área da piscina de hidromassagem.

Ele já estava lá, aguardando-a.

Se em seus mais loucos sonhos costumava imaginar como seria aquele corpo viril sob as roupas, a realidade era ainda muito melhor do que qualquer fantasia. Vestindo apenas uma sunga preta, Mike era de tirar o fôlego.

Músculos esculpidos, pele bronzeada, peito largo coberto por uma fina camada de pêlos escuros. Com o rosto em fogo, Joanna se obrigou a desviar o olhar, temendo expor a emoção que lhe passava no íntimo.

— Pronta?

Será que a voz dele estava rouca ou era apenas imaginação? Porém ao se arriscar fitá-lo, teve certeza de que seu interesse não passara despercebido. Mike sabia muito bem o quanto a tinha perturbado ao aparecer quase nu. Droga!

— Mais pronta do que estou é impossível.

Joanna hesitou, odiando a idéia de se submeter aos olhares masculinos embora também o tivesse examinado da cabeça aos pés segundos atrás.

Tensa, deixou o roupão escorregar pelos ombros. No mesmo instante ouviu-o inspirar fundo enquanto o sentia percorrer cada centímetro de seu corpo com o olhar, deixando-a com a pele em brasa. Apesar de ter perdido peso desde o acidente, Joanna tinha consciência do quanto ficava bonita vestindo maio.

— Seu corpo é lindo — ele falou com a voz rouca.

— Obrigada.

Os olhos de ambos se encontraram por um longo instante, dizendo coisas que não tinham coragem de colocar em palavras. Foi Mike quem por fim rompeu o silêncio carregado de erotismo.

— Vamos, entre.

Devagar, ela entrou na piscina pequena, a água gelada fazendo-a estremecer.

— Não fique parada, ande um pouco para ativar a circulação dos joelhos e então pode sair.

Minutos depois ela entrava na piscina aquecida.

— Ah, assim está muito melhor. Que gostoso.

— Ótimo. Agora vamos começar a trabalhar. Mike entrou na piscina também.

— O que você está fazendo? — Joanna ficou imóvel, uma sensação de pânico ameaçando dominá-la.

— O que acha que estou fazendo? Entrando na água, é claro.

Oh, Deus, ela devia ter imaginado que algo assim iria acontecer. O fato é que ficara tão fascinada pela visão do corpo atlético quase inteiramente nu, que perdera a capacidade de raciocinar. Se Mike não pretendesse se molhar não teria vestido a sunga.

— Mas... mas para quê?

— Para quê? Para massagear seus músculos das pernas. Alguma objeção?

Joanna sentiu os joelhos fraquejarem, como se de repente já não suportassem seu peso.

— E... é mesmo necessário?

— Sim, faz parte do tratamento.

— Eu... posso massagear meus próprios músculos.

— Não, não pode — Mike respondeu impaciente. — Vamos, sente-se num dos degraus e estenda as pernas.

No momento em que ele colocou as mãos numa de suas pernas nuas, Joanna estremeceu violentamente, como se atravessada por uma corrente elétrica. A sensação era de ter a pele em chamas sob a água, ardendo de desejo.

Ela precisou de toda sua força de vontade para não deixar escapar pequenos gemidos de prazer. Já não temia ser tocada por este homem forte, muito pelo contrário. Na verdade gostaria de deslizar os dedos pelo peito largo, acariciar os braços musculosos, as coxas bem torneadas... Certa vez havia lido numa revista uma matéria sobre sexualidade feminina que afirmava ser a pele o maior órgão do corpo humano e também a maior zona erógena. Os pontos ultra-

sensíveis da pele tinham uma importância tremenda na estimulação sexual. Na época não acreditara muito na informação, mas agora sabia muito bem que se tratava da mais pura verdade.

— Você está tensa. Relaxe.

Relaxei Como era possível relaxar quando Mike usava os dedos como verdadeiros membros eróticos? A massagem delicada estava a ponto de fazê-la perder por completo o controle.

— Estou tentando... — ela murmurou, o tremor da voz traindo toda a carga de emoção interior.

E ao sentir as mãos fortes começarem a massageá-la nos ombros, achou que não ia agüentar. Os rostos de ambos estavam próximos agora, quase colados.

— Terminamos — Mike falou baixinho, a respiração ofegante soando como uma carícia aos ouvidos dela.

Os dois se fitaram longamente. De repente o ar ficou carregado de tensão, trazendo a sensualidade à flor da pele. Ele estava tão perto que era possível enxergar as linhas suaves ao redor dos olhos. Será que vou ser beijada, Joanna se perguntou ansiosa, o sangue correndo mais rápido nas veias.

— Acho que é o suficiente por hoje. — Mike se afastou de súbito, o desejo se transformando em frieza profissional.

Com o coração aos pulos e o rosto em fogo, Joanna se obrigou a levantar e sair da piscina, certa de que o fisioterapeuta não estava nada satisfeito com o clima sensual que se estabelecera entre os dois. E é claro que concordava com ele.

— Joanna.

Ela se virou devagar, sentindo a vermelhidão se espalhar ainda mais.

— Sim?

— Você pode me dizer se está sentindo alguma diferença, algum alívio, nos músculos das pernas?

Outra vez Mike voltara a vestir a máscara do profissional dedicado, escondendo o homem e os sentimentos por trás de um perfeito controle das emoções.

— A melhora é de cem por cento — Joanna respondeu, esforçando-se para falar com indiferença.

— Ótimo. Vejo-a depois que se trocar. Ainda trêmula, ela saiu sem olhar para trás.

— Pode dispor de alguns minutos?

Mike se encostou na janela, os olhos fixos no recém-chegado.

— Qual o problema?

— Joanna já foi embora?

— Está no vestiário.

— Como está indo o caso dela? — Tony indagou curioso.

— Bem.

— Puxa, mas você está falante hoje, hein?

— Tenho mais no que pensar.

— E esses pensamentos têm algo a ver com a srta. Nash?

— Não é da sua conta.

Tony deu de ombros, sem parecer se importar com o mau humor do outro..

— E então, o que quer comigo?

— Estamos planejando fazer alguns comerciais de TV. E uma tática para deter o possível avanço de nosso novo concorrente.

— Está falando sobre Lance Newlight?

— É. Ouvi as novidades hoje.

— Droga!

Mike conhecia bem Lance Newlight, um de seus parceiros na academia de boxe, que se julgava capaz de se transformar num empresário de sucesso da noite para o dia. Pena que o pobre-coitado não conseguisse enxergar um palmo adiante do nariz, nem para reconhecer os próprios limites profissionais.

Duas academias de ginástica a poucos metros de distância uma da outra acabaria se tornando o beijo da morte para ambas. Ele não tinha dúvidas de que apenas a melhor sobreviveria à concorrência e estava disposto a se empenhar ao máximo para que a Live Well fosse a sobrevivente.

— É claro que vai levar algum tempo até que nosso concorrente abra as portas ao público — Tony prosseguiu — especialmente por causa do atraso da obra provocado pelas chuvas de verão. De qualquer maneira quero tirar tantos clientes em potencial do adversário quanto possível.

— Certo. Mas por que você não pede a Morrison para gravar os comerciais? Droga, homem, não tenho tempo para nada. Ainda por cima faço faculdade, esqueceu?

— Eu sei, porém você já gravou comerciais antes e o sucesso foi grande.

— OK. — O tom resignado da voz deixava claro o pouco entusiasmo. — Eu farei desta vez. E será a última.

— Ótimo.

Quando finalmente Tony saiu, Mike olhou a papelada sobre a mesa e

resmungou alto. Os livros e apostilas pareciam desafiá-lo. O fato é que devia estar estudando agora pois tinha uma prova dificílima amanhã e nem sequer começara a ler a matéria. O pior é que não estava com a mínima vontade de estudar. Droga! Não queria fazer nada, só queria pensar em Joanna e no desejo de acariciá-la, beijar os lábios carnudos, descobrir os segredos do corpo escultura!.

Ele olhou para as próprias mãos e percebeu que tremiam um pouco, sinal de uma tensão interior insuportável. Pela primeira vez em muitos anos sentia-se incapaz de pensar com clareza.

Desde o princípio julgara Joanna um tipo intelectual, sem qualquer conhecimento prático do mundo real. Por que se sentira irritado não sabia dizer. Talvez porque associara a atitude reservada a puro esnobismo.

O desafio de romper aquela camada de indiferença feminina fora irrefreável. Precisava descobrir se existia algum fogo adormecido sob o exterior gelado, precisava saber por que a assustava num momento para logo depois atraí-la.

Bem, podia se dar por satisfeito então. Havia cumprido a missão a que se propusera. Definitivamente havia uma centelha ardendo sob a superfície frígida da srta. Nash. O problema agora era que não conseguia colocar um ponto final numa história que começara quase de brincadeira. Era ele quem estava em fogo, louco de desejo.

De hoje em diante iria se obrigar a esquecer a imagem de Joanna naquele maiô preto e provocante. Não queria mais pensar na pele macia e perfumada, gostosa de tocar. E muito menos se permitiria pensar na frustração de não poder possuí-la.

Essa fome alucinada não passava de uma tolice e tinha que ser controlada. Precisava ter cautela e não se deixar levar pelas emoções.

— Estou indo embora.

A voz doce e profunda o arrancou dos devaneios. Já vestida, Joanna estava parada na porta do escritório.

— Você tem que ir embora? — ele se ouviu perguntar.

Os dois ficaram em silêncio alguns minutos, imóveis, cheios de expectativa.

Deixe-a partir, pelo amor de Deus, Mike dizia a si mesmo. Ela não é para você. Ela não gosta de homens como você e partirá seu coração em mil pedaços. Contrariando o bom senso, tudo o que conseguiu dizer foi:

— Gostaria de ir a algum lugar e tomar um café comigo?

CAPÍTULO VIII

Joanna mal conseguiu evitar uma expressão chocada no rosto. Não era possível que tivesse entendido bem o convite.

— Agora? — indagou num fio de voz.

Ele se recostou na poltrona, aparentando um desinteresse que estava longe de sentir. O ar da sala se tomou tão pesado e espesso que podia ser cortado com uma faca.

— E então? — A expressão controlada de Mike não deixava entrever o tumulto interior.

Não, não vá, você vai se arrepender, ela dizia a si mesma procurando se convencer do perigo da situação. Mas infelizmente já estava com a curiosidade aguçada.

Apesar de dar a impressão de não apreciar tipos intelectuais, era óbvio que Mike não ficava imune ao seu encanto como mulher. Ela havia visto o fogo do desejo nos olhos escuros, sentido o calor das mãos fortes ao tocá-la. Oh, Deus, bastava pensar no toque dos dedos longos para o coração bater mais rápido no peito.

Sempre se considerara uma pessoa extremamente racional, incapaz de agir de maneira ousada, espontânea. Gostava de analisar as situações sob todos os ângulos e não via motivos para mudar seu jeito de ser. Entretanto... havia alguma coisa neste homem...

— Obviamente a resposta é não — Mike falou desanimado, vendo-a hesitar.

— Eu adoraria tomar um café.

As palavras de aceitação, ditas com voz macia, o penetraram como uma corrente elétrica. Ele ergueu a cabeça e sorriu, as linhas ao redor da boca relaxando afinal. Joanna sentiu o coração disparar.

— Então vamos.

— Para onde?

— Um amigo meu abriu um... — Mike parou no meio da frase, sem saber se devia ou não continuar.

— Alguma coisa errada?

— Não, nada. Só agora percebi que talvez você não estivesse interessada em bares estilo sertanejo.

— Acredite-me, já estive em bares antes.

— Verdade?

Droga! Ele estava achando divertido provocá-la.

— Sim.

— Então está mesmo disposta a me acompanhar até um bar?

— Estou.

Os dois saíram da academia e caminharam calmamente sob o sol. Embora já fosse quase sete horas da noite, continuava claro e o calor persistia. Joanna colocou os óculos escuros e só então teve coragem de fitá-lo.

— Você quer que eu o siga?

— Não, eu a trago de volta para pegar seu carro aqui. Isto é, se você não se importar em andar no meu jipe.

Ali estava o mesmo tom de voz condescendente outra vez, como se Mike estivesse se divertindo às suas custas. Será que era assim que os outros a julgavam também? Uma pessoa esnobe e orgulhosa?

— Não — ela respondeu sem disfarçar a irritação. — Não me importo em andar no seu jipe.

— Ótimo.

— Aceito suas desculpas.

Mike riu com vontade e abriu a porta para Joanna entrar.

Ao estacionarem defronte a uma construção estilo anos sessenta, com predominância de tijolos aparentes e metal, Joanna não pôde conter a surpresa e admiração.

— É aqui?

— Sim.

— Puxa, mas tudo é tão novinho e bem cuidado!

— Verdade. De qualquer modo continua sendo um dos locais preferidos de pessoas que gostam de beber.

— E quanto a você?

— Já tive meus momentos.

— Foi o que eu pensei.

Mike a fitou por um longo tempo, o mesmo sorriso divertido no rosto. Depois saiu do carro e abriu a porta para ajudá-la a descer.

Joanna inspirou fundo, sentindo a presença dominadora do homem ao seu lado a ponto de sufocá-la. Eles haviam gasto meia hora para chegar ao tal bar e durante o trajeto quase não haviam conversado. O trânsito estivera tão lento e pesado que consumira a atenção dos dois. Ainda bem, porque evitara pensar nos motivos que a tinham levado a aceitar o convite.

— O que você está achando do lugar?

Estivera tão imersa nos próprios pensamentos que mal percebera como os dois estavam próximos, os corpos quase se tocando. O perfume dele, másculo e penetrante, a deixava zonza, atordoada.

— E então, o que está achando do lugar?

— É simpático.

— Ali vem Harry. Ele é o dono, além de um excelente companheiro.

— Mike, meu rapaz... Que bom vê-lo!

O sujeito grandalhão deu um tapinha no ombro do recém-chegado com força, enquanto lançava um olhar curioso na direção de Joanna. Dizer que Harry era gordo seria uma delicadeza, no entanto ele sabia carregar o corpanzil com uma elegância rara especialmente quando vestia calça jeans, camisa, botas e chapéu de caubói.

— E então, seu desajeitado? Como tem passado? — Mike indagou abraçando o velho amigo.

— Minha patroa e eu temos andado ocupados... — Ele parou no meio da frase e olhou para Joanna antes de continuar. — Ah, temos andado ocupados tocando este negócio.

— Pelo jeito vocês têm feito a coisa certa. Bem, deixe-me apresentá-los. Harry Barfield, Joanna Nash.

— Como vai? Bem-vinda ao Harry's Bar and Grill.

— Obrigada. — Joanna sorriu e apertou a mão do grandalhão simpático.

— Sigam-me. Vou levá-los para a melhor mesa da casa.

Desta vez Mike segurou-a de leve pelo braço, enquanto atravessavam o salão quase inteiramente lotado. Porém ela não parecia enxergar o movimento ao redor ou ouvir a música alta. O fato de sentir os dedos fortes tocando-a de novo consumia todos os seus pensamentos.

Joanna só voltou a relaxar depois de se sentarem numa mesa próxima à janela. Mesmo assim continuou evitando fitá-lo, temendo deixar transparecer o tumulto que lhe ia na alma.

— O que gostariam de beber? — Harry perguntou sorrindo.

— Café para mim, por favor.

— Dois cafés. — Mike pediu. — Você gostaria de comer alguma coisa, Joanna? A especialidade da casa é churrasquinho no espeto.

— Não, obrigada. Depois de todos aqueles exercícios, não consigo ter fome.

— Nada de comida? Nada de bebida? — Harry parecia chocado.

— Não desta vez, companheiro. Ainda tenho que trabalhar hoje.

— Então prometa que voltará aqui com sua jovem amiga.

— Prometo. — Tão logo ficaram a sós, Mike comentou: — Ele é como um pai para mim.

— É óbvio como vocês dois se gostam.

— O velho Harry salvou minha pele muitas vezes. Eu o conheci na academia onde costumava treinar boxe. Ele é o que se chama um entusiasta do esporte, embora tenha ganho dinheiro com petróleo. Este bar é mais um de seus caprichos.

— Que bom... Quero dizer, deve ser bom poder se entregar aos caprichos.

— Ah, vamos, aposto como você faz isso todos os dias.

— E você não?

— Claro que sim. Quando se cresce na companhia de nove irmãos a pessoa adquire o direito de realizar pequenas fantasias. Os dois esperaram a garçonete servir o café antes de retomarem. a conversa.

— Nove irmãos... Deve ter havido alguns momentos duros.

— É uma maneira educada de descrever a situação.

— E quanto aos seus pais?

— Meu pai era um tipo radical, intransigente. Achava que bastava nos alimentar e nos vestir para cumprir seu papel. A responsabilidade de nos criar terminava ali, provendo alguns poucos bens materiais.

A voz de Mike soava fria como aço, embora ele não fosse capaz de esconder o sofrimento e a mágoa que nem o tempo conseguira apagar. Joanna podia entendê-lo muito bem e se identificar com a mesma dor. Afinal seu próprio pai também estivera sempre muito ocupado para lhe dar atenção.

— Assim, tão cedo quanto pude, saí de casa. Lutar boxe foi meu primeiro capricho.

Percebendo a desaprovação estampada no rosto feminino, sorriu irônico.

— Alguma vez você já assistiu a uma luta de boxe?

— Não de verdade.

— Então como é que pode ter tanta certeza de que não vai gostar?

— Quem é que tem vontade de ver alguém sendo esmurrado e ferido? — Ela estremeceu visivelmente. — Eu não. Posso lhe garantir.

— Pelo seu jeito de falar parece até que você já sofreu esse tipo de agressão na própria pele.

Joanna ficou tensa no mesmo instante, porém não disse nada. Não pretendia trazer à tona o seu segredo horrível e degradante.

— Quem sabe você não poderia me assistir lutando boxe qualquer dia desses? — Mike sorriu tentando suavizar o clima da conversa. De alguma maneira percebia ter pisado num terreno proibido. — Melhor ainda, você poderia até me ver apanhando.

— Até que não é má idéia. Preciso admitir que muitas vezes cheguei a pensar em lhe dar um ou dois socos eu mesma, para descontar as longas sessões de tortura na academia.

— Verdade? — Ele riu com prazer. — Está falando sério?

— Seríssimo.

— Bem, querida, sinto desapontá-la mas você vai ter que ficar na fila atrás de muitos outros. E quanto a você? Tem família?

— Meus pais são professores universitários.

— Já foi casada?

— Sim. Uma vez.

— Prefere não falar sobre o assunto, não é?

— Certo.

— E quanto a vida profissional? Quer falar sobre trabalho? Joanna respirou aliviada, sentindo-se pisar em terra firme outra vez.

— Na verdade não há muito sobre o que falar. Provavelmente você iria rotular o que eu faço de uma coisa chata e entediante.

— Você lida com dinheiro, não é?

— Sim.

— Então não se trata de algo enfadonho. É o dinheiro que faz o mundo girar. Mas nós sabemos que seu emprego está longe de ser pouco emocionante.

— Oh.

— Não me venha com essa história de "oh". Eu leio os jornais. Sei que seu ex-patrão foi pego com a mão na botija, usando o dinheiro dos clientes em proveito pessoal, dando festas incríveis e pagando garotas de programa.

Ela sorveu o café devagar, os olhos verdes velados por uma sombra de tristeza.

— Estou certo, não estou?

— Como você ficou sabendo a respeito do meu ex-patrão?

— Calvin me contou.

— Entendo.

— Há algum problema com o assunto? — ele indagou terminando de tomar o café.

— Sim. Eu preferia não falar sobre isso também, se você não se importar.

— Ah, droga, não fique tão cheia de dedos comigo. — Embora o tom de voz fosse leve e brincalhão, os olhos escuros tinham o brilho frio do aço. — O fato de seu ex-chefe ter sido um filho da mãe não significa que a sujeira tenha que respingar em você. Todos conhecem o seu caráter reto.

— Algumas pessoas não vêem o problema dessa maneira e podem ter opiniões diferentes.

— Eu não sou "algumas pessoas", OK? E decidi que você precisa levantar o ânimo, sair dessa depressão.

— E devo fazer aquilo que você mandar?

— Acertou.

Joanna riu como se tivesse ouvido a coisa mais engraçada do mundo.

Mike fitou-a por um longo tempo.

— Você devia fazer isso com mais freqüência.

— Fazer o quê?

— Rir.

Os olhos de ambos se encontraram, quase tímidos, antes de se desviarem.

De repente o café perdeu o sabor, ficou difícil de engolir.

— Então eu devia rir mais?

— Sim. Combina com você.

— Nunca me disseram algo assim antes.

Joanna sentiu o ar lhe faltar de repente e no mesmo instante reconheceu os sinais perigosos de quem estava a um passo de se deixar envolver. Vamos com calma, pensou assustada. Aquele tipo.de envolvimento, marcadamente sensual, era um jogo arriscado e com certeza sairia machucada de uma relação passageira.

Mike não era homem capaz de assumir compromissos. E ela não era o tipo de se entregar sem que ambos assumissem o relacionamento a sério.

— Tenho dois ingressos para o jogo de beisebol, sábado à noite. — A voz forte soava firme e decidida. — Quer ir comigo?

Um silêncio pesado caiu entre os dois.

Joanna se esforçou para ordenar os pensamentos e ser capaz de raciocinar com clareza. Só que era impossível manter a cabeça fria, tendo aqueles olhos escuros fixos nos seus.

— Me parece divertido.

— Posso considerar a resposta como um "sim"?

— Sim, aceito o convite — ela murmurou corando.

— Você não vai se arrepender de ter aceito.

Apesar da atitude decidida e segura de Mike, Joanna não tinha tanta certeza assim de ter agido de acordo com ó bom senso. Pela segunda vez num mesmo dia estava dizendo "sim" a um homem em relação ao qual tinha muitas reservas, um homem que acabaria reabrindo velhas feridas e fazendo-as sangrar.

CAPÍTULO IX

A noite estava perfeita, o céu claro e estrelado, mesmo a umidade excessiva, característica do sul do Texas, perdera bastante a intensidade deixando uma sensação gostosa e agradável no ar.

Mas estivesse o tempo claro ou nublado, frio ou quente, pouca diferença faria já que o jogo de beisebol iria acontecer dentro do ginásio Astrodome, considerado por muitos como uma das Maravilhas do Mundo. Joanna tinha estado lá dentro apenas uma única vez na vida, anos atrás. É claro que ficara impressionada com o tamanho e a beleza do interior, porém não guardara impressões maiores. Naquela época não poderia se interessar menos por esportes, assim como hoje em dia.

Contudo aqui estava, pronta para assistir ao jogo. Sentado ao seu lado, Mike tinha os olhos fixos no campo. Ela tentou prestar atenção no show de abertura, com banda e balizas fazendo evoluções embaladas pelo último sucesso de Madonna. No entanto, só conseguia pensar no quanto era tola.

No mesmo instante em que aceitara o convite de Mike para acompanhá-lo ao jogo, fora tomada de um profundo arrependimento. Uma coisa era terem tomado café juntos, afinal um procedimento comum e inocente, mas outra muito diferente era ter concordado em marcar um encontro. Agora aqui estava, no meio de um ginásio enorme e lotado, sentindo o coração disparar só de fitar o homem ao seu lado.

Ele vestia calça jeans, camisa azul-claro e mocassins. Os músculos do corpo atlético pareciam querer saltar de dentro da roupa, aumentando a impressão de força e poder. O cheiro masculino de Mike, acentuado pela água-de-colônia, penetrava seus sentidos como uma droga potente, excitando-a de maneira perigosa.

Porém durante todo o tempo em que ela se censurara por ter aceito o convite, também estivera planejando o que pretendia vestir com a mesma intensidade e entusiasmo que uma adolescente experimenta ao se arrumar para sair com o primeiro namorado. E quando finalmente a noite chegara, teve certeza de ter escolhido bem. Os olhos dele haviam brilhado de prazer e desejo ao examiná-la da cabeça aos pés. O conjunto cor-de-rosa de bermuda e camiseta de linho realmente valorizava sua beleza morena e sensual.

— Você está linda — ele dissera com um sorriso devastador. Joanna desviara o olhar, sentindo uma vermelhidão se espalhar por todo o rosto.

— Obrigada.

— Pronta para assistir ao grande jogo?

— Tão pronta quanto possível.

Agora, enquanto aguardava o início da partida, ela olhava ao redor, impressionada pela quantidade de gente no estádio e pelo entusiasmo evidente em relação ao esporte. O grupo sentado logo atrás deles parecia estar se divertindo tremendamente. Cada uma das pessoas segurava uma lata de cerveja, todos bebendo e falando sem parar, num verdadeiro frenesi.

Certa de que mais cedo ou mais tarde acabaria levando um banho de cerveja, Joanna não pôde disfarçar o desagrado.

— Alguma coisa errada? — Mike indagou fitando-a com atenção.

— Na verdade não. Só estou um pouco preocupada com esta turma barulhenta, logo atrás de nós.

— É, tem razão. Todos parecem já ter bebido além da conta. Mas se ficarem inconvenientes a Segurança do estádio os colocará para fora.

— Ótimo.

— E então, o que você está achando?

— A respeito do quê?

— Pare de bancar a inocente, mocinha.

— Mal posso esperar até que alguém faça o primeiro arremesso.

— É uma pena, mas não consigo acreditar muito em tanto entusiasmo.

— E o que o senhor esperava? — Ela sorriu, quase fazendo-o perder o fôlego.

— Você conhece alguma coisa a respeito de beisebol?

— O suficiente.

— Mudando de assunto, gostaria de comer ou beber alguma coisa?

Ela hesitou antes de responder.

— Uma coca-cola talvez.

— Vou comprar e volto num instante.

Durante os poucos minutos em que esteve sozinha, Joanna passou a prestar um pouquinho mais de atenção no comportamento da multidão e no delírio que tomou conta do estádio quando os jogadores entraram em campo. Ao primeiro arremesso, Mike já estava de volta, trazendo uma lata de coca-cola e outra de cerveja.

— Você deve saber que este jogo é decisivo para o time do Astros. É vencer ou ser eliminado do campeonato — ele explicou entregando-lhe o refrigerante.

— E você deve saber que eu não conheço nada a respeito do assunto. Sou

uma negação completa no que diz respeito a esportes.

— Bem, a esperança é a última que morre. Quem sabe um dia não estará vibrando com os jogos? — Mike sorriu, gostando de provocá-la. — Daqui para frente cada partida será decisiva para qualquer um dos times.

— Provavelmente isto explica a multidão aqui dentro, não é?

— Certo. Quando o Astros não vence, as pessoas ficam em casa. Como você — ele acrescentou levando a lata de cerveja aos lábios.

Ela abriu a boca para responder, mas desistiu. De que adiantava continuar falando sobre algo que não entendia quando tudo o que lhe interessava era a presença máscula e perturbadora ao seu lado? Ele estava tão perto que o calor do corpo forte ameaçava consumi-la.

A sensação era tão intensa que Joanna estremeceu e se afastou ligeiramente.

— Você está bem? — Mike indagou percebendo uma expressão estranha e inquieta nos olhos verdes.

— Estou sim — ela mentiu desviando o olhar. Por nada no mundo iria deixar transparecer a emoção que lhe passava no íntimo. — É que fiz um movimento rápido demais.

— Ótimo sinal. Mostra que seus músculos estão voltando a reagir com a firmeza anterior. Isso significa que logo você ficará livre de mim. — Embora a frase tivesse sido dita com um sorriso, era impossível não perceber uma sombra de tristeza toldar o rosto sensual.

— E você ficará livre de mim também.

Os olhos de ambos se encontraram por um longo tempo. Assustada com o ímpeto dos próprios sentimentos, ela foi a primeira a quebrar o encantamento abaixando a cabeça, como se não suportasse encarar a verdade a respeito de si mesma e do que estava sentindo.

— Joanna?

Seu nome murmurado de maneira tão terna e sensual quase a fez perder a cabeça. Incapaz de conter a onda de emoção, ela ergueu os olhos.

Foi então que tudo aconteceu. Um dos homens sentados logo atrás levantou-se aos berros, espalhando o conteúdo da lata de cerveja nas costas de Joanna.

Ela gritou de susto. Mike imediatamente virou-se para trás, pronto para tirar satisfações do grosseirão.

— O que diabo está acontecendo aqui? — indagou num tom baixo e controlado.

Era óbvio que o louro alto não estava nem um pouco preocupado com o fato de ter ensopado as costas de uma desconhecida com cerveja. Com as feições distorcidas de raiva, ele só tinha olhos para o homem a quem desafiava agora.

— Seu filho da mãe! — o louro berrou.

— Filho da mãe é você — devolveu o outro, erguendo ainda mais a voz. — Eu lhe avisei para tirar as mãos de cima da minha mulher.

— Pois fique sabendo que é a sua mulher quem não tira as mãos de cima de mim.

Gritando palavrões, os dois se atracaram até que o louro foi acertado por um soco potente que lhe quebrou o nariz, espirrando sangue para todo lado.

Mike praguejou e tentou afastar Joanna da confusão, porém era tarde demais. A turma de pessoas, antes amigável, estava envolvida numa verdadeira balbúrdia. Mulheres gritavam parecendo a beira de um ataque de nervos. Logo todos os espectadores das proximidades estavam de pé, envolvidos pela cena violenta.

— Alguém chame a Segurança — Mike pediu, protegendo Joanna com o próprio corpo enquanto a arrastava na direção da saída. — Venha rápido, vamos dar o fora daqui.

Trêmula, ela se agarrou à mão forte e correu até que finalmente ambos se viram ao ar livre, longe dos desordeiros.

No entanto só foi capaz de respirar mais aliviada quando entraram no jipe, apesar da angústia cruel que continuava a dominá-la. A cabeça latejava, os membros pareciam pesar uma tonelada e uma escuridão crescente começava a lhe toldar a visão.

— Joanna, fale comigo. Você está bem?

Ela apenas balançou a cabeça, incapaz de falar ou de controlar os tremores que sacudiam seu corpo delicado. As lágrimas escorriam silenciosas pelo rosto pálido, acentuando o ar de extrema fragilidade.

— Oh, por favor, não chore. — Mike tentou se aproximar, procurando oferecer algum conforto para uma aflição que não podia entender.

— Não! Não me toque.

Ele se afastou como se tivesse levado uma bofetada.

— Mas que diabo...?

— Aqueles homens simplesmente não sabem usar a cabeça...

— Sobre o que você está falando? Suas palavras não fazem sentido nenhum.

— Pelo contrário, fazem muito sentido. Você é que não quer ouvi-las.

Mike inspirou fundo, se armando de toda a paciência de que era capaz.

— Talvez seja porque eu não esteja compreendendo mais nada.

— Homens que teimam resolver seus problemas usando os punhos não passam de animais. — Joanna sequer procurou disfarçar a aversão. — É uma atitude vergonhosa.

— Ah, agora começo a entender. — A voz profunda soava seca e cortante. — Você está me incluindo nesta categoria, não é?

— Não foi isso o que eu disse.

— E nem precisava dizer. Ficou muito claro. Silêncio.

— Eu percebi o jeito como você me olhou quando lhe disse que costumava lutar boxe, só que na ocasião não dei importância e nem pensei no assunto. Mas agora, agora sei no que você estava pensando. Desde o princípio me julgou um brutamonte, alguém incapaz de usar a cabeça, alguém que só conhece a linguagem da força física, dos punhos.

Ela estremeceu, porém não negou nem tentou desmenti-lo.

— Joanna, o que está acontecendo? Seja sincera.

— Não sei sobre o que você está falando.

Oh, Deus, até quando agüentaria esconder o segredo vergonhoso? Como evitar que a verdade viesse à tona?

— Sim, você sabe sobre o que estou falando muito bem. Seu ex-marido a machucou?

A ternura e preocupação embutidas em cada palavra a fizeram chorar ainda mais, as lágrimas manchando a blusa de linho.

— É melhor me contar a história toda. Não vamos embora daqui enquanto eu não souber de tudo.

— Não há... não há muito o que contar. Meu... ex-marido, Andy, tinha um temperamento violento. Quando não conseguia as coisas à sua maneira, perdia completamente o controle.

— Alguma vez ele lhe bateu?

— Uma vez.

— O filho da mãe!

— Eu o deixei no mesmo dia, mas nunca consegui esquecer a dor, a humilhação. E quando alguém ergue os punhos... — Joanna cobriu o rosto com as mãos e se entregou à tristeza.

Por um longo tempo os dois ficaram imóveis dentro do carro, cada qual imerso no próprio tormento.

Mike fitou o perfil delicado e sentiu um arrepio percorrer seu corpo inteiro.

— Eu nunca poderia magoá-la. Quero que saiba disso.

— Me desculpe por ter entrado em pânico. Eu não queria...

— Você tinha seus motivos.

Ele olhou-a intensamente, desejando tomá-la nos braços e apagar as lágrimas com beijos. Quisera ter o poder de trazer de volta o brilho dos olhos verdes e abafar as lembranças amargas para sempre.

Então sairia a cata do tal do Andy e acabaria com a raça do tipinho covarde. Porém bem no fundo de si mesmo sabia que apelar para a força jamais resolveria seus problemas. Qualquer atitude violenta serviria apenas para afastar Joanna e ele não queria isso... ou queria? Nunca em sua vida se sentira tão confuso. De uma única coisa tinha certeza: a presença daquela mulher ao seu lado seria a sua perdição.

— Acho que está na hora de eu levá-la para casa — Mike falou de repente, sem o menor sinal de emoção.

O trajeto foi feito sem que nenhum dos dois dissesse uma única palavra.

— Você quer entrar? — Joanna perguntou encarando-o.

— Você quer que eu entre? Silêncio.

— Só se você quiser.

O brilho dos olhos verdes e o leve tremor da voz suave fizeram o sangue de Mike correr mais rápido nas veias. Ela parecia uma mulher que queria, que precisava ser tocada. Ao mesmo tempo dava a impressão de que iria recuar se ele tomasse qualquer iniciativa de manter uma certa intimidade. Tinha sido assim desde o começo, Joanna lhe enviando sinais contínuos e contraditórios. Talvez por isso seu interesse só fizera aumentar.

Não que ele precisasse de estímulos extras para manter acesa a chama da atração. Na verdade bastara vê-la pela primeira vez para desejá-la, apesar da frieza com que sempre fora tratado.

Mas naquele momento ela o olhava de uma maneira diferente, como se o desejasse. E ele não conseguia resistir ao impulso de lhe mostrar como tudo pode ser maravilhoso entre um homem e uma mulher que se querem com igual intensidade.

Mike a fitou por um longo instante, o ar entre os dois carregado de eletricidade. Finalmente ele abriu a porta do jipe e saiu, ainda sem saber se havia tomado a atitude correta.

— Tem certeza de que não prefere uma cerveja? — Joanna indagou voltando à sala de estar trazendo uma bandeja onde havia duas xícaras de café e

um prato de biscoitinhos.

— Não, café está ótimo.

Ela colocou a bandeja sobre a mesinha de centro e sentou-se no sofá, tendo o cuidado de manter uma distância segura entre ambos. Por alguns minutos ninguém falou nada, temendo pisar num terreno desconhecido.

Em vista dos acontecimentos recentes da noite, Joanna continuava se perguntando se fora sensato convidá-lo para entrar. Mas estava se sentindo tão sozinha ultimamente que a idéia de um pouco de companhia lhe parecera irresistível. De qualquer forma devia desculpas. Estivera errada ao compará-lo ao ex-marido. E mesmo se ele o fosse, não era da sua conta. A presença do fisioterapeuta na sua vida não passava de algo temporário, uma fase com data marcada para terminar. Também estava decidida a não voltar a vê-lo fora da academia depois desta noite.

— Gosto da sua casa — Mike falou quebrando o silêncio, o olhar percorrendo o ambiente vagarosamente, observando cada detalhe.

Ela sorriu, sentindo a tensão suavizar.

— Obrigada. Pensei muito antes de me decidir por uma casa. Agora,não tenho dúvidas de que fiz a escolha certa.

Joanna olhou ao redor, cheia de satisfação e orgulho. Muita gente já tinha lhe dito que sua casa parecia saída de uma edição de House Beautiful. Num dos cantos da sala de estar, ficava a lareira e ao lado o aparelho de som. Atrás do sofá estava o piano, alguns vasos de orquídeas e uma mesinha com porta-retratos e enfeites variados.

— Cheguei a conclusão de que não conseguiria passar o resto da vida morando em apartamentos. — Joanna parecia quase à vontade agora.

— Posso entendê-la muito bem. O movimento e o barulho dos edifícios é constante. Portas batendo dia e noite, carros entrando e saindo.

— Exatamente. Eu já não agüentava mais tamanha falta de sossego.

— Sinto muito pelo que aconteceu hoje à noite.

A mudança repentina de assunto a pegou de surpresa.

— Esqueça.

— Não posso esquecer.

— Eu estava errada. Além de perder o controle, julguei-o mal.

— Só espero que aquele filho da mãe pague pelo que lhe fez.

— Isso nunca vai acontecer. — A amargura era profunda e indisfarçável. — Quanto tempo ainda vai levar até que eu esteja cem por cento em forma?

— Você mal pode esperar até dispensar os meus serviços, não é? —

Apesar do tom de brincadeira, o rosto de Mike estava quase triste.

— Não... não é bem assim.

— Sim, é. Se lhe serve de algum consolo, você não é a única pessoa a querer se livrar de mim.

— Sabe, eu estava pensando em adotar uma tática mais rápida, embora igualmente fatal, é claro.

— Ah, e posso saber do que se trata?

— Apenas colocá-lo a nocaute.

Os dois começaram a rir sem parar, como se tivessem acabado de ouvir uma piada engraçada. Então ficaram sérios de repente, perdidos nos olhos um do outro.

— Joanna... — Mike murmurou num apelo apaixonado.

CAPÍTULO X

A beira do pânico, Joanna deixou escapar um gemido ao perceber o rosto masculino se aproximar cada vez mais do seu. Ela queria fechar os olhos, queria ignorar a sensação perturbadora que começava a dominá-la, fingir que aquele momento não estava acontecendo. Mas no instante seguinte mãos fortes se fechavam ao redor da sua cintura enquanto lábios ansiosos vinham a procura dos seus, fazendo-a perder por completo a cabeça.

O beijo foi suave e delicado a princípio. De repente, como se alucinado pela maciez dos lábios femininos que se entreabriam numa entrega inconsciente, Mike não conseguiu mais se reprimir e beijou-a com sofreguidão, numa paixão desenfreada. Suas línguas se contorciam ávidas e delirantes, sugando o gosto um do outro como se a fome que os consumia jamais pudesse ser saciada. Transtornado de desejo, ele continuou a beijá-la no rosto, na testa, no pescoço, envolvendo-a numa teia sensual, fazendo-a arder de prazer.

E então, da mesma maneira repentina como tudo começara, Mike se afastou, a respiração ofegante traindo toda a carga de emoção interior.

Os dois se olharam um longo tempo sem nada dizer... E foi ele quem rompeu o pesado silêncio.

— Escute, Joanna, eu...

— Não diga nada. Vá embora, por favor.

Mike permaneceu imóvel, fitando-a longamente. Depois do que pareceu uma eternidade, saiu da casa e bateu a porta, murmurando palavras incompreensíveis.

Tremendo da cabeça aos pés, Joanna se encolheu no sofá, a alma partida em pedaços.

— Alô? Srta. Nash?

— Oh, bom dia, sr. Mason.

Joanna procurou manter a calma, embora estivesse bastante apreensiva. Como gostaria de se ver livre do assédio da polícia. Até o momento eles não tinham descoberto nada de concreto que pudesse confirmar as suspeitas sobre o atropelamento ter sido um ato intencional. Ainda assim o detetive continuava firme na idéia original e a mantinha sob vigilância as vinte e quatro horas do dia.

— Só estou querendo me certificar de que nada de incomum tem acontecido. Por acaso você recebeu algum telefonema suspeito? Ou percebeu algo de estranho que possa ser de interesse para as investigações?

— Não, tudo continua como antes. Se eu tivesse quaisquer desconfianças,

você seria o primeiro a saber — ela respondeu recostando-se na cadeira atrás da escrivaninha.

— Conto com a sua colaboração.

— Já que minha vida tem seguido tranqüila, por que você não dispensa o policial encarregado de me vigiar?

— Ainda não é o momento.

— Bem, então só me resta seguir a sua orientação, detetive. Ed Mason riu, tentando transmitir calma para a mulher do outro lado da linha.

— Manterei contato, srta. Nash. Tenha um bom dia.

— Você também.

Joanna colocou o fone no gancho e se serviu de uma xícara de café, os pensamentos num turbilhão. O líquido quente e forte pouco serviu para ajudá-la a relaxar. Sua mesa estava cheia de papéis que exigiam atenção imediata, especialmente a pasta com a etiqueta FDIC. Além dos outros arquivos urgentes cuja pilha só parecia dobrar de volume.

Infelizmente não conseguia se concentrar em nada. Era como se Mike a tivesse marcado, deixado sua mente e seu corpo em carne viva. Agora mal podia pensar em outra coisa que não fosse os últimos momentos que haviam passado juntos. Gostaria de culpá-lo pelo acontecido. Mas não, não seria justo. Ela sim, era a verdadeira culpada.

Ainda sentia a pele arrepiada ao se lembrar do beijo tórrido e apaixonado que haviam trocado no sofá da sala de estar. Como pudera perder o controle com tanta facilidade? Sempre se julgara uma pessoa cautelosa, sensata, racional. Alguém capaz de enfrentar as situações com serenidade e resolver os próprios problemas sem se deixar levar pelo excesso de emoção. Contudo não conseguira superar o fascínio exercido por Mike McCoy e nem as táticas de sedução que ele usara para envolvê-la numa rede de sensualidade.

Precisava achar uma maneira de dar um paradeiro naquela história, precisava encontrar um jeito de sufocar a loucura que teimava em arrastá-la por um caminho que, com certeza, não teria volta. Mike não era apenas uma ameaça â sua paz de espírito, mas uma ameaça ao seu futuro também. Existiam muitos motivos que impediam um relacionamento como aquele de dar certo. Na verdade nem precisava se esforçar para enumerá-los. Os dois eram tão diferentes quanto a água do vinho. Ela, por exemplo, apreciava atividades intelectuais e ele se interessava por atividades físicas. Mike exalava masculinidade por todos os poros e tinha um temperamento ardente, impetuoso enquanto ela temia a força dos sentimentos e não sabia como lidar com o fato de desejar um homem com

tamanha paixão e urgência.

É claro que não passava de uma mulher fragilizada que escolhera esconder as emoções para evitar sofrimentos futuros. Pelo menos para si mesma admitia ser insegura, desconfiada. Porém isso era de se esperar, especialmente depois do que sofrerá nas mãos do ex-marido.

Por outro lado, Mike não parecia nem um pouco preocupado em manter certas reservas e parecia desconhecer a importância, e a necessidade, de controlar os instintos. Na verdade ele era até liberal demais, tanto com as palavras quanto com as mãos. E sabia usar as duas coisas com uma habilidade que ultrapassava a mais louca imaginação. Bastava tocá-la para deixá-la em fogo, ardendo de desejo. Oh, Deus, precisava se livrar daquelas sensações imperiosas! Na sua vida não havia lugar para a paixão.

Se e quando decidisse entrar num novo relacionamento, com certeza iria querer um homem que lhe oferecesse uma estabilidade calma e rotineira, alguém que pensasse e encarasse o mundo à sua maneira racional e controlada, destituída de qualquer fantasia. Mike simplesmente não se enquadrava naquela descrição. Ele era mulherengo, inconstante, sem nenhuma intenção de criar raízes, de formar um lar, uma família E claro que parecia até capaz de apaixonar-se com uma certa freqüência. Porém paixão nem sempre significa amor. E aí estava o xis do problema.

De agora em diante iria ser sincera consigo mesma e se manter fiel aos seus valores. Estava resolvida a não se encontrar com o sr. McCoy fora da academia. E ponto final.

Alguém bateu à porta de repente, arrancando-a dos pensamentos insistentes.

— Você está pronta para ir? — Calvin indagou.

Grata por se ver obrigada a voltar a atenção para o trabalho, Joanna sorriu e apanhou as pastas sobre a mesa.

— Sim, estou pronta para a reunião.

— Só espero que os fiscais enviados pelo banco estejam de bom humor hoje. Talvez todos tenham tomado um belo café da manhã e se sintam de bem com a vida, prontos para não criarem problemas desnecessários.

— Eu não estou preocupada — Joanna falou confiante. — Temos tudo documentado, nossos papéis estão em ordem.

Ela estivera se preparando para esta reunião há dias. Três funcionários do FDIC tinham sido destacados para estudar minuciosamente várias das transações envolvendo altas somas feitas pela empresa. Embora não tivesse dúvidas de que

seria uma sessão difícil, a National Savings, comandada por Calvin Granger, desenvolvia um trabalho impecável e honesto. Portanto não havia o que temer.

— A propósito, como está indo o seu programa de condicionamento físico na academia?

— Nem me pergunte.

— Tão ruim assim, é? Bem, procure ter em mente que os exercícios não irão durar para sempre.

Ao chegarem junto à porta da sala de conferência, Calvin parou por um instante e olhou as horas.

— Tenho certeza de que eles já estão lá dentro, nos esperando.

— Tudo bem. Estou pronta para enfrentar qualquer discussão.

E estava mesmo. Qualquer coisa seria preferível a ficar pensando em Mike. Sorrindo, ergueu os ombros e abriu a porta para o chefe.

— Vamos.

Onde diabo estava aquela mulher?

Mike sentiu um aperto no peito, como se mãos de ferro estivessem pressionando seu coração bem devagar, impedindo-o de respirar. Talvez ela não fosse voltar nunca mais. Ansioso, olhou as horas pela milésima vez.

— Droga! — praguejou baixinho se aproximando da janela. Lá fora a chuva não parava de cair desde cedo. Que dia horrível, deprimente. A maratona de Houston estava chegando e precisava estar em forma para disputar os primeiros lugares. Até que correra um pouco de manhã, porém quando os trovões e relâmpagos se tornaram mais fortes e freqüentes não teve outra alternativa a não ser voltar para a academia.

Por volta das duas horas da tarde já estava no escritório e além da chuva não ter melhorado em nada, seu humor também continuava péssimo. Na verdade as duas coisas iam de mal a pior. Oh, Deus, precisava sair um pouco e correr. Quem sabe o esforço não ajudaria a diminuir a tensão insuportável?

A verdade era que desejava tanto Joanna que se sentia fisicamente doente. Por que diabo a tinha beijado? Já se fizera esta mesma pergunta um milhão de vezes e não conseguia encontrar a resposta. Talvez tivesse medo de descobrir...

Joanna não era o tipo com quem devia se envolver. Ela jamais iria tolerar encontros ocasionais, sem qualquer outro compromisso que não fosse o prazer imediato. E ele, por outro lado, buscava apenas relacionamentos assim. Como então pudera ficar tão obcecado por aquela mulher? Quem sabe se a possuísse acabaria perdendo o interesse? Afinal muitos casos terminam logo depois do desejo e da curiosidade serem saciados.

Não tente se enganar, McCoy. Possuí-la uma vez só aumentaria o apetite.

— Para o inferno com tudo — ele murmurou limpando o suor da testa com as mãos.

Estava decidido. Iria lhe telefonar e descobrir de uma vez por todas o que estava acontecendo. Se tivesse sido capaz de se controlar, de manter as mãos longe dela, uma simples falta à sessão marcada não teria qualquer outro significado a não ser um imprevisto de última hora. Jamais, em todos os seus anos de profissão, havia perdido clientes por causa de um comportamento antiético. Entretanto temia que Joanna viesse a ser a primeira.

E se ela levasse adiante a ameaça de demiti-lo? Mas não, não iria permitir que as coisas chegassem a esse ponto. Joanna havia recuperado boa parte da capacidade física porém ainda estava longe de ser considerada cem por cento em forma e ainda precisava da sua ajuda como fisioterapeuta.

Mike consultou o arquivo com informações sobre os clientes e imediatamente discou o número de Joanna. O telefone tocou, tocou, sem que ninguém atendesse. Por fim desistiu e sentou-se na poltrona. Iria esperar. Talvez ela aparecesse.

À distância já era possível perceber que a casa estava às escuras. Portanto Joanna devia ter saído. Apesar de bastante desapontado com a descoberta, Mike continuou dirigindo até estacionar o jipe sob a luz de um lampião, na rua totalmente deserta.

Ao perceber que o carro dela estava na garagem, ele desceu e parou diante da casa silenciosa.

Teria sido um tolo ao se dar ao trabalho de vir até aqui? Era provável que sim, contudo não tivera outra escolha. Joanna não aparecera na academia. A culpa fora sua que estragara tudo ao beijá-la. Precisava consertar a situação. Iria se desculpar hoje mesmo, apesar de ser quase dez horas da noite.

É claro que a decisão de procurá-la não fora fácil. Passara horas no escritório andando de um lado para o outro até quase fazer furos no tapete. Depois tivera que atender os vários clientes particulares. Só agora se via livre dos compromissos profissionais. Bem que considerara a idéia de telefonar, porém o que queria dizer precisava ser pessoalmente.

Ignorando a sensação de ansiedade que só fazia aumentar, Mike bateu a porta do jipe e caminhou na direção, da casa escura, os passos rápidos ecoando dentro da escuridão silenciosa. Ele tocou a campainha. Nenhuma resposta.

A decisão de tentar a porta dos fundos lhe parecia lógica uma vez que Joanna devia estar em casa, já que o carro continuava na garagem. Agarrando-se

à esperança, ele parou defronte às janelas francesas. Através das cortinas rendadas era possível enxergar uma luz suave brilhando na cozinha.

Mas apesar da tênue claridade não havia sinal de Joanna.

Ele ergueu a mão para bater no vidro quando uma voz dura murmurou junto ao seu ouvido:

— Não se mexa. Mike se moveu.

— Eu já lhe disse, não se mexa.

Foi então que ele sentiu o cano frio de um revólver pressionando de encontro às suas costelas.

CAPÍTULO XI

Joanna se sentou na cama e por um instante tudo — o que conseguiu ouvir foram as batidas rápidas do próprio coração. O que a teria acordado daquela maneira tão repentina? Algum pesadelo talvez?

Foi então que ela ouviu as... vozes, vozes altas. Fora aquele barulho que a arrancara de um sono profundo e sem sonhos. Trêmula, o sangue correndo rápido nas veias, jogou as cobertas para o lado, vestiu um robe sobre a pele nua e saiu do quarto sem parar para pensar numa resposta para as perguntas que martelavam sua mente.

As vozes alteradas estavam vindo do jardim.

O luar iluminava tudo ao redor de uma maneira quase fantasmagórica. O relógio da sala bateu dez e meia. Porém o tempo havia perdido a importância diante da visão inesperada. Através dos vidros da janela francesa podia-se ver a silhueta de três homens. Dois pareciam discutir e ela reconhecia as vozes de ambos.

Resolvida a descobrir o que se passava, saiu para o jardim. Imediatamente os homens se calaram, os olhos fixos na recém-chegada.

No entanto dos três, apenas um lhe interessava: Mike.

Eles se fitaram por vários minutos como inimigos medindo forças, sem se importar com quem estava ao redor.

Mike foi o primeiro a desviar o olhar, os lábios sensuais transformados numa linha rígida. Ao seu lado Jeff Neely, policial à paisana, parecia pouco satisfeito também. Eram os dois quem discutiam antes. O terceiro homem, oficial da polícia, estava uniformizado.

— O que está acontecendo aqui? — Joanna perguntou secamente.

Pouco à vontade, foi Jeff Neely quem respondeu:

— Desculpe o incômodo, srta. Nash, mas nós pegamos este homem espreitando a casa e...

— Oh, pelo amor de Deus— Mike interrompeu irritado. — Eu não estava espreitando nada.

Jeff ignorou a interrupção e continuou:

— Quando o interroguei, ele ficou agressivo.

— Só depois que você meteu o cano do revólver no meio das minhas costelas.

Joanna sentiu o ar lhe faltar de repente.

— O quê?

— Você me ouviu muito bem. Eu não gosto de ser ameaçado, em especial quando não fiz nada de errado.

— Mas nós não o conhecíamos, sr. McCoy — Neely falou cheio de paciência. — É meu... é nosso dever proteger a srta. Nash.

— Será que alguém pode me contar essa história direito? Sobre o que este homem está falando, Joanna?

Antes que ela pudesse responder, Neely se intrometeu outra vez.

— O sr. McCoy diz que é seu amigo. É verdade?

— Sim, é verdade — ela falou depois de alguns minutos de silêncio.

— Desculpe a insistência, porém nós tínhamos que ter certeza. A propósito, srta. Nash, este aqui é o oficial Browning, que dividirá a tarefa de vigiá-la comigo.

— Você acha que tudo isso é realmente necessário? — Era impossível não perceber o tom de quase irritação na voz feminina.

— Estou apenas cumprindo ordens e seguindo a orientação do detetive Mason.

— Então eu mesma falarei com o detetive.

— Como quiser, srta. Nash.

Um silêncio incômodo se estendeu por vários minutos.

— Já que tudo foi esclarecido, meu parceiro e eu vamos embora — Neely anunciou um pouco sem jeito.

— Obrigada — ela se forçou a dizer.

Os policiais se afastaram depressa, desaparecendo dentro da escuridão.

Joanna voltou a atenção para Mike, reparando que ele vestia apenas short e camiseta. Com certeza devia ter saído direto da academia para a sua casa. O rosto bonito parecia cansado, as feições ligeiramente marcadas pela sombra da barba. Porém os olhos escuros estavam frios como aço.

— Aqueles dois não machucaram você, não é?

— Nada de sério.

— Que alívio. — Joanna desviou o olhar, sentindo-se enrubescer da cabeça aos pés.

— Você se importa se nós continuarmos esta conversa lá dentro?

— Ah, desculpe. Me esqueci de convidá-lo para entrar.

Os dois pararam no meio da sala e por alguns instantes não disseram nada. Joanna estremeceu diante daquele homem alto, zangado e assustador.

— Que diabo está acontecendo aqui? — A voz profunda soou baixa e

urgente, como se não admitisse meias-verdades.

— Tem... tem um policial vigiando minha casa.

— Me conte algo que eu ainda não saiba.

— Sinto muito que ele o tenha confundido com...

— Com quem? Vamos, me diga, com quem ele podia ter me confundido?

— É o que estou tentando lhe dizer, porém você não deixa. Não que eu lhe deva qualquer explicação. Muito pelo contrário.

— Eu sei, mas...

— O que você estava fazendo na porta dos fundos da minha casa?

A pergunta inesperada o pegou de surpresa.

— Vim procurá-la porque queria saber o motivo da sua ausência na sessão de hoje.

— Entendo.

— Então, por que você não foi?

— Tive um dia exaustivo no escritório e ao chegar em casa decidi descansar um pouco antes de ir para a academia. O problema é que acabei dormindo e só acordei quando ouvi o barulho de vozes.

Apenas parte do que ela disse era verdade. De fato chegara morta de cansaço do trabalho, porém naquela altura dos acontecimentos já estava decidida a cortar o relacionamento com Mike pela raiz e encontrar um novo fisioterapeuta. Aquele beijo a tinha abalado profundamente e as conseqüências podiam ser percebidas até mesmo no seu desempenho profissional. Sentia-se incapaz de se concentrar em qualquer outra coisa a não ser na maneira ardente como seu próprio corpo respondera à carícia e a idéia de vê-lo de novo a deixava tensa e ansiosa.

— Agora, por favor, seja sincera.

— Oh, você está dramatizando a situação.

— Deixe que eu mesmo decido isso. De qualquer maneira, quando alguém nos aponta uma arma há motivos de sobra para preocupação.

— Tem razão.

— Vamos, estou esperando. Ainda assim ela hesitava.

— Droga, Joanna!

— OK, OK, eu conto.

Percebendo que não havia outra saída, ela acabou contando toda a história sobre o ex-patrão e o seu papel de testemunha-chave no processo em que ele estava sendo acusado de fraude.

Quando terminou o relato, o rosto de Mike parecia uma máscara, tão intensa a palidez.

— Então a polícia acha que o atropelamento está relacionado ao seu depoimento?

— Sim.

— E você? Qual a sua opinião?

— Na minha opinião uma coisa não tem nada a ver com a outra. Eu já disse isso ao detetive Mason.

— Posso saber quem é o detetive Mason?

— O oficial encarregado do caso.

— Droga, Joanna, se a polícia decidiu mantê-la sob vigilância constante, é porque tem motivos para acreditar que você pode estar correndo algum tipo de perigo. De outro modo não iria desperdiçar os agentes mandando-os observá-la dia e noite.

— Eles estão exagerando, fazendo uma tempestade em copo d'água.

Em questão de segundos Mike estava bem junto dela, o corpo musculoso quase a imprensando de encontro à parede.

— Você está louca? Perdeu por completo o juízo?

— Não ouse falar neste tom comigo!

Irritado, ele meteu as mãos nos bolsos procurando abafar a frustração. Quando voltou a falar foi com muito mais delicadeza, embora uma nota de agonia continuasse presente em cada uma das palavras.

— Será que você não entende? Se algo lhe acontecer eu... Ela ofegava, um rubor violento cobrindo todo o seu rosto. O ar abafado vibrava de expectativa.

— Oh, Joanna, não me olhe assim... — Sua voz soou rouca, quase irreconhecível aos próprios ouvidos.

A atração que os consumia, a força que os ligava era tão forte que parecia tangível.

Joanna deu um passo para trás, subitamente consciente de que estava nua sob o robe de seda. Os olhos de ambos se encontraram, a lembrança do beijo tórrido dominando seus pensamentos.

Determinada a quebrar o encantamento e se manter racional, ela ergueu as mãos para massagear as têmporas. Porém o gesto ficou incompleto, parado no ar, ao perceber a expressão transtornada de Mike.

— O que você está tentando fazer comigo? — ele indagou num murmúrio tenso, carregado de paixão.

Foi então que ela notou o que havia acontecido. O movimento repentino tinha feito o decote do robe sair do lugar, expondo uma parte dos seios.

Vermelha da cabeça aos pés, Joanna inspirou fundo tentando se agarrar a um resto de bom senso.

— Eu...—ela começou trêmula, desejando sumir dali, evaporar no ar, se esconder daquele homem fascinante e dominador.

No entanto o desejo expresso no olhar e na voz masculina a mantinha cativa. Tudo o que conseguia fazer era ficar imóvel, indefesa, sentindo-o cada vez mais próximo, o perfume sensual a ponto de sufocá-la.

Incapaz de se conter, totalmente dominada pela emoção, Joanna o tocou de leve no rosto, com as pontas dos dedos.

— Mike... — ela sussurrou num fio de voz, entregando-se enfim aos sentimentos.

Joanna é linda, ele pensou, os olhos fixos nos seios expostos, sentindo-se como alguém que acabara de vislumbrar algo tão belo quanto proibido. Com o coração batendo acelerado no peito e o sangue fervendo nas veias, já não achava possível evitar o que estava para acontecer.

O luar se derramava sobre o rosto delicado, escurecendo os olhos verdes e envolvendo-os num manto de mistério! Joanna fitava Mike com igual intensidade, como se quisesse guardar na memória cada detalhe da figura máscula por toda a eternidade. — Sua pele... é tão macia quanto veludo — ele falou baixinho, deslizando as mãos pelo pescoço longo e elegante.

Embora sem dizer uma única palavra, ela o encorajava a acariciá-la, erguendo os seios num movimento inconsciente de entrega. Mike não precisou de um segundo convite.

Louco de desejo, contornou os lábios carnudos com o polegar bem devagar, mal contendo a ânsia de beijá-los com sofreguidão. Joanna fechou os olhos e estremeceu violentamente. Excitado pela intensidade da reação feminina, ele sentiu uma onda de prazer atravessá-lo de alto a baixo, terminando numa ereção explosiva, quase dolorosa. Ainda controlando os impulsos de tomá-la nos braços e possuí-la naquele mesmo instante, Mike desfez o laço da faixa ao redor da cintura para livrá-la do robe de seda e expor á nudez gloriosa.

Pernas bem torneadas, quadris arredondados, cintura delgada. Não havia palavras capazes de definir tanta beleza, a não ser perfeição. E os seios então... pequenos, firmes, mamilos delicados e rosados, prontos para serem sugados.

Na penumbra da sala, aqueles bicos eretos pareciam brilhar com luz própria, enfeitiçando-o, provocando-o com promessas de louco prazer. Joanna

ofegava, sabendo-se a beira do inevitável e desejando ir até o fim.

— Quase não posso vê-lo — ela murmurou agarrando-se ao corpo atlético. — Você está no escuro.

Ele a pressionou de encontro ao peito largo, apertando-a com um ardor desesperado. Ainda abraçados, os dois se deitaram no tapete no meio da sala, as silhuetas de ambos banhadas pelo luar.

As palavras já não eram necessárias. Nada mais tinha importância a não ser o êxtase daquele momento mágico e inesperado, quando duas pessoas se perdem na ânsia de se transformarem numa só carne.

Com gestos rápidos Mike se livrou das próprias roupas e estreitou-a de novo num abraço apertado, suas peles se roçando em movimentos lentos e sensuais.

Então ele começou a beijá-la nos lábios, nos olhos, no pescoço, parando apenas ao alcançar a curva suave dos seios brancos e empinados. Gentilmente tomou um dos mamilos entre os dedos e pressionou-o com força.

Joanna estremeceu e arqueou as costas, oferecendo-se aos lábios que se abaixavam para sugá-la. Ao sentir a língua impetuosa lamber os bicos de seus seios com voracidade, não pôde conter os gemidos, perdida num turbilhão de emoções desconhecidas.

— Oh, querido... — ela murmurou acariciando-o nos ombros, nas costas, enterrando as unhas nas nádegas firmes e musculosas.

Dominado pela febre do desejo, Mike deslizou os dedos entre as coxas de Joanna à procura do ponto escondido da feminilidade. Bem devagar, começou a massageá-la ali, aumentando a pressão gradativamente, levando-a a beira do orgasmo.

Ela virava a cabeça de um lado para o outro, como se não pudesse suportar tanto prazer. Sons desconexos saíam de sua garganta, sons primitivos de fêmea no cio. Joanna mal se reconhecia naquela mulher ousada e ardente, capaz de experimentar sensações que julgava mortas ou inatingíveis.

Alucinado, a virilidade pulsando num ritmo febril, Mike só conseguia desejar que o momento não terminasse jamais. Ele pensava apenas em agradá-la, um sentimento novo e desconhecido. Durante um longo tempo, em todos os relacionamentos fugazes que tivera, nunca se preocupara de modo especial com o prazer que pudesse dar à parceira. Costumava pensar apenas na própria satisfação. Porém agora era tudo muito diferente. Não somente se preocupava, mas estava obcecado com a idéia de levar Joanna a um êxtase absoluto pois sabia que unicamente através do prazer dela iria alcançar o seu.

Percebendo-a a beira do clímax, Mike deitou-se sobre ela, cobrindo o corpo trêmulo e ansioso com o seu. Joanna abriu as pernas sem hesitação para receber o membro pulsante.

As investidas foram lentas e suaves a princípio. Mike continuava beijando-a na boca e nos seios, envolvendo-a numa teia de sedução e erotismo.

Livre de qualquer inibição, Joanna cruzou as pernas ao redor do homem que a possuía, sua língua buscando a dele com uma avidez quase selvagem.

Tempo e lugar perderam o significado. Nenhum dos dois conseguia dizer coisa alguma, os pensamentos vagando incoerentes num mundo além das palavras. Gemidos e sussurros roucos ecoavam pela sala pouco iluminada, o perfume dos corpos que se amavam impregnando o ar.

No auge da paixão, as investidas de Mike foram se tomando cada vez mais rápidas, tensas e profundas. Ela se movia no mesmo ritmo, encorajando-o a possuí-la até a alma.

Finalmente os dois estavam a um passo do orgasmo, aquele momento de alívio mágico e total em que se alcança as estrelas e se vislumbra a eternidade.

— Joanna, Joanna... — ele murmurou alucinado, perdido num crescendo de espasmos doces e violentos.

Então Mike gritou e derramou sua semente no corpo dela.

CAPÍTULO XII

Eles estavam nus e exaustos; a cama uma bagunça. Lençóis revirados, travesseiros caídos pelo chão. Contudo nenhum dos dois parecia dar a mínima, perdidos na contemplação um do outro, os rostos iluminados transpirando paixão e encantamento. Porém não demorou muito e o cansaço os forçou a dormir, os corpos saciados enfim se entregando ao repouso.

Joanna foi a primeira a acordar. Ao abrir os olhos sentiu-se confusa e atordoada, sem saber se tanta felicidade era sonho ou realidade. Então virou a cabeça para o lado e o viu. Mike dormia profundamente, em paz consigo mesmo e com o mundo. Fascinada, continuou a fitá-lo por um longo tempo, os pensamentos tão embaralhados que não sabia se valia a pena tentar ordená-los.

De repente os acontecimentos da noite anterior voltaram à sua mente com uma nitidez e uma riqueza de detalhes impressionantes. As cenas tórridas de amor sobre o tapete defronte à lareira, a pressa com que se refugiaram no quarto para continuar a explorar os corpos um do outro com uma avidez quase selvagem.

Ela olhou as horas no relógio sobre a mesinha de cabeceira. Seis horas da manhã, o dia mal acabara de nascer. Trabalhar! Não, não precisava se preocupar. Tinha tempo de sobra para se aprontar e ir para o escritório.

Mike continuava a dormir. Reprimindo o impulso de tocá-lo, Joanna deixou os pensamentos vagarem sem rumo ou censura. A noite passada entre aqueles braços fortes tinha ido além da mais louca imaginação. Nunca experimentara prazeres tão intensos. Mas o que significava tanta felicidade? Teria se apaixonado? Não, que idéia absurda. Tudo o que sentia em relação ao fisioterapeuta era atração sexual, nada mais, nada menos. O amor não entrava na história. Depois de se convencer deste detalhe, ela conseguiu relaxar.

— Oi.

A voz rouca de Mike a trouxe de volta ao momento presente.

— Bom dia.

Os dois ficaram em silêncio alguns minutos, como se não soubessem o que dizer. Foi ele quem colocou em palavras aquilo que os perturbava.

— Você está arrependida pelo que aconteceu entre nós?

— Não. E você?

— Como é que tem coragem de me perguntar uma coisa dessas? Joanna enrubesceu e desviou o olhar, lembrando-se de tudo o que haviam feito com os corpos um do outro, como haviam se entregado às carícias mais ousadas sem

qualquer reserva.

— Venha cá.

Ela se aninhou junto ao peito forte, os corações de ambos batendo no mesmo ritmo, cada qual perdido no desassossego de seus próprios pensamentos.

— E agora? Como vai ser?

— O que você está querendo dizer com isso? — Joanna perguntou, embora [soubesse muito bem a resposta. Eles não tinham planejado os acontecimentos da noite anterior. Mas agora que acontecera, precisavam enfrentar a nova realidade.

— Vai continuar se encontrando comigo? Fora da academia?

— Na sua opinião, seria sensato?

— Não, porém não dou a mínima para o bom senso. — Ele sorriu e acariciou-a nos seios com extrema delicadeza.

— Eu também não.

— Desde o primeiro instante em que a vi soube que você me traria problemas. Para falar com franqueza, a considerei uma muIherzinha fria e arrogante.

Joanna lhe deu um beliscão com força.

— Ai!

— Serve para você aprender a não ter pensamentos maldosos a meu respeito.

— Então tenho que lhe confessar que eu estava totalmente errado. Descobri que você é macia e quente por dentro e...

— Oh, Mike... — Ela sorriu embaraçada, vermelha da cabeça aos pés.

O silêncio que se seguiu foi doce e reconfortante, ambos saboreando o aconchego oferecido pela presença mútua.

— Detesto ter que lhe fazer esta pergunta, mas preciso saber.

— O quê?

— Você está tomando pílula anticoncepcional, não está?

— Não, porém não há motivos para preocupações. Não estou no meu período fértil. — Joanna só pedia a Deus não ter calculado mal a data provável da ovulação.

— Ótimo. Não consigo nem me lembrar quando foi a última vez que mantive relações sem usar preservativo. O fato é que eu a desejava tanto que mandei qualquer precaução às favas.

— Eu sei...

— Costumava ser assim com seu... ex-marido? Era assim... tão bom?

— Nunca. Andy jamais se importou se eu sentia prazer ou não.

— Então ele é ainda mais idiota do que eu imaginava.

— Muito pior, esteja certo.

— Desculpe se meu comentário a incomodou. Eu não tinha intenção de ressuscitar lembranças dolorosas. Deus sabe que na vida de todos nós existem coisas que não devem ser remexidas.

— Tudo bem. Não me importo que você conheça meu passado.

— Quero saber tudo a seu respeito. — Mike abraçou-a com força, como se não quisesse deixá-la se afastar jamais.

— Eu tive uma filha.

As palavras tristes ecoaram pelo quarto silencioso como um lamento.

— Uma filha? Você teve uma filha?

— Megan era tudo para mim. — Joanna reprimiu um soluço, o corpo tenso e trêmulo.—Fiquei desesperada quando ela morreu.

— Morreu. Ah, Deus, não consigo imaginar...

— Não, ninguém consegue imaginar tanta dor até experimentar na própria carne.

— Você gostaria de ter outro filho, não é?

— Sim, muito — ela respondeu, ignorando uma voz interior que lhe avisava estar pisando num terreno perigoso. — Mas você não quer filhos, certo?

— Não. — O tom de Mike era seco e determinado. — Não quero filhos.

Joanna se afastou e desviou o olhar. Termine tudo agora, dizia para si mesma. Se insistisse naquele relacionamento iria colher apenas sofrimento e lágrimas. Mas como se afastar depois de vislumbrar o paraíso escondido entre os braços fortes? A verdade era que não tinha forças para dar as costas aos sonhos de felicidade. A situação era assim, a um só tempo simples e complicada.

Como se percebendo o que se passava em seu íntimo, Mike a puxou para junto de si.

— Você sabe que eu não posso perdê-la.

— Nunca dará certo entre nós.

— Como é que pode ter tanta certeza?

— Eu apenas sei. E você também.

— Só porque você quer ter filhos e eu não?

— Há mais do que isso para ser levado em consideração, embora o fato de não concordarmos quanto ao assunto "crianças" pesar bastante.

Ele se inclinou e tomou um dos mamilos na boca, pondo-se a sugá-lo lentamente.

Joanna deixou escapar um gemido rouco, sentindo uma onda de calor se espalhar em direção às coxas.

— Você não está jogando limpo.

— Farei qualquer coisa para não perdê-la.

— Mike... eu...

— Não vamos nos preocupar com o futuro. Vamos simplesmente viver um dia de cada vez.

Ela concordou, os lábios esmagados por um beijo voraz e exigente.

Os dois meses seguintes passaram num piscar de olhos. Como Mike havia sugerido, ambos procuravam viver um dia de cada vez, encontrando-se fora da academia tanto quanto possível.

Apesar de se recriminar por estar pensando com o coração e não com a cabeça, Joanna não conseguia agir de outra forma. Por mais que tentasse se convencer de que Mike não era o tipo de homem que lhe convinha, que os dois eram diferentes demais para manter um relacionamento permanente, ainda assim não tinha forças para colocar um ponto final na relação.

Ele a enlouquecia de desejo. Era capaz de irritá-la, fazê-la rir e ter vontade de chorar. Porém nunca, nunca a entediava. Desde que o conhecera sua vida se transformara, enchendo-se de cores e fantasias.

O único aspecto sombrio daquela fase feliz era sua pouca resistência física. Segundo Mike, ela não estava progredindo da maneira que deveria, mesmo depois de intensificarem o programa de exercícios físicos. Também o fato de estar com problemas de estômago não ajudava em nada. Além de vomitar com freqüência, vinha se sentindo sem energia e irritadiça. Finalmente, cedendo à insistência de Mike, acabara procurando um médico, certa de que ele lhe receitaria algumas vitaminas e a aconselharia a tomar mais cuidado com a saúde.

Porém o desenrolar dos acontecimentos fora muito diferente.

— Srta. Nash — ele dissera depois de examiná-la. — Não é uma gripe forte o que a está deixando neste estado.

— Não?

— Parabéns, você está grávida.

Ela recebera a notícia ontem à tarde e ainda não conseguira se recuperar do choque. Quando dissera a Mike que estava num período seguro do mês, havia sido sincera e depois daquela primeira vez não tinham voltado a fazer amor sem tomarem as devidas precauções para evitar uma gravidez inesperada.

E agora, Deus, o que fazer? Bem no fundo de si mesma a resposta era clara: iria ter o bebê. Apesar de ser uma mulher vivida e experiente, cometera um erro de cálculo e estava disposta a arcar com as conseqüências, assim como jamais fugira das responsabilidades que a vida lhe impusera. Não importava o que os outros pudessem dizer ou pensar, iria levar aquela gravidez até o fim.

Num gesto inconsciente de proteção, Joanna colocou a mão sobre a barriga e caminhou para a cozinha. Havia chegado em casa do trabalho há pouco e teria tempo para descansar, já que hoje não precisaria ir à academia. Além do mais Mike estava viajando, o que de certa forma era um alívio porque adiava o momento em que se veria obrigada a abordar o assunto da gravidez.

Mal acabara de colocar água para ferver, com a intenção de fazer café, quando alguém tocou a campainha.

— Quem é? — ela indagou antes de abrir a porta.

— Sou eu, Kim.

Kim estivera três dias fora da cidade e Joanna não esperava vê-la tão cedo. Mas a presença da amiga era muito bem-vinda, especialmente nesta noite.

— Fico feliz que já esteja de volta. Vamos, entre.

— Eu também não via a hora de voltar.

— Fez boa viagem?

— A mesma ladainha de sempre.

Joanna levou a amiga para a cozinha. Com uma xícara de café fresco nas mãos, as duas trataram de colocar a conversa em dia.

— Puxa, estou exausta — Kim esticou as pernas sobre a cadeira mais próxima e estendeu os braços para cima.

— Deve ser por causa da gripe.

— Nada disso. É excesso de trabalho mesmo. — Ela ficou em silêncio por um instante, os olhos fixos no rosto abatido de Joanna. — Algum problema, querida? Você me parece deprimida. Não está doente, está?

— Não realmente. — Joanna desviou o olhar, os lábios trêmulos como se estivesse prestes a chorar.

— Não entendi bem o significado da sua resposta.

— Oh, minha amiga, acho que estou grávida.

Kim perdeu a fala por alguns segundos, incapaz de disfarçar a surpresa e o espanto.

— Você acha ou tem certeza?

— Tenho certeza. — Por fim as lágrimas correram soltas pelo

rosto pálido. — Vamos, pode me dizer o que está pensando. Pode me chamar de tola.

— Não tenho a menor intenção de julgá-la.

— Mas você acha que eu... que eu não tive bom senso para... Vendo a angústia da outra, Kim abraçou-a com força, tentando

oferecer apoio e consolo.

— Não há mesmo qualquer dúvida? Quero dizer, o atraso da menstruação pode ter outras causas, como uma infecção por exemplo, ou problemas hormonais.

— Fui ao médico e ele me deu a notícia depois de um exame minucioso. Mas ainda assim eu não quis acreditar. Passei na farmácia e comprei um daqueles kits para fazer o teste de gravidez em casa. O resultado foi positivo.

— Uau! — Kim inspirou fundo tentando absorver a notícia.

— O que você está pretendendo fazer agora?

— Ter a criança, é claro.

— Já contou ao Mike?

— Ainda não.

— Você o ama?

— Sim.

— Então não está triste nem arrependida com o que aconteceu?

— Não, embora devesse estar. Não é que eu tenha deixado de tomar as precauções de propósito. Simplesmente... aconteceu.

— Há muita coisa que me preocupa e muita coisa que eu poderia lhe dizer, porém vou me calar a respeito das dúvidas. Quero apenas deixar bem claro: você tem todo o meu apoio, seja qual for a sua decisão.

— Obrigada, amiga. — Joanna sorriu no meio das lágrimas.

— Vou precisar mesmo do seu apoio. Além de Mike, terei que enfrentar meus pais também.

— Eu sei, e vai ser difícil em ambos os casos. Em especial em relação aos seus pais. Quando... você pretende dar a notícia ao Mike?

— Tão logo ele chegue de viagem. Provavelmente amanhã à noite. Tínhamos combinado sair para jantar e depois dançar,

— Tudo vai dar certo. Tenha confiança.

— Só peço a Deus que você tenha razão.

Vestindo um conjunto de moletom verde-claro, Joanna abriu a porta.

— Oi.

— Que saudade! — Mike beijou-a nos lábios com ardor. — Ainda não se aprontou? Chegou tarde do escritório?

Ela o levou para a sala de estar antes de responder.

— Você se importa se nós não sairmos para dançar? Depois da visita que fizera ao médico hoje, a última coisa que desejava era dançar.

— Puxa, pelo seu tom de voz parece que alguma coisa séria aconteceu — ele falou com um sorriso carinhoso.

— O que eu tenho para lhe dizer é sério.

— Há algo errado? Você está doente outra vez? — A preocupação era evidente agora.

— Não... não realmente. — Joanna evitava fitá-lo, temendo perder a coragem de abordar o assunto.

— Não entendi bem a sua resposta.

Ela sentou-se no sofá, o rosto muito pálido, a testa coberta por um suor gelado.

— Ei o que está acontecendo? — Mike tomou as mãos dela entre as suas e beijou as pontas dos dedos de leve.

— Por favor, não faça isso. Sinto cócegas.

— Ah, enfim consegui fazê-la sorrir. Por um momento pensei que essa expressão tão séria jamais abandonaria seu rosto.

— Eu... nós precisamos conversar. — Joanna estremeceu e tentou forçar um sorriso, porém não foi capaz.

— Então eles já descobriram o filho da mãe que a atropelou?

— O quê?

Mike repetiu o que acabara de dizer.

— Não. Na verdade não tenho tido notícias do detetive Ed Mason faz algum tempo. Vários dias, para ser mais exata.

— Suponho que aquele segurança continue vigiando sua casa, não é? De certa forma me sinto aliviado ao saber que a polícia não desistiu de mantê-la sob proteção.

Joanna ficou em silêncio, os olhos fixos no chão.

— Sou todo ouvidos — ele falou vendo-a hesitar — portanto me conte logo o que a está preocupando.

Ela o fitou através das lágrimas, a voz insegura, quase inaudível.

— Eu... vou ter um filho, Mike. O seu filho.

CAPÍTULO XIII

Mike abriu a boca para falar mas não conseguiu emitir qualquer som. Quando o silêncio se tornou insuportável ele tossiu, numa tentativa de ganhar tempo e ordenar as idéias. Vários minutos se passaram antes que dissesse alguma coisa.

— Repita o que acabou de me contar.

Embora a voz soasse baixa e controlada, Joanna podia perceber uma frieza de aço. Ela agarrou o braço do sofá com força, trêmula e angustiada.

— Não há necessidade. Você me ouviu muito bem.

— Tem mesmo certeza?

— Sim, certeza absoluta. O médico já me examinou duas vezes e confirmou minha gravidez.

Joanna cruzou os braços sobre o peito, sentindo-se frágil e insegura. A sensação era de que se fizesse um movimento, seu corpo iria se partir em mil pedaços.

— Você está furioso, não é? — ela perguntou, um frio intenso lhe penetrando até aos ossos.

— Não estou feliz.

Aquelas palavras ditas num murmúrio transpassaram sua alma como uma espada. Oh, Deus, seus piores medos tinham se tornado realidade. Embora houvesse temido esta reação por parte de Mike, alimentara uma esperança secreta de que ele demonstrasse alguma satisfação, apesar de se opor à idéia de filhos e do fato de não amá-la. Ela sim o amava, porém o sentimento não era recíproco.

Pouco a pouco Joanna sentiu o desespero tomar lugar da mágoa em seu coração. Como pudera perder o controle da própria vida quase de uma hora para outra?

— E como você está se sentindo? — ele indagou massageando as têmporas que ameaçavam explodir.

— Foi uma coisa estúpida deixar que isso acontecesse. Mas não posso dizer que esteja infeliz.

— Pois deveria estar — foi a resposta quase agressiva.

—Ouça, você não tem por que se preocupar.— Joanna inspirou fundo, lutando para manter as emoções sob controle.—Eu assumo a responsabilidade total pelo que aconteceu. Cuidarei de tudo sozinha.

— Não é isso o que me preocupa.

— Como assim? Não estou lhe entendendo.

— Estou preocupado com a sua saúde, pelo amor de Deus! Joanna sacudiu a cabeça de um lado para o outro, dominada por uma irritação crescente.

— Minha saúde está ótima, perfeita.

Ele praguejou baixinho e estendeu o braço, procurando abraçá-la.

— Não ouse me tocar!

Um silêncio pesado os envolveu. A tensão do ambiente era tão palpável que dava a impressão de poder ser cortada com uma faca. Os minutos se arrastaram sem que nenhum dos dois dissesse nada. Ela se esforçou para esquecer a dor de cabeça insistente, sem no entanto conseguir. Exausta, fechou os olhos, querendo simplesmente dormir e esquecer os problemas.

— Joanna — ele sussurrou, a voz cheia de angústia. Ignorando o apelo, ela se levantou e caminhou até a janela, o olhar triste e vazio fixo num ponto distante e imaginário.

— Você está me transformando no vilão da história. Eu não mereço isso.

Ela se virou de repente, os olhos verdes faiscando de raiva.

— Como não merece?! Você está furioso por causa do bebê.

— Não, não estou furioso por causa do bebê. Estou preocupado por sua causa.

— Claro — foi a resposta irônica.

— Seu corpo ainda não está em condições de carregar uma criança.

— Esta é apenas a sua opinião.

— Certo, é minha opinião. Porém sou um profissional qualificado para fazer esse tipo de avaliação.

— Você está é se sentindo culpado, nada mais.

— Não vou negar que exista uma certa dose de verdade no que você está dizendo. Eu devia levar uma surra por não ter tomado as devidas precauções, só que... — Ele parou no meio da frase e desviou o olhar. — Droga! Nós dois sabemos por que não tomamos as benditas precauções.

— Nós... Eu não posso nem quero me preocupar com isso agora. — Joanna tentava conter as lágrimas que teimavam em escorrer pelo rosto pálido. — Tenho que pensar no meu futuro... no bebê.

— Joanna... — Mike voltou a insistir, procurando se aproximar. Ela estendeu a mão, impedindo-o de chegar perto.

— Não diga mais nada, por favor. Você já expôs seu ponto de vista de maneira bastante veemente. Contudo, como eu lhe disse antes, e faço questão de

repetir, você não precisa se preocupar com nada.

— Droga, por que essa insistência em me interpretar mal? Está se fazendo de desentendida de propósito.

— Não, não estou. Desde o princípio você demonstrou não ter intenções de assumir qualquer responsabilidade ou manter um compromisso sério. Portanto não estou lhe exigindo nada.

— O que, exatamente, está querendo me dizer?

— Você sabe — ela respondeu, engolindo as lágrimas.

— Quero ouvi-la dizer. — A voz de Mike estava trêmula agora, como se a dor daquele momento fosse maior do que seus ombros pudessem suportar.

— Como quiser. Eu não quero e nem preciso de você na minha vida — Joanna mentiu, a alma se partindo em mil pedaços. — Você está livre de quaisquer obrigações em relação a mim e ao bebê.

Mike estremeceu, como se alguém o tivesse acertado com um soco violento bem no meio do peito.

— Você interpretou mal meus sentimentos e minhas palavras. Mas no momento está claro que vou apenas perder tempo tentando esclarecer o assunto. Porém tenha certeza de uma coisa: o caso não está encerrado. Grave o que estou lhe dizendo: o caso não está encerrado.

Ele deu-lhe as costas e saiu de casa, batendo a porta com força.

Joanna precisou se encostar na parede para não cair, sentindo o mundo desabar sobre sua cabeça. Nada seria como antes. Da sua vida só restavam cacos.

— Estou com alguns problemas, Mike.

— E quem não os tem? — ele respondeu dobrando várias folhas de papéis e colocando-as dentro das respectivas pastas.

Tony sentou-se na poltrona defronte à escrivaninha, incapaz de esconder a curiosidade.

— Que diabo deu em você? Nestes últimos dois dias tem andado tão irritado que parece um porco-espinho. Basta qualquer coisinha para deixá-lo com os pêlos eriçados.

— O que você quer? — Mike perguntou secamente.

— OK, já que insiste, vou direto ao assunto. O número de matrículas da academia tem caído nestes últimos meses.

— Acho difícil de acreditar, em especial porque tenho mais clientes do que nunca.

— Os chefes querem que você abra mais espaço na sua agenda para aceitar novos alunos. Entendeu o recado?

— Danem-se os chefes.

— Concordo plenamente com você, porém tanto o meu emprego quanto o seu dependem de agradarmos aos patrões, de fazermos com que fiquem felizes.

— Fazermos o banco feliz, isso sim.

— Verdade.

— Bem, não posso aceitar mais clientes particulares — Mike falou sem hesitar. — O fato de passar algumas horas por dia na faculdade limita meu tempo disponível

— Foi o que eu disse a eles.

— Não pretendo me preocupar com este problema. Posso fazer apenas o que está ao meu alcance.

Eles me mandaram lhe dar o recado, só isso.

— Obrigado, você cumpriu seu dever. Agora saia daqui e me deixe trabalhar, OK?

Tony deu alguns passos na direção da porta e virou-se para olhar o amigo, um sorriso desanimado no rosto.

— Espero que amanhã você esteja se sentindo melhor.

— Não conte com isso.

— Não vou contar.

Assim que o gerente saiu da sala, Mike tentou concentrar a atenção nos papéis sobre a mesa. No entanto as anotações que tomara nas aulas da noite anterior não faziam qualquer sentido e pareciam tão impenetráveis como se estivessem escritas em grego.

Praguejando, fechou a pasta e ficou de pé, as feições bonitas distorcidas pela raiva.

Ele a tinha deixado escapar do anzol muito facilmente, pensou irritado consigo mesmo. Depois de tudo o que haviam partilhado juntos, Joanna não tinha o direito de colocá-lo fora da vida dela de uma hora para outra, de descartá-lo como um sapato velho e gasto.

— E foi o que ela fez — ele murmurou por entre os dentes, sentindo algum alívio ao expressar a raiva em voz alta..

Desabafar a mágoa, nem que fosse para as paredes, surtiu um certo efeito calmante. O coração voltou a bater no ritmo normal, a respiração tornou-se menos ofegante. Mike caminhou até a porta do escritório para fechá-la, mas antes deu uma espiada na sala de musculação logo em frente. O lugar estava apinhado de gente, homens e mulheres que se exercitavam numa alegre mistura de sons e cores.

Vendo tanto movimento era difícil acreditar que a academia estivesse com problemas de matrículas. Entretanto, ele sabia que as pessoas costumam ser inconstantes nas atividades e que o interesse pelo condicionamento físico é cíclico. De qualquer forma já havia dito a Tony que não tinha condições de aceitar mais clientes. Que a gerência tratasse de encontrar outros fisioterapeutas qualificados para resolver a questão. Mike sentou-se na cadeira atrás da escrivaninha e fechou os olhos. Como estava certo de que Joanna não iria aparecer para a sessão marcada, tinha um pouco de tempo livre. Como gostaria de poder estar no ringue de boxe, extravasando aquela carga de emoção, frustração e desespero.

Joanna o tinha deixado tão arrasado que nada do que dizia ou fazia possuía algum sentido. Depois que se recuperara do choque, passara a se culpar inteiramente pelo desentendimento entre os dois. Só que não conseguia imaginar uma maneira de consertar o estrago. Talvez até já fosse impossível reconquistá-la. Ela se mostrara tão zangada, fazendo questão de deixar claro que perdera a confiança nele. Mas não, não tinha nenhuma intenção de abandoná-la.

Um filho. Eles tinham feito um filho juntos.

Mike sentiu o corpo coberto por um suor gelado, o coração sufocado num misto de ansiedade e orgulho. Desde que recebera a notícia vinha adiando o momento de pensar seriamente no assunto. Mas agora já não podia ignorar o fato consumado. Por nada deste mundo iria deixar Joanna assumir a responsabilidade pelo bebê sozinha, apesar dela se mostrar determinada a não contar com sua ajuda para nada. Porém ele podia ser tão teimoso quanto ela.

Contudo não se tratava apenas de uma questão de teimosia. Tratava-se de um sentimento muito mais poderoso e profundo. A verdade era que, contrariando uma resolução tomada anos atrás, se apaixonara perdidamente. Ele abaixara a guarda e permitira que as emoções viessem à tona até que, ao dar por si, se vira enredado numa teia de paixão da qual já não conseguia se livrar.

Um filho... seu filho. Um filho deles. Mike mordeu os lábios com força e só depois de sentir o gosto de sangue na boca é que saiu correndo da sala.

Sentada diante do monitor do computador, Joanna tinha os olhos fixos rias diversas colunas de palavras e números. Graças a Deus o serviço estava completo e perfeito.

Num gesto automático, ligou a impressora e esperou que o resultado de horas de trabalho ficasse enfim pronto para ser entregue.

— Srta. Nash, o documento está pronto?

Ela sorriu para Tammy, uma das outras secretárias, e apontou para papelada.

— Sim.

— Já terminei o meu serviço. Você quer que eu me encarregue de distribuir os memorandos?

— Oh, você me faria este favor? — Joanna sorriu aliviada. — Seria uma grande ajuda para mim. Ainda tenho uns documentos para preparar. O sr. Granger vai precisar deles antes do fim do expediente.

— Será um prazer ajudá-la.

Tammy recolheu os papéis e saiu da sala, deixando-a a sós.

Joanna retomou seu lugar diante do computador e tentou voltar a trabalhar, apenas para descobrir que por mais que tentasse, não conseguia se concentrar. Mike dominava seus pensamentos e sua alma. Ela sabia que deveria ter colocado um ponto final na história logo no início, quando aceitara o convite para o tal jogo de beisebol. E quanto a dormirem juntos... Bem, jamais deixaria de se recriminar o suficiente por ter perdido a cabeça e agido com o coração.

Porém a parte mais dolorosa era ter se apaixonado perdida-mente. Joanna cobriu o rosto com as mãos, querendo ser capaz de chorar para aliviar a angústia que lhe comprimia o peito e para a qual não encontrava alívio.

Será que havia sido muita dura e inflexível com Mike? Não, de jeito nenhum, apesar de sabê-lo preocupado com a sua saúde. O que a magoara mais no comportamento dele fora aquela demonstração de raiva, tão semelhante aos rompantes do ex-marido. As explosões temperamentais de Andy aconteciam com freqüência porque ele não a amava, assim como Mike. Sem amor, os alicerces de um relacionamento se tornam frágeis, incapazes de suportar o peso dos problemas.

Então qual a novidade naquela história toda? Nenhuma. Simplesmente havia cometido outro erro ao tentar julgar o caráter de um homem. Na verdade não costumava fazer as coisas pela metade; era sempre tudo ou nada. E em geral acabava saindo perdendo.

Quando se sentisse capaz de lidar melhor com situação, iria telefonar para Peter e lhe pedir para indicar um outro fisioterapeuta. Não poderia enfrentar Mike novamente, não quando suas emoções estavam à flor da pele.

— Srta. Nash?

— Sim, Tammy?

— Tem um homem na sala de espera que insiste em vê-la.

— Quem é? — Joanna indagou pensando que talvez fosse um dos policiais encarregados de vigiá-la.

— Eu.

O som daquela voz, rouca e profunda, a encheu de prazer e receio. À exceção das olheiras escuras e das linhas de tensão ao redor da boca, ele estava bonito e sensual como sempre.

A calça jeans desbotada e o suéter azul-escuro, o deixava com uma aparência quase severa, porém os olhos brilhavam mais do que o habitual, cheios de angústia. Finalmente Joanna conseguiu desviar o olhar da figura máscula e se levantou.

Mike fechou a porta atrás de si e se aproximou, seus corpos quase se tocando.

— Eu precisava vê-la. Precisava lhe falar que tenho me comportado como o último dos homens.

Ela tentou reprimir as lágrimas que teimavam em escorrer quentes e silenciosas.

— Ah, por favor não chore. Não suporto vê-la nesse estado.

— Não consigo me controlar.

Então Mike a tomou nos braços e beijou-a na boca com avidez, entregando-se à paixão que o consumia. Trêmula de felicidade, ela se agarrou aos braços fortes para não cair, totalmente dominada pelos sentimentos.

— Me prometa que vamos encontrar uma solução, que vamos ficar juntos — ele pediu com a voz embargada de emoção.

— Oh, querido...

— Admito que a notícia sobre o bebê me pegou de surpresa e me deixou confuso. Também sei que agi como um egoísta insensível, mas...

— Eu também sou tão culpada quanto você. Estava zangada, insegura, e não dei ouvidos ao bem senso.

— E agora, está preparada para recomeçarmos? Tudo o que lhe peço é um pouco de tempo para me ajustar à nova situação.

— Está bem.

— Você não vai se arrepender.

— Vou confiar na sua palavra — ela sussurrou, oferecendo os lábios para um outro beijo, longo e apaixonado.

CAPÍTULO XIV

Mike saiu do chuveiro no mesmo instante em que ouviu o telefone tocar. Segurando uma toalha ao redor da cintura, sentou-se na cama e tirou o fone do gancho.

— Alô.

— Só espero que você não esteja aguardando a ligação de alguém importante — murmurou uma voz suave como uma carícia.

— Já estou falando com quem eu queria.

— Você tem sempre uma resposta na ponta da língua, não é? — Joanna riu.

— Não quando estou conversando com você. Às vezes as palavras me faltam, fico perdido, absorvido na sua beleza.

— O que você estava fazendo?

— Tomando banho.

— Oh.

Apesar de Joanna não demonstrar qualquer inibição na cama, Mike tinha certeza de que ela devia estar vermelha como um pimentão agora.

— Quer me fazer companhia?

— Pensei que você tivesse dito que acabou de sair do chuveiro.

— Bem, é um problema de fácil solução. Eu ficaria feliz em deixar a tolha cair e voltar para onde estava. Desde que na sua companhia, é claro.

— Aposto que sim.

— Só de pensar em ensaboá-la da cabeça aos pés me deixa ardendo de desejo, louco para possuí-la.

Joanna inspirou fundo, como se pudesse tocá-lo através do telefone. Quando voltou a falar, sua voz soou baixa, quase inaudível.

— Você está sempre querendo me possuir.

— Meu corpo tem fome do seu. É algo que escapa ao meu controle.

Silêncio.

— Ei, você ainda está aí? — Mike perguntou sentindo-se sufocar por uma onda de calor.

— Eu... ainda estou aqui.

— Depois do que eu lhe disse, não quer vir para cá?

— Bem sabe que não posso. Estou trabalhando.

— Isso é mau.

— Você é que está sendo malvado comigo...

— Não tão malvado quanto gostaria. Para ser sincero, no momento eu queria arrastá-la para a cama e...

— Vou desligar antes que nós dois nos metamos numa encrenca.

— Não, não desligue. Prometo que vou me comportar.

— Você se comportar? Só se for no dia de São Nunca.

— A que horas passo para apanhá-la hoje?

— Às sete. O programa continua de pé? Vamos ao bar do seu amigo para dançar?

— Sim. Isto é, se você estiver bem disposta, é claro.

— Estou grávida, querido. Não estou doente e nem sou uma inválida.

— Eu sei, mas...

— Vejo-o hoje à noite, então. Até logo.

Mike colocou o fone no gancho, o olhar perdido num ponto distante, além do horizonte da janela. Ignorando o leve tremor das mãos, ele ficou de pé sem se importar em apanhar a toalha caída no chão.

Embora raramente falassem sobre o bebê, aquele ser minúsculo estava sempre presente nos pensamentos dos dois. Joanna parecia contente em lhe dar o tempo necessário para se acostumar com a idéia de ser pai e não fazia cobranças de qualquer espécie.

Um mês havia se passado desde que ele fora informado sobre a gravidez e vinha procurando estar ao lado de Joanna o máximo possível. Apesar de ainda não terem falado sobre o futuro de ambos e do bebê, Mike sentia que aquele momento era iminente.

Por mais tempo que passassem juntos, nunca parecia o suficiente. Ele a amava com todas as força da sua alma. Não era apenas uma simples questão de desejo, de necessidade de possuir o corpo sinuoso e perfeito. Muito mais o atraía naquela mulher além da beleza. Ele admirava a inteligência, o senso de humor, a personalidade cheia de encantos e mistérios, uma mistura de insegurança e determinação.

Apesar de ainda não ser capaz de se imaginar no papel de pai, não conseguia parar de pensar no filho que estava para nascer.

E seus pensamentos continuavam a gravitar ao redor do bebê trinta minutos depois, ao entrar na academia.

— Ei, acorde!

Mike parou de repente e se virou na direção do som da voz.

— Companheiro, você está num transe ou o quê? — Tony indagou curioso. — Precisei lhe chamar duas vezes antes que você me ouvisse.

— Talvez eu esteja ficando surdo — Mike respondeu desinteressado.

— Só queria lhe avisar que tem alguém à sua espera no escritório.

— Quem?

— Jesse Barnes.

— E quem é Jesse Barnes?

— Ele se apresentou como um dos donos da Ashland Oil, empresa sediada em Dallas.

— E o que ele quer comigo?

— Não sei. Talvez esteja procurando um fisioterapeuta.

— Sim, claro.

Minutos depois Mike entrava no escritório, onde um cavalheiro de meia-idade o aguardava.

— Sou Jesse Barnes, sr. McCoy.

— Me chame de Mike. Sente-se, por favor.

— Obrigado.

— O que alguém pertencente a uma companhia de petróleo iria querer comigo?

— Ah, você é o tipo que vai direto ao ponto. Gosto disso — Barnes comentou sorrindo.

Mike esperou que o outro levantasse o assunto que o trouxera ali.

— Tenho uma proposta a lhe fazer.

— Sem querer ser mal educado, durante os próximos trinta minutos estou ao seu inteiro dispor. Depois terei que atender um cliente.

— Entendo. Serei breve.

— Droga — Joanna murmurou tentando subir o zíper da calça jeans sem sucesso.

Quase todas as suas roupas pareciam apertadas demais agora. Ela vasculhou o armário-embutido até encontrar uma calça de Unho que deixara de usar vários meses atrás por estar larga demais.

Pelo menos aquela ainda lhe servia, pensou aliviada. Embora não pretendesse engordar muito, tudo indicava que já estava à caminho.

Joanna terminou de se vestir rapidamente sabendo que Mike não tardaria a chegar para buscá-la. Pela primeira vez os dois iam sair para dançar e ela estava entre apreensiva e excitada com a idéia.

A verdade era que não se considerava boa dançarina, pois há anos não dançava. Porém Mike insistira, dizendo que além de ser uma de suas diversões preferidas era também ótimo exercício.

Depois de arrumar os cabelos e se maquiar, ela ficou diante do espelho, examinando-se minuciosamente.

Não, sua silhueta ainda não mudara quase nada e ninguém iria suspeitar que estivesse grávida. Aquele bebezinho em seu útero continuava sendo um segredo seu e de Mike, pois nenhum dos dois fizera qualquer comentário com terceiros. A exceção de Kim, é claro. A única mudança perceptível em seu corpo era o aumento do tamanho dos seios.

— Acho que minha mãe me desmamou muito cedo — ele dissera dias antes, acariciando-lhe os mamilos intumescidos.

— Ou talvez então esta fixação nos seios seja uma característica dos machos — ela respondera aconchegando-o de encontro ao peito forte.

Aquela conversa acontecera quarenta e oito horas atrás e só de pensar no prazer que alcançavam juntos sentia-se em fogo. Entretanto sexo, embora continuasse perfeito e satisfatório, já não parecia ser o suficiente.

—Ela sabia ter prometido lhe dar um tempo para se ajustar à idéia da paternidade. Sabia também que o momento de discutirem o futuro de ambos e do bebê estava sempre sendo adiado. E não podia negar para si mesma que começava a se sentir ansiosa.

Num impulso Joanna colocou as mãos sobre o ventre e seus olhos se encheram de lágrimas. A emoção de gerar uma vida, de participar do milagre da criação, era grande demais. Ela queria essa criança com todas as suas forças e gostaria que o pequenino ser viesse a fazer parte de uma família de verdade.

Por mais que se apegasse à esperança de um dia ser completamente feliz, Joanna não podia ignorar o medo profundo de que talvez Mike jamais viesse a amá-la e ao bebê da maneira total e apaixonada como ela o amava. Se ao menos tivesse coragem de deixá-lo livre para seguir o seu caminho... Quanto mais o tempo passava, mais dependente se sentia daquele homem seguro e confiante e temia não sobreviver à dor se algum dia o perdesse.

Ao ouvir a campainha da porta tocar, ela enxugou as lágrimas e retocou a maquiagem depressa.

— Estou indo — gritou, correndo para abraçá-lo.

Mike fitou-a de soslaio, mal contendo as risadinhas.

— Não ouse dizer em voz alta o que está pensando ou você é um homem morto.

— Dizer o quê? — ele indagou com o ar mais inocente do mundo. — Que você parece ter pés de chumbo?

Eles tinham acabado de chegar ao apartamento dele, depois de passarem algumas horas num bar de música ao vivo. Como era sábado, Mike sugerira que passassem a noite no seu apartamento para variar. Ela concordara, sentindo-se à vontade no espaço pequeno e impecável.

Joanna lhe deu uma cotovelada no meio das costelas com força.

— Caramba, isso doeu!

— É para você aprender.

— Para alguém que mal pesa cinqüenta quilos, até que sua pegada é forte. — Mike riu com gosto.

— Pois fique sabendo que meu peso é cinqüenta e três.

— Só por causa do... bebê.

— Verdade, porém depois do parto talvez eu consiga manter alguns quilos extras.

— Não lhe faria mal. Já lhe disse que está magra demais.

— Também não é preciso exagerar.

— Sabe, pensei que alguém tão magra quanto você devia ter os passos mais leves.

— Eu lhe avisei que não sabia dançar, mas você não quis me ouvir.

— Posso lhe garantir que não repetirei o erro, querida. Nem mesmo as minhas botas foram capazes de proteger meus pés das suas pisadas. Ainda estou sentindo dor até agora.

— Engraçadinho. A propósito, será que vou ter mesmo que me exercitar amanhã?

— Mesma hora mesmo lugar.

— Mas dançar não conta?

— Pare de choramingar, menina. É claro que dançar conta, porém não substitui os exercícios. É algo à parte.

Joanna gemeu alto e se recostou no sofá.

— Agora fique aí quietinha enquanto busco algo para bebermos.

— Quer mesmo que eu fique quietinha?

— Não. Apenas relaxe.

Bem que ela gostaria de poder relaxar. Entretanto, apesar de seus esforços, não conseguia se sentir inteiramente livre da melancolia. Mesmo os momentos mais felizes eram minados por uma tristeza que parecia não ter fim.

Apesar de passarem horas maravilhosas juntos, existia uma barreira entre os dois, uma barreira criada pela gravidez. Mike nem mesmo tinha coragem de tocar no assunto.

Ela agia como se não tivesse percebido a hesitação dele, minutos atrás, ao pronunciar a palavra bebê. Joanna se odiava por deixar que pequenos detalhes como aquele a incomodassem. Só que incomodavam sim, e muito. Era como se alguém lhe queimasse a pele com ferro em brasa a cada vez que percebia aquelas reações inconscientes, capazes de revelar o que se passava no íntimo de Mike. Embora lhe doesse encarar a verdade, estava claro que ele ainda não aceitara a idéia da paternidade.

De repente Joanna sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Decidida a não chorar, ela se levantou do sofá para andar um pouco. O movimento brusco jogou uma almofada no chão e junto caiu um livro também.

Ela o apanhou e começou a folhear as páginas para se distrair. Foi só depois de alguns segundos que percebeu do que se tratava.

— Oh, meu Deus — falou num murmúrio, o coração batendo descompassado no peito. Num impulso, fechou o livro para ver a capa e leu o título: Better Homes and Garden New Baby Book.

Arrepiada da cabeça aos pés, tentou manter a calma e entender o significado da descoberta. No fundo de si mesma sabia muito bem o que aquele achado poderia significar, porém tinha medo de alimentar falsas esperanças. Encontrar um livro sobre bebês na casa de Mike era encorajador, mas daí a acreditar que ele queria o filho seria ir longe demais. E se apesar de tudo, das evidências contrárias, a perspectiva de ser pai o entusiasmasse? E se existisse a possibilidade dos três terem um futuro juntos?

— Você está se sentindo bem? — Mike indagou da cozinha. — Está tão quieta...

Joanna lutou para recuperar o controle das emoções, decidindo pensar com calma sobre o assunto depois, quando estivesse menos agitada.

— Estou bem, não se preocupe. Por que você está demorando tanto?

— Derramei a droga do maldito café em toda a pia e no balcão também. Tive que limpar tudo. Desculpe se o meu linguajar grosseiro a está incomodando.

— Fique tranqüilo, minha mente andava vagando sem rumo... Ele murmurou qualquer coisa impossível de ser entendida, mas não tinha importância. Seus pensamentos e seu coração continuavam sintonizados na única coisa que lhe interessava: a descoberta do livro e seu possível significado.

Segundos depois Mike sentava-se ao seu lado no sofá, cheio de atenções e sorrisos.

— Você está me parecendo uma gata que acabou de lamber uma tigela de leite. Olhe só este arzinho de satisfação.

Joanna estendeu os braços para o alto e se espreguiçou, atraindo imediatamente o olhar masculino para os seus seios.

— Você está pedindo — ele falou com a voz rouca.

— Pedindo o que, querido?

— Não se faça de inocente, você sabe muito bem...

CAPÍTULO XV

Os dois se olharam fixamente. Mike estremeceu, uma onda de desejo percorrendo todo o seu corpo, acendendo uma paixão incontrolável. Embora já tivessem feito amor tantas vezes, a emoção era sempre a mesma, intensa e profunda.

Joanna entreabriu os lábios carnudos, deixando entrever a ponta rosada da língua.

No mesmo instante Mike sentiu a virilidade ereta, o sangue latejando nas veias.

— Parece que nunca consigo me saciar — ele murmurou beijando-a no pescoço, as mãos deslizando pela pele macia dos ombros numa carícia suave e provocante. — Quanto mais a possuo, mais a desejo. É como se uma febre me consumisse.

— O mesmo acontece comigo.

— Então qual a sua sugestão para resolvermos o assunto? — Mike sorriu, tocando-a de leve nos seios.

— Hum... Deixe-me pensar...

— Você está querendo me provocar, não é?

— Não, só estou querendo brincar.

Os dois se beijaram com sofreguidão, embriagados de desejo.

Ao ouvi-la gemer, ele apertou-a com força de encontro ao peito, como se jamais pretendesse se afastar. O tempo pareceu perder o significado. Nada no mundo importava, a não ser seus corpos colados como se fossem apenas um.

Ao sentir as mãos fortes se fecharem ao redor de seus seios,

Joanna suspirou e puxou-o pelos cabelos, procurando-lhe a boca com avidez.

Silenciosos, eles se entregaram ao prazer intenso de beijar, tocar e acariciar um ao outro, numa fome impossível de ser saciada.

— Oh, Mike, eu...— Joanna parou no meio da frase, alucinada de paixão.

— Oh, Mike o quê? — ele perguntou, massageando os mamilos até deixá-los sensíveis e eretos.

— Já não me lembro o que ia dizer.

— Não tem importância, querida. Nada importa a não ser me enterrar bem fundo dentro de você. Vamos.

Mike a pegou no colo e levou-a para o quarto, o olhar fixo no rosto belo e sedutor.

O luar penetrava pela cortina entreaberta, criando uma atmosfera de magia e encantamento. Em questão de segundos ele estava nu, o corpo atlético envolto apenas pela luz da lua.

— Você é tão perfeito que parece um deus grego — Joanna murmurou, sentindo-se enrubescer da cabeça aos pés.

— Depois de me ver tantas vezes sem roupa, não posso acreditar que ainda seja capaz de ficar vermelha.

— Mas eu não estou vermelha.

— Garota mentirosa — ele falou baixinho, um leve tremor na voz.,

Com os olhos, verdes faiscando de paixão, Joanna passou a língua bem devagar pelos lábios carnudos, num gesto sugestivo e altamente provocante.

— Você está pedindo... — Mike sentiu a pressão do sangue alcançar a estratosfera, um desejo tão ardente que sua virilidade ereta chegava a doer.

— Nada além de promessas, promessas... — Ela voltou a molhar os lábios com a ponta da língua, num convite erótico.

Mike engoliu em seco, o olhar febril fixo no corpo da mulher ainda coberto pelas roupas.

— É sua vez de se despir agora.

Joanna desabotoou os primeiros botões da blusa com dificuldade, pois os dedos não paravam de tremer.

— Me deixe fazer isso. Minhas mãos estão mais firmes. — Ledo engano. As mãos de Mike também tremiam, ansiosas e cheias de ternura.

Lentamente ele a livrou da blusa e do sutiã rendado, depois da calça comprida e calcinha, deixando as peças de roupas caírem no chão. O luar envolvia o corpo perfeito, iluminando os ombros arredondados, o pescoço longo... e os seios intumescidos que começavam a se preparar para o dia em que amamentariam seu filho. Fascinado pelo pensamento, Mike não conseguia desviar os olhos daquela fonte de vida, misteriosa e quase divina.

De repente ele estremeceu, a visão de tanta beleza o deixando tão frágil que suas pernas mal o sustentavam de pé. Seu olhar faminto continuava a devorá-la, parecendo hipnotizado pelo triângulo sedoso entre as coxas esguias e bem torneadas.

Joanna era a mulher mais linda que jamais vira e ali estava se oferecendo, ansiando pelo momento de ser possuída.

— Faça amor comigo, Mike — ela pediu num murmúrio quase inaudível, trêmula de desejo.

— Com prazer.

Assim que se deitaram na enorme cama de casal, ela perdeu qualquer traço de timidez e acariciou o membro latejante de maneira lenta e erótica.

— Juro que você deve ser algum tipo de feiticeira. Suas mãos fazem coisas com meu corpo que me deixam louco...

— Se eu sou uma feiticeira, então você é um mago. Joanna deslizou os dedos pelo peito largo até encontrar os mamilos pequeninos e começou a massageá-los de leve, aumentando a pressão aos poucos. Mike gemia e se contorcia, entregando-se às sensações com total abandono.

E não era esse o seu desejo mais ardente? Tocar e ser tocado, seduzir e ser seduzido, fazer amor até a eternidade? Sim, sim, sim, foi a resposta imediata de seu corpo e sua mente.

— Você está me acariciando desse modo para me pagar com a mesma moeda, não é? — ele indagou num gemido rouco.

— Como é que você descobriu? — Joanna tocou-o nas virilhas com as pontas dos dedos, sorrindo ao perceber um estremecimento forte percorrê-lo da cabeça aos pés.

Por um longo instante os dois permaneceram imóveis, os olhos fixos um no outro, como se não cansassem de se admirar.

— Vá em frente, continue me tocando. — Ele mal tinha forças para falar, dominado pelo prazer intenso de sentir o roçar das mãos delicadas na pele nua...

E quando Joanna começou a massagear seu membro ereto, desencadeando um fogo incontrolável, já não havia como refrear os impulsos primitivos.

— Quero você agora!

— Sim, oh, sim.

Ela já estava pronta, úmida e ansiosa para recebê-lo. Num movimento ágil, Mike deitou-se de costas, colocando-a por cima sem que seus corpos se separassem um milímetro sequer.

— Como está se sentindo assim? Gosta?

— É diferente... — Joanna murmurou lânguida.

— Mas é bom para você ou não?

— Não é apenas... bom... é maravilhoso.

Ela começou a se mexer devagar, seguindo os movimentos ditados pelo instinto.

— Está doendo? Não estamos machucando o... bebê?

— Não, o bebê está ótimo... e eu também...

Sorrindo provocante, Joanna ofereceu os seios às mãos ávidas que se

estendiam para tocá-los enquanto o beijava na boca, suas línguas se contorcendo com um ímpeto quase selvagem.

Então Mike segurou-a pelas nádegas e os dois começaram a se mover no mesmo ritmo, devagar a princípio, até se perderem no frenesi que antecede ao orgasmo, quando o mundo lá fora cessa se existir e a felicidade se resume ao prazer que se pode dar e receber.

Minutos depois deixavam-se cair nos braços um do outro, exaustos e saciados.

Joanna acordou sentindo um cheirinho de bacon se espalhar pelo ar. Lânguida, olhou as horas. Já passava das oito. Ainda bem que hoje era domingo e podia ficar na cama sem se preocupar com nada, a não ser descansar. Os barulhos vindos da cozinha não deixavam dúvidas quanto ao paradeiro de Mike.

Sorrindo satisfeita, ela se beliscou para ter certeza de que não| estava dormindo. A sensação de felicidade era tão grande que temia acordar a qualquer momento. Num impulso colocou as mãos sobre o ventre, os pensamentos voltados para o bebê. Para ser totalmente feliz só precisava ter certeza de que aquela criaturinha iria ser tão amada pelo pai quanto já o era pela mãe.

Queria muito falar com Mike sobre o tal livro de bebês encontrado sob as almofadas do sofá, mas ainda não tivera oportunidade de abordar o assunto. É que os dois haviam andado tão ocupados desfrutando dos corpos um do outro, que não sobrara tempo para nada mais.

Talvez hoje de manhã fosse a ocasião perfeita, ela pensou sorrindo e levantando-se da cama para espantar a preguiça.

Não muito tempo depois, já vestida e penteada, entrara na cozinha, sentindo-se mais confiante do que nunca em relação a Mike. O futuro jamais lhe parecera tão cheio de promessas e esperanças.

— Boa dia — Joanna falou parando na porta.

— Já toda vestida tão cedo? — Ele sorriu, os olhos brilhando pelo simples prazer de tê-la ao seu lado.

— E faminta.

— Então não precisa dizer mais nada. McCoy, cozinheiro de forno e fogão, vai resolver o problema.

— Como é que nunca desconfiei de que você soubesse cozinhar? — Joanna sentiu a boca encher d'água ao ver o prato de bacon frito, ovos mexidos e torradas ser colocado bem à sua frente. — Com certeza você não está esperando que eu consiga comer tudo isso, não é?

— Eu não teria me dado ao trabalho de preparar tanta coisa se não

esperasse vê-la comer tudinho.

— Bem, vou tentar.

— Menina esperta.

Embora o prato de Mike estivesse tão caprichado quanto o dela, ele mal tocou a comida.

— O que foi? Você não está com fome?

— E que talvez eu esteja cansado demais para comer. Todas as minhas energias foram sugadas.

Joanna enrubesceu entendendo a que ele se referia.

Percebendo que conseguira embaraçá-la, Mike riu com gosto. Aquela mulher era mesmo uma mistura instigante de ousadia e recato. Por isso a amava tanto.

Os dois ficaram em silêncio alguns minutos e então começaram a falar ao mesmo tempo.

— Você primeiro.

— Não, fale você primeiro — Joanna insistiu.

Ele se levantou e caminhou até a pia da cozinha, os ombros repentinamente tensos. Não havia dúvidas de que pretendia dizer algo sério.

Por fim Mike se virou e encostou no balcão de mármore, o rosto bonito impenetrável.

— Tive uma oferta de emprego.

— E isso é bom ou ruim?

— Depende.

— Não estou entendendo. Você já tem um emprego e pelo que sei gosta bastante do que faz. Por que estaria interessado em outro tipo de trabalho?

— A oferta é para ocupar um cargo em Dallas.

Se ela tivesse levado uma bofetada, não teria se sentido mais atordoada.

— Dallas?

— O homem apareceu na academia ontem, como se tivesse saído do nada. — Mike passou as mãos pelos cabelos escuros. — Disse que há tempos vinha ouvindo elogios ao meu trabalho.

— Mas em Dallas?

— No princípio eu também achei difícil acreditar. Mas depois ele mencionou o fato de ter conversado várias vezes com um amigo que ambos temos em comum a quem eu ajudei a recuperar o uso total das pernas depois de um acidente. De qualquer forma, Jesse Barnes, a pessoa que veio me procurar, é

um dos homens mais poderosos de uma importante companhia de petróleo.

— Mas o que um manda-chuva do petróleo iria querer com você? Por que se daria ao trabalho de vir procurá-lo em Houston quando aparentemente não tem qualquer problema de saúde?

— Interesse em condicionamento físico, é claro. A empresa do sr. Barnes, como milhares de outras, tem investido no bem estar de seus funcionários e construiu um verdadeiro complexo voltado para a prática de exercícios e esportes, usando a tecnologia mais moderna do setor. Setenta e dois por cento dos funcionários da companhia de petróleo fazem uso quase diário da academia.

— E eu deveria ficar impressionada?

— Bem, posso lhe garantir que pelo menos eu estou. Porém o mais impressionante nesta história toda é que ele, apoiado por toda a diretoria, me convidou para dirigir o complexo esportivo. — Mike sorriu como uma criança que tivesse esperado até o último momento para contar a grande surpresa.

— Que bom. — Joanna forçou um sorriso, o coração apertado de dor.

— Ei, você não consegue demonstrar nem um pouquinho mais de entusiasmo? A idéia não lhe parece interessante?

— E quanto aos seus planos de terminar a universidade? — Ela queria gritar: e quanto a mim?- porém não teve coragem. — Sempre pensei que você quisesse trabalhar apenas meio período por causa da faculdade, especialmente agora, quando está para se formar em cinesioterapia.

— É verdade. No entanto os estudos podem esperar. O diploma já não é a coisa mais importante para mim. As coisas mudam, as prioridades se renovam e o que antes nos parecia fundamental torna-se secundário.

— Desde quando você pensa assim? — Joanna indagou surpresa.

— Desde que passei a precisar de mais dinheiro.

Ela balançou a cabeça, tentando compreender o significado daquela conversa. Aonde Mike queria chegar?

— Então você está mesmo interessado no trabalho?

— Pode apostar que sim.

— Mas por quê?

— Por quê? Pensei que a resposta fosse óbvia.

— Não para mim.

— Ainda há certas coisas que preciso levar em consideração antes de me decidir, certos detalhes fundamentais...

— Vá direto ao ponto, OK?

— Só aceitarei o cargo se você for comigo.

— Está falando sério?

— Nunca falei tão sério em toda minha vida.

— Mas... mas...

— Pare de gaguejar, querida — ele falou com um sorriso. — Eu te amo. Não é possível que ainda não tenha percebido. E se me aceitar, gostaria que se casasse comigo.

Joanna ficou em silêncio alguns minutos, chocada demais para falar. Então uma alegria intensa a percorreu por inteiro, deixando-a quase sem fôlego de tanta felicidade. Suas preces tinham sido atendidas. Não era este o seu grande sonho? Que Mike se comprometesse de corpo e alma com ela e o bebê?

O bebê. De repente a exaltação se transformou numa dor profunda e pungente. E quanto ao bebê? Mike nunca dissera uma palavra sobre desejar ou amar o filho de ambos.

— Meu Deus, Joanna... — Percebendo as emoções desencontradas estampadas no rosto bonito, ele tentou abraçá-la. — Eu disse algo errado?

— Não — ela murmurou entre lágrimas. — O problema está naquilo que você não disse. E quanto ao nosso filho?

CAPÍTULO XVI

Um silêncio mortal caiu sobre os dois como um manto pesado.

O rosto de Mike parecia desfigurado, tão intensos e desencontrados os sentimentos que o atormentavam. Joanna tentou ignorar a angústia que ameaçava consumi-la, deixando na boca um gosto de fel.

— Me responda, Mike. E quanto ao bebê? — Havia uma nota de desespero em sua voz, porém ela já não se importava em esconder a aflição. Todo o seu futuro, e o da criança ainda por nascer, dependia daquele momento.

Apesar de pressionado, Mike permaneceu em silêncio, o olhar febril fixo num ponto imaginário.

— Acho que já tive a minha resposta — Joanna murmurou levantando-se da mesa, drenada de qualquer emoção. A sensação de tristeza era tão grande que se sentia fisicamente doente. Seus corpos haviam encontrado total harmonia, mas não os corações.

— Seu silêncio diz tudo.

— Ei, para onde você está indo?

— Para casa.

— Não faça isso... por favor.

— Seu silêncio foi uma resposta bastante clara e eloqüente.

— Uma raiva nascida da decepção havia tomado o lugar do desespero. Com a cabeça erguida e a alma aos pedaços, ela caminhou na direção da porta.

— Não vá embora — ele implorou.

Joanna fitou o rosto bonito e atormentado mas não sentiu pena, somente uma tristeza infinita.

— Por favor, me dê uma chance de explicar.

— O que ainda pode haver para ser explicado? — Sua voz soava estranha aos próprios ouvidos, destituída de vida e calor.

Mike clareou a garganta, como se encontrasse dificuldades para falar.

— Já percorri um longo caminho até me ajustar à idéia de ter um filho. Porém acho que preciso de mais tempo.

— As coisas não são assim tão simples, e você sabe disso tão bem quanto eu.

— Não é verdade. É tudo muito simples e no entanto você está se esforçando ao máximo para complicar.

— Estou simplesmente tentando não cometer o mesmo erro de anos atrás. Você quer a mim, mas não ao...

— Eu te amo, droga! Eis aí a diferença.

— Não tenho dúvidas quanto à sinceridade do seu amor por mim, entretanto não é o suficiente. Você...

— Joanna.

— Deixe-me terminar, por favor.

Frustrado, Mike assentiu com um movimento de cabeça.

— Você me pediu em casamento pelo motivo errado.

— Amor é o único motivo que me levou a falar de casamento.

— E só porque me ama é que vai se esforçar para aceitar o bebê. — Ela inspirou fundo, o desespero a ponto de dominá-la. — Não quero um homem que seja louco por mim e que encare o próprio filho como um fardo a ser carregado para agradar a mãe. Quero que você ame o nosso filho tanto quanto me ama, com a mesma intensidade, a mesma entrega.

— Você não pretende ceder um milímetro, não é? — Mike indagou, o rosto cheio de incertezas.

— Não posso me permitir agir de outra forma.

— Um pouco mais de tempo, é tudo o que preciso. Será que é pedir demais?

— Sim.

Aquela palavra minúscula pareceu ter o efeito de um tiro inesperado.

Os olhos de Mike faiscavam de raiva e frustração.

— E onde é que esta sua decisão nos deixa?

— Acho que a resposta é óbvia. Já estive no fundo do poço antes e não pretendo repetir a experiência. Jamais. — Joanna ficou em silêncio alguns instantes, procurando engolir as lágrimas. — Meu ex-marido também não queria a nossa filha e, assim como você, vivia me pedindo um tempo. Só que o tempo concedido nunca foi suficiente e quando eu acordei, era tarde demais. Quando Megan nasceu, ele nem procurou disfarçar o ressentimento. Muitas vezes cheguei a pensar que Andy odiava a própria filha e a culpava por eu ter me afastado dele.

— Droga, Joanna, eu não sou como aquele animal com quem você foi casada.

— Não, você não é, exceto em relação ao bebê. Então as semelhanças aparecem e me deixam assustada.

— O que você está dizendo é uma mentira.

— Então me prove, me mostre que estou errada. Me diga que está tão

animado com a chegada do bebê quanto eu, me diga que mal pode esperar pelo momento de se tornar pai.

— Você sabe que eu ainda não posso fazer isso. Não agora, não neste instante. Porém isso não quer dizer que eu... não seja capaz... de amar... o bebê.

— Está vendo? Mesmo agora você continua tropeçando nas palavras e o mais triste de tudo é que não consegue sequer perceber.

— Será que existe alguma coisa que eu possa dizer para atingir a sua alma?

— Não.

Mike fechou os olhos por alguns segundos, como se tivesse sido atingido por um soco violento.

— E a sua decisão final?

— Sim.

— Se é isso o que você quer, quem sou eu para tentar fazê-la ouvir a voz da razão?

— Sarcasmo não faz sentido nessa conversa.

— Nada do que você diz faz sentido tampouco. — Ele ergueu a cabeça, o maxilar rígido, os lábios apertados. — Mas se é esta a sua decisão, então não há nada mais que eu possa fazer. Crie a criança sozinha. Eu não dou a mínima.

Um silêncio repentino e asfixiante caiu sobre os dois. Era como se a Terra tivesse parado de girar, criando uma sensação de pura irrealidade.

Joanna se obrigou a caminhar na direção da porta.

— Aonde você está indo?

— Apanhar minha bolsa e chamar um táxi.

— Você não precisa chamar um táxi. Eu a levo para casa.

— Está bem.

No instante em que Joanna entrou em casa e fechou a porta, ela se entregou às lágrimas, numa dor tão dilacerante que pensou não resistir a tanto sofrimento.

— Maldito! Quero que aquele homem vá para o inferno — murmurou entre os soluços, enterrando as unhas nas palmas das mãos.

Mike levara o caso adiante até deixá-la completamente apaixonada. E então, quando o momento de assumir responsabilidades chegara, ele se esquivara do dever.

Tola, tola, tola. Não passava de uma idiota romântica. Devia ter sido mais sensata. Devia ter sabido que não valia a pena confiar em quem não merecia.

Joanna estremeceu e tentou mover as pernas exaustas sem conseguir. Sentia-se física e emocionalmente esgotada, drenada de qualquer energia.

Se ao menos fosse capaz de transformar a dor e a desesperança em raiva, talvez tivesse alguma chance de sobreviver. Se não...

— Mike... — ela soluçou, entregando-se a um pranto convulsivo e desesperado.

— Ei, é assim mesmo que se faz, companheiro.

Peyton Weir, um menino de oito anos, sorriu feliz para o tio.

— Uau, tio Mike! Foi o máximo!

— Você achou, é?

— Será que poderíamos lutar boxe o resto do dia?

— Não, você ficaria cansado demais, garoto.

— Mas...

— Não discuta. Amanhã lutamos de novo, OK? Aposto que ainda tem lição de casa para fazer.

— Hoje é sábado, tio.

— Ah, é mesmo. — O tempo voa, ele pensou, lembrando-se do que acontecera quase uma semana atrás. — De qualquer forma, já treinamos muito por hoje.

— Vocês não acham que está na hora de parar, rapazes?

Mike sorriu para a irmã, Martha, parada junto à porta da garagem. Viúva há alguns anos, ela morava com os dois filhos, um menino e uma menina.

— Mãe, você quer me ver esmurrar o saco de areia? Tio Mike diz que eu tenho um talento verdadeiro para a coisa.

— Tenho certeza que sim, filho. — Ela passou as mãos pelos cabelos do garoto, num gesto cheio de ternura. — Mas vamos deixar para outra hora, está bem? Quero conversar um pouco com seu tio.

— Será que posso ir na casa do Joey então?

— Sim, porém esteja de volta na hora do jantar.

— OK.

Os dois adultos ficaram em silêncio, observando Peyton se afastar feliz para apanhar a bicicleta.

— Meu sobrinho é um garoto e tanto — Mike falou, sorrindo para a irmã. — Você tem feito um ótimo trabalho.

— Obrigada, mas tem sido duro. Ainda sinto muita falta de Larry, apesar de já terem se passado três anos desde a morte dele.

— Por que você não se casou de novo, irmã?

— Nunca encontrei um outro homem que pudesse substituir meu marido.

— Entendo o que quer dizer.

— Acabei de fazer café fresco. Acho que precisamos conversar. Fora a necessidade de falar com alguém, depois do rompimento com Joanna, que o levara até ali. Entre seus vários irmãos e irmãs, sempre sentira uma afinidade especial com Martha e ela seria a única pessoa no mundo com quem teria coragem de desabafar.

— E então, vamos entrar? — Martha o chamou..

— Daqui a pouco. Preciso tirar o saco de areia do caminho ou será impossível guardar seu carro na garagem.

— O café vai ficar lhe esperando.

Mike ajeitou o saco de areia num canto, porém em vez de ir direto para a casa, caminhou até a cerca do fundo do quintal e olhou para o pasto vazio. Tão vazio quanto sua própria vida.

Ele havia dito a Joanna que não dava a mínima. Aquelas palavras continuavam a assombrá-lo dia e noite porque não passavam de uma mentira. Mas só percebera o quão profundamente se importava, depois que Joanna o deixara.

A solidão era tão grande, tão angustiante, que tudo perdera o sentido. O tempo se arrastava, pesado como um fardo. Simplesmente não sabia como lidar com aquela situação. O vazio em sua alma trouxera de volta as lembranças dolorosas do passado. Nunca conseguira se esquecer dos traumas da infância, das vezes sem conta em que se aproximara do pai e fora mandado embora porque o estava atrapalhando. Seu pai jamais apreciara a companhia dos filhos nem tivera gestos ou palavras de afeto.

A verdade era que sentia uma falta terrível de Joanna porque a amava mais do que julgara possível um homem amar uma mulher. Mas será que este amor seria suficiente para levá-lo a assumir o compromisso de se tomar um pai generoso e participante?

Aquela perguntava o atormentava porque ainda não encontrara a resposta. Porém, apesar de todos os seus medos, não conseguia parar de pensar no bebê. No seu filho.

— Mike? Onde está você?

— Agüente firme, já estou indo.

No instante em que ele colocou os pés dentro da copa, Martha o serviu de uma xícara de café fumegante.

— Agora sente-se.

— Sim, senhora — ele respondeu piscando um olho. — Ainda a mesma irmã mandona de sempre.

— Imagino que certas coisas nunca mudam.

— Não, acho que não.

Os dois ficaram em silêncio alguns minutos.

— Quem sabe você não me conta o que o está angustiando tanto?

— Meu estado de espírito é tão óbvio assim?

— Pode ter certeza que sim. O problema é a oferta de trabalho em Dallas?

— Não. Já decidi não aceitar. Pretendo continuar onde estou.

— Então seu problema só pode ser uma mulher.

— Acertou.

— Me fale sobre ela.

— Está tudo acabado entre nós.

— De qualquer maneira, me conte o que aconteceu — Martha o encorajou numa voz suave.

Então ele abriu o coração e falou sobre Joanna e o rompimento doloroso entre os dois.

— Sinto por você, Mike. Ela me parece alguém especial, alguém que eu gostaria de conhecer.

— Ainda há mais. — É mesmo?

— Joanna está grávida.

— E você a deixou ir embora? — Martha parecia atordoada, como se não acreditasse no que acabara de ouvir.

Mike levantou-se, as feições do rosto distorcidas pela agonia.

— Eu estava apavorado, totalmente em pânico. E ainda continuo me sentindo assim.

— Mas por que, pelo amor de Deus? Nunca soube que você pudesse ter medo de alguma coisa ou de alguém. Jamais o vi perder a coragem, nem quando papai costumava descarregar o mau humor em você e o espancava.

— É por isso mesmo. Não sei se serei capaz de amar uma criança por causa de papai. Droga, nós dois sabemos que ele não amava nenhum dos filhos, especialmente a mim. E se eu agir como papai?

— Você não o fará.

— Como é que alguém pode saber? Acontece todos os dias.

— É verdade. Porém você não se parece em nada com nosso pai. Além do mais você ama Joanna e papai nunca amou mamãe. Nós não temos dúvidas

quanto a isso.

— Não sei...

— Mas eu sim. — Martha sorriu, segura do que estava dizendo. — Eu o conheço muito bem e sei da sua grande capacidade de amar. Se eu não tivesse tido o seu apoio nos momentos difíceis, minha vida teria sido muito mais dura.

— Eu...

— Não ouse negar. Você tomou conta de mim, se interessou pelos meus problemas quando ninguém mais se importava. Também cuidou de nossos irmãos mais novos, Abbey e Trina. Portanto não me venha com essa história que não daria um bom pai porque não é verdade.

— Eu queria ser capaz de convencer a mim mesmo.

— É perfeitamente compreensível que a idéia da paternidade o assuste. Tanto Larry quanto eu também ficamos em pânico com o nascimento de nosso primeiro filho. A responsabilidade é enorme. Porém o medo natural não nos impediu de seguir em frente e entrar no jogo.

— Eu tentei explicar a Joanna.

— Tentou? Tentou de verdade?

— Não exatamente.

— Talvez se você tivesse se esforçado, ela não teria se apressado em julgá-lo mal.

— Não sei.

— Lembra-se de quando trabalhou como voluntário para a United Way?

— Sim, mas o que isso tem a ver com...?

— Tem tudo a ver. Você passava algumas horas do dia trabalhando com crianças sem pais, ensinando-as a lutar boxe, desenvolvendo-lhes o gosto pelo esporte em geral. Crianças que ansiavam por um pouco de atenção vinda de alguém que representasse a figura paterna.

— Certo.

— E quantas vezes você mesmo não me contou como seus rostinhos se iluminavam sempre que o viam chegar, sempre que ouviam palavras de estímulo e carinho.

— Verdade, porém... — Mike parou no meio da frase e bateu na coxa com o punho fechado.— Oh, Deus, estou para fazer a mesma coisa com meu filho, não é?

— Graças a Deus alguma coisa finalmente entrou dentro desta sua cabeça dura.

Ele tentou falar, mas de repente as palavras lhe faltaram. Era como se toda a energia vital tivesse sido drenada de seu corpo, deixando-o quase sem forças. A idéia de seu filho se tornar uma daquelas crianças abandonadas pelo próprio pai o deixava fora de si. Pior ainda, como iria se sentir caso Joanna se casasse e um outro homem criasse seu filho? Não! Jamais permitiria que algo assim acontecesse. A idéia de um outro homem acariciando a barriga intumescida de Joanna e depois segurando o seu filho nos braços era de enlouquecer.

— Mike?

— Sim?

— Dá para perceber que seus pensamentos estão correndo a mil por hora. O que você pretende fazer?

O que pretendia fazer? Como iria consertar uma situação que ele mesmo criara? Agora não tinha mais dúvidas do quanto desejava o bebê, do quanto queria ser pai. O fato de ter agido como um cabeça-dura e Joanna ter sido tão teimosa não iria roubá-lo daquela felicidade. Ele a faria ouvir suas explicações. Iria convencê-la de que não seria mais capaz de viver sem ela e o bebê.

De repente Mike levantou Martha no colo e a abraçou com força.

— Ei, menino, me solte!

— Obrigado, irmã. Por tudo.

— Mas eu não fiz nada.

— Sim, fez sim. Você me ajudou a enxergar a situação com clareza e colocou um pouco de juízo e bom senso dentro desta minha cabeça dura.

— Tem razão, irmão. Acho até que mereço uma medalha pelo feito.

— Sinto muito, mas terá que se conformar com outro abraço. Martha riu e beijou-o no rosto, os olhos marejados de lágrimas.

— Vamos, mexa-se. Vá atrás da sua felicidade.

— Me deseje sorte.

— Você sabe que eu sempre lhe desejo sorte.

Mike entrou no jipe sentindo-se muito melhor do que nos últimos dias. Joanna tinha que escutá-lo. Não iria aceitar um não como resposta. Nem agora nem nunca mais.

CAPÍTULO XVII

Acho que por hora chega, srta. Nash. Joanna deixou escapar um suspiro de alívio e ficou de pé.

— Na sua opinião, quando será o julgamento?

— Se dependesse de mim, seria hoje mesmo — Cameron Delaney respondeu. — Porém você sabe como a justiça é lenta.

Ela observou o promotor guardar a papelada dentro da pasta com gestos calmos e metódicos. Embora tivesse uma aparência quase inofensiva, tratava-se de um homem brilhante e se alguém podia condenar seu ex-patrão por fraude, este alguém era Cameron Delaney.

— Ainda vamos precisar nos encontrar outras vezes para terminar de preparar seu depoimento, acertar os últimos detalhes.

— Entendo. Mas e se os advogados dele conseguirem outro adiamento? Quero dizer, esta história ainda poderia render muito, não é?

— Tem razão. Contudo é assim que a justiça caminha... Apressa de um lado e aguarda de outro.

— O que você acha das nossas... das chances do estado de ganhar a causa? Sei que muitos figurões já foram condenados por crimes de colarinho-branco. Será que teremos maiores chances por causa disso?

— Oh, nós conseguiremos uma condenação, não tenho dúvidas. Seu depoimento é inestimável, como bem sabe.

— E se eu não me sair bem? E se...

— Tudo correrá bem. Conte a verdade... é só o que pedimos. E no seu caso, a verdade vale ouro.

— Eu sei, mas não vejo a hora de tudo terminar. Só conseguirei me sentir melhor quando o caso estiver encerrado.

— É o que todos nós desejamos, srta. Nash. Voltarei a procurá-la dentro em breve para discutirmos as perguntas que provavelmente lhe serão feitas pela defesa durante o julgamento.

Joanna cruzou os braços como se quisesse se proteger de alguma força sombria e desconhecida.

— Por favor, não deixe de fazer isso. Eu conheço a fama do advogado de defesa e sei como ele pode ser brilhante e implacável durante um interrogatório. — Ela enrubesceu e se apressou a completar: — Não que você seja menos brilhante, é claro.

Cameron Delaney sorriu, entendendo a aflição de Joanna.

— Não se preocupe com nada, srta. Nash. Conheço Sam Wise pessoalmente e sei como costuma agir no tribunal, às vezes até acuando a testemunha. Porém tenho confiança em você e em nossa linha de acusação. Seu ex-patrão, o sr. Hancock, não deverá ficar livre por muito mais tempo e pagará pelo que fez aos clientes.

— Me parece justo.

Cameron apanhou a maleta e caminhou na direção da porta. Antes de sair, voltou a sorrir confiante.

— Como já lhe disse, não há motivos para desassossego. Você se sairá muito bem durante o depoimento.

— Obrigada.

— Manteremos contato. Enquanto isso, cuide-se. A propósito, nada fora do comum tem acontecido, não é? Quero dizer, sua rotina sofreu alguma alteração?

— Está querendo saber se algo de estranho me aconteceu?

— Sim. Pelo que sei, a policia continua mantendo-a sob vigilância.

— Correto. Mas para dizer a verdade, já não me preocupo mais com os policiais a paisana. — Ela deu de ombros desinteressada. — Repetidas vezes falei ao detetive Mason que não preciso de proteção especial, porém ele insiste em não me dar ouvidos.

— Fico feliz que o detetive aja assim. É melhor prevenir do que remediar, srta. Nash.

— Eu sei... Contudo não consigo me livrar de um certo sentimento de... culpa. É como se estivesse traindo uma pessoa, agindo como delatora.

— Esqueça. Na maioria das vezes cidadãos comuns como nós não conseguem obter qualquer proteção da lei, a não ser em casos especiais. Portanto, aproveite a oportunidade de ser cuidada com tanto empenho. De qualquer maneira este caso é muito importante, diferente, e está sendo acompanhado pelo país inteiro com interesse. Assim nós, você em particular, precisamos ter cuidado. — Cameron fitou-a com atenção. — Não deixe de me avisar se acontecer qualquer coisa fora do comum.

— Prometo.

— Ótimo. Manteremos contato.

Quando enfim se viu a sós, Joanna sentia-se como se tivesse acabado de levar uma surra. O fato de servir como testemunha sempre a angustiara e agora, quando o julgamento finalmente se aproximava, a apreensão só fazia crescer. Ocupar a cadeira reservada às testemunhas e lavar a roupa suja do ex-patrão em público não a entusiasmava nem um pouco, muito pelo contrário. Mas não se

pode dar as costas ao dever e à própria consciência. Cumpriria sua obrigação e o faria da melhor maneira possível.

Decidida a não se deixar abater, ela se serviu de uma xícara de café e sentou-se atrás da escrivaninha, os olhos fixos na paisagem lá fora. O dia estava lindo, pensou com uma pontada de tristeza, perfeito para um piquenique na companhia da pessoa amada.

Sem que conseguisse evitar, lágrimas teimosas começaram a escorrer pelo seu rosto abatido, pingando na blusa de seda.

— Pare com isso — ela murmurou para si mesma.

Infelizmente não havia como deter o sofrimento. Quando terminara a relação com Mike pensara ser capaz de lidar com a situação. Afinal seria apenas outro período negro da sua vida. Depois de já ter enfrentado tantos momentos cruéis, imaginara-se forte o suficiente para superar a perda do homem amado. Porém as coisas não tinham saído como planejara.

Sentia-se mais arrasada do que julgara possível. Na verdade a ausência de Mike era como uma dor física, intensa e constante. Desde a morte da filha não experimentava aquele vazio absoluto da alma, como se nada mais importasse e o mundo tivesse deixado de existir. Ela sentia saudades do sorriso atraente, do brilho do olhar, do corpo viril possuindo o seu com ternura e paixão.

As lágrimas banhavam seu rosto inteiro agora, mas Joanna já não tentava sufocá-las. Dizem que chorar faz bem à alma e suaviza a angústia do coração. Oh, Deus, se ao menos não sentisse tanta falta de Mike! Se ao menos fosse tão forte, física e emocional-mente, quanto julgara ser.

Quanto ao futuro... bem, ainda não conseguia pensar no assunto sem se desesperar. A única coisa que lhe dava conforto e forças para seguir em frente era o bebê.

Estava à altura do desafio de criar um filho sozinha? Não, não estava, porém não tinha outra alternativa. De alguma maneira levaria a missão até o fim. Venceria os momentos difíceis como sempre se vira obrigada a fazer ao longo da vida.

De repente, ao se lembrar de Kim e dos pais, Joanna sentiu-se um pouco melhor. Kim demonstrava tanto entusiasmo com a chegada da criança que parecia ser ela a mãe. E mesmo seus pais, depois do choque e da surpresa iniciais, não lhe negaram apoio. Quem sabe se com o nascimento do neto aqueles dois não passariam a procurá-la com maior freqüência? Entretanto se continuassem mantendo a indiferença de sempre, também não tinha importância. Iria dar conta do recado contando apenas consigo mesma, aliás como sempre fizera.

— Joanna? — Tammy abriu a porta do escritório devagar, quase hesitante. — Detesto incomodá-la, porém o detetive Mason ligou agorinha mesmo e deixou um recado. Pediu que você vá à delegacia de polícia imediatamente.

Ela ficou de pé, o coração disparado, as mãos trêmulas cobertas por um suor gelado.

— Obrigada, Tammy. Por favor, telefone para o detetive e diga-lhe que já estou a caminho.

— Pois não.

Que será que Ed Mason queria agora? Só podia ter acontecido alguma coisa de extrema importância, algo muito grave, ou então não iriam pedir que fosse à delegacia.

Assim que resolvesse os últimos assuntos da agenda com Calvin, iria correndo para o centro da cidade.

Ao chegar à delegacia, Joanna foi levada ao escritório do detetive.

— Obrigado por ter vindo tão depressa, srta. Nash. Por favor, sente-se. — Ele apontou para a cadeira defronte à escrivaninha.

— Obrigada.

Mason acomodou-se e sorriu, parecendo bastante satisfeito.

— Creio que você esteja imaginando por que a chamei aqui.

— Para falar a verdade, estou sim — ela respondeu sem disfarçar a apreensão.

— Tenho boas notícias; é este o motivo.

— É mesmo? — O tom incrédulo não passou despercebido ao detetive.

— Eu sei que boas notícias vindas da parte da polícia costumam ser raras, mas acontecem.

— Não foi isso o que eu quis dizer.

— Não se sinta desconfortável por pensar assim. É verdade e nós dois sabemos disso. — Mason sorriu, procurando colocá-la à vontade. — De qualquer forma, não a chamei até aqui para discutirmos a injustiça da justiça.

Joanna se esforçou para sorrir também, embora os olhos permanecessem tristes e sem brilho. Na verdade sentia-se exausta e só conseguia desejar estar em casa, longe de tudo e de todos.

— O mistério envolvendo seu atropelamento foi finalmente esclarecido.

Por um instante ela teve a impressão de não ter compreendido bem o significado das palavras.

— Desculpe-me, acho que o entendi mal.

— Já temos o culpado sob custódia.

— É mesmo? — ela conseguiu murmurar, sabendo que devia estar parecendo uma tola.

Mason ficou de pé e deu alguns passos pela sala, dando-lhe tempo de absorver a informação.

— Os pais de um adolescente vieram nos procurar hoje, pela manhã, para nos informar que fora o filho o responsável pelo atropelamento.

Joanna ficou pálida de repente, como se todo o sangue tivesse sido drenado de seu corpo.

— Está se sentindo bem, srta. Nash?

A voz do detetive dava a impressão de vir de muito longe, mal penetrando a névoa que lhe envolvia o cérebro. Ed Mason precisou repetir a mesma notícia várias vezes até que ela se recuperasse do choque e demonstrasse alguma reação.

— Desculpe-me... Acho que estou chocada demais para dizer qualquer coisa.

— Não é uma história bonita.

— O que aconteceu?

— Parece que o garoto e a namorada tiveram uma briga. Depois de deixá-la em casa, ele resolveu tomar várias cervejas para se recuperar da desilusão.

— Oh, Deus! Posso imaginar como os pais devem estar se sentindo.

— Não, você não consegue imaginar.

— Tem razão. O que acontecerá ao garoto?

— Quem vai decidir é o juiz. Espero que seja uma sentença rígida.

— Quantos anos tem o rapaz?

— Dezesseis.

— Meu Deus — Joanna murmurou, pensando no filho que trazia no ventre e na tremenda responsabilidade de saber educá-lo, transformando-o num cidadão responsável, consciente.

— A promotoria planeja tratar o caso como se o envolvido fosse um adulto. Afinal se a lei permite que se tire carta de motorista aos dezesseis anos, a pessoa também deve arcar com as responsabilidades de seus atos.

— Coitados dos pais. Como foi que eles descobriram?

— Na verdade o próprio garoto confessou. Os adolescentes de hoje, de modo geral, são realmente imprevisíveis. De qualquer forma a mãe me contou que o menino vinha se comportando de maneira estranha, além de apresentar problemas na escola. Então os pais o chamaram para uma conversa franca e foi

aí que a verdade veio à tona.

— Então tudo não passou de um acidente, puro e simples?

— Oh, sim, foi mesmo um acidente. Porém não tão puro e simples assim. Além de quase tê-la matado, o motorista fugiu, recusando-se a prestar os primeiros socorros. Portanto não sinta pena. A pessoa precisa pagar pelo que faz. Os erros têm que ser punidos.

— Você tem razão.

— Vou mantê-la informada sobre o desenrolar do caso, OK?

— Obrigada por tudo, detetive.

—O agradecimento inclui também a chateação causada pelos policiais encarregados de vigiá-la? — Ed Mason brincou.

— Até mesmo isso. No final das contas eu tinha razão, não é? Bem que lhe disse que meu ex-patrão não estava envolvido na história.

— Você teve sorte. Enfim, é sempre melhor prevenir do que remediar.

— E claro. Mais uma vez, obrigada por ter tomado conta de mim.

— De nada. — Mason fitou-a com atenção. — Tem certeza de que está se sentindo bem? Você está tão pálida.

— Não se preocupe, estou ótima.

Mas não era verdade. Joanna chegou em casa bastante nauseada e precisou correr para o banheiro. Depois de esvaziar todo o conteúdo do estômago, deitou-se no sofá da sala e fechou os olhos. Graças a Deus o dia estava quase terminando e logo poderia dormir e esquecer seu tormento, ainda que por pouco tempo.

Horas depois, já de banho tomado, ela se obrigou a comer alguma coisa se esforçando para desviar os pensamentos do adolescente que a atropelara. Decidida a não se entregar à melancolia, ligou a TV, porém nada parecia interessá-la. Por fim resolveu continuar a ler o livro do dr. Lamaze, sobre parto sem dor.

No entanto, por mais que tentasse, não conseguia se concentrar. De súbito lembrou-se de um outro livro, encontrado sob as almofadas do sofá na casa de Mike: Better Homes and Garden New Baby Book.

Nunca tivera a oportunidade de tocar no assunto. E se aquele livro fosse uma prova de que Mike realmente se interessava pelo bebê? Oh, Deus, será que se apressara a tirar conclusões erradas? Será que se precipitara ao condená-lo?

Sentindo-se culpada, Joanna procurou se lembrar dos acontecimentos dolorosos daquele dia. Sim, ela não lhe dera chances de se explicar, de se abrir. O amor passa por diferentes estágios até alcançar a plenitude e talvez os

sentimentos de Mike em relação ao bebê ainda não tivessem atingido o ponto máximo. E isso é crime? Claro que não.

À sua própria maneira, Mike tentara se fazer entender, porém ela não se mostrara disposta a ouvi-lo. Levada pela teimosia e pelo orgulho, acabara afastando o pai da criança ainda por nascer.

Oh, Deus, como pudera ser tão tola? Como tivera coragem de julgar alguém e condená-lo sem ao menos escutar o outro lado da história?

Joanna inspirou fundo, uma idéia tomando forma e consistência. Ousaria tentar? Ousaria tomar a iniciativa para consertar a situação?

No momento em que Joanna estacionou o carro em frente ao apartamento de Mike, ela o viu. Numa reação instintiva, freou e ficou imóvel, observando-o.

Os últimos raios de sol iluminavam a figura alta, ocupada em ajeitar uma mochila dentro do jipe. Será que ele tinha aceitado o trabalho em Dallas, disposto a recomeçar a vida sem ela e sem o bebê? Se Mike estava mesmo indo embora da cidade, a culpa era sua.

Sentindo-se observado, ele se virou de repente. Joanna agarrou o volante com ambas as mãos, os olhos fixos no homem amado.

Então ele veio andando na sua direção, com passos largos e decididos.

Finalmente estavam frente a frente. Os dois se olharam por um longo instante e começaram a falar ao mesmo tempo, ambos tentando se desculpar com palavras rápidas e ansiosas.

— Se você não sair deste carro agora mesmo, vou arrancá-la a força — Mike murmurou tenso.

Chorando de felicidade, Joanna abriu a porta e se atirou nos braços que a aguardavam.

CAPÍTULO XVIII

— Eu te amo — ele sussurrou beijando-a na boca, no pescoço, nos ombros delicados.

— Eu também te amo.

Os dois se livraram das roupas com gestos rápidos, largando-as pelo chão da sala, ansiosos para chegar ao quarto. Então Mike a pegou no colo e depositou-a na cama com delicadeza.

Imediatamente lábios ávidos se apossaram dos seios intumescidos, a língua imperiosa contornando os mamilos, deixando-os eretos e sensíveis. Bem devagar ele continuou a beijá-la, traçando o caminho do prazer entre o umbigo e o centro escondido da feminilidade.

Joanna fechou os olhos e gemeu alto, implorando para ser possuída.

— Meu medo era de nunca mais estar dentro de você — Mike, murmurou, acariciando-a na parte interna das coxas.

— Esse era o meu medo também.

Segundos depois ele a penetrava com ímpeto, as investidas vigorosas levando-a a beira do êxtase. Joanna enterrou as unhas nas nádegas firmes do homem amado, alucinada de paixão.

E ao atingirem o orgasmo, violento e total, gritaram os nomes um do outro, certos de terem enfim encontrado a felicidade.

Mike beijou-a de leve no rosto, sentindo o gosto de lágrimas. Porém não eram lágrimas de tristeza, e sim de alegria infinita.

Joanna sorriu e se aconchegou ao peito forte, sabendo-se protegida para sempre.

Quantas horas são? — ela perguntou baixinho.

— Faz alguma diferença, querida?

— Para ser sincera, não.

— Só para lhe satisfazer a curiosidade, passa um pouco do meio-dia.

— Oh, meu amor, você está mesmo aqui comigo? Você é real?

Quando saíra do carro, horas antes, e caíra nos braços de Mike, nenhum dos dois pensara em mais nada a não ser se amarem e recuperarem o tempo perdido, apagando da lembrança os dias amargos da separação.

Agora, depois de saciarem a fome de seus corpos, finalmente conseguiam colocar em palavras o que lhes atormentara os corações.

— Claro que sou real. O que você acha?

— Tenho medo até de pensar, porque posso descobrir que tudo não passa

de um sonho.

— Não sou sonho algum, querida. Estamos juntos e não pretendo, nunca mais, deixá-la longe dos meus olhos.

— Nunca mais?

— Isso mesmo, meu amor. Alguma objeção?

— De jeito nenhum. Estes últimos dias foram tão dolorosos que não quero sequer me lembrar do quanto sofri. E muito menos repetir a experiência.

— Em primeiro lugar fui um tolo ao permitir que escapasse de mim daquela maneira.

— Você não errou sozinho. Minha experiência anterior, com Andy, me deixou tão traumatizada que não fui capaz de perceber o seu sofrimento.

— E agora?

— Agora não tenho dúvidas de que você realmente quer o nosso bebê. — Ela o ouviu suspirar aliviado. — Mas também sei como está assustado com a perspectiva de ser pai, o que é algo comum e compreensível. —Joanna ficou em silêncio alguns minutos, tentando encontrar as palavras certas. — Quando senti o gosto amargo do que é viver sem você, forcei a mim mesma a passar o nosso último encontro a limpo. Pensei bem em cada uma das suas palavras, lembrei da angústia estampada em seu rosto, das suas tentativas de se explicar. E de repente percebi que o seu sofrimento era tão grande ou maior do que o meu, especialmente porque você não conseguia falar sobre a dor e a incerteza que o consumiam.

— Nunca me passou pela cabeça magoá-la. E, como você mesma disse, bem no fundo de mim mesmo eu queria nosso filho, só que...

Joanna tocou-o de leve nos lábios com as pontas dos dedos para silenciá-lo.

— Não se preocupe, eu entendo.

Mike passou a língua devagar pelos dedos estendidos, numa carícia terna e sensual.

— O que a levou a mudar de idéia? Alguma coisa deve ter acontecido.

— O livro.

— Livro? Que livro?

— Ah, pare de bancar o inocente.

Ele a fitava confuso, sem nada entender.

— Better Homes and Garden New Baby Book. O título não lhe diz nada?

Embaraçado, Mike desviou o olhar, parecendo quase tímido.

— OK, para falar a verdade, o título me é familiar.

— E poderia me dizer como é que aquele livro foi parar na sua casa?

— Eu o comprei numa farmácia. Antes que desse por mim e percebesse o que estava acontecendo, estava levando o livro para casa junto com as verduras, frutas e legumes.

— E você o leu?

— Algumas partes.

— Oh, Mike, ao descobrir aquele livro eu devia ter imaginado que você se importava mais com a chegada do bebê do que deixava transparecer, só...

— Ei, pare de se culpar. Nós dois erramos. Vamos esquecer ô passado e continuar daqui para frente.

Joanna o beijou no peito largo, sorrindo ao vê-lo estremecer.

— Vê só o que acontece? Basta um toque seu para me deixar louco de desejo.

— O mesmo acontece comigo.

— A propósito, você já contratou um novo fisioterapeuta?

— Qual a sua opinião?

— Acho que ainda não.

— Acertou.

— Então estamos de volta ao trabalho.

— Ai meu Deus, já posso até imaginar o que está pretendendo me dizer.,

— Você não me escapa, querida.

— Quer dizer então que vou recomeçar os exercícios físicos? — Ela gemeu desanimada.

— Choramingos não combinam com você, meu amor. Joanna riu e o acertou nas costelas com o punho fechado.

— Ah, não, não faça isso. Minhas costelas não agüentam mais os seus... ai, socos. De qualquer maneira, violência não a levará â lugar algum. A não ser, é claro, de volta à sala de tortura, isto é, de musculação.

— Mas e quanto ao bebê?

— Não tem problema se os exercícios são adequados e feitos sob supervisão. Aposto que o bebê vai adorar se movimentar. Afinal, filho de peixe, peixinho é.

— Você não tem jeito mesmo.

Rindo, os dois caíram nos braços um do outro e se beijaram longamente.

— E sobre a oferta de trabalho em Dallas? — Apesar de temer a resposta,

Joanna não podia evitar a pergunta. Embora desejasse o melhor para a carreira de Mike, a idéia de começar uma nova vida numa cidade estranha era um pouco perturbadora. Especialmente quando um filho estava a caminho.

— Você iria ficar muito chateada se eu resolvesse aceitar?

— Para falar a verdade, pensei que já estivesse de mudança. Quando o vi colocando a mochila no jipe, achei que estava se preparando para a viagem. E minha resposta à sua pergunta é não. Não ficaria muito chateada se é isso o que você realmente quer.

— Você é uma mulher compreensiva e muito especial.

— O amor transforma as pessoas.

— Verdade. — Mike abraçou-a com força, cheio de carinho. — Por acaso eu já. lhe disse o quanto adoro o perfume dos seus cabelos?

— Pelo menos umas cem vezes.

— Bem, você vai ficar satisfeita de saber que recusei a oferta de trabalho em Dallas. Quando estive conversando com Martha, percebi...

— Quem é Martha? - Joanna indagou no mesmo instante.

— Minha irmã — ele respondeu rindo.

— Oh.

— Estava com ciúmes, hein?

— Não estava não.

— É feio mentir, querida.

— OK, então eu estava com ciúmes, admito. Vamos voltar a falar da sua irmã.

— Ela é uma pessoa maravilhosa. Mal posso esperar até apresentá-las uma à outra. Vocês vão se adorar. E quanto aos seus pais?

— Não tenho idéia. Nunca se pode ter certeza a respeito daqueles dois. Mas acho que ficarão satisfeitos, especialmente quando souberem que não vou mais criar meu filho sozinha. Quem sabe até se tornem mais afetuosos com o nascimento do neto.

— Milagres acontecem.

— Eu sei... Nós dois somos prova disso.

— A primeira coisa na nossa agenda, depois de nos casarmos, será...

— Casar. Oh, Deus, você tem razão. Precisamos nos casar, querido.

— Não tenha dúvidas quanto a isso. Nenhum filho meu vai ser um bastardo.

Joanna sentiu o coração bater mais forte ao vê-lo tão decidido a assumir a

família.

— Você estava dizendo que depois de nos casarmos...

— Depois do nosso casamento recomeçaremos as sessões na academia.

— Oh, puxa, pensei que ia me dizer algo excitante.

— Quero deixá-la em forma para enfrentar o trabalho de parto.

— Está bem. Porém talvez tenhamos que alterar um pouco os planos. O julgamento do meu ex-patrão deve acontecer em breve. O assistente da promotoria veio me procurar para discutirmos o caso.

—Não se preocupe. Enfrentaremos os momentos difíceis juntos.

— Tenho algumas outras novidades para lhe contar também.

— Então conte logo.

Ela lhe falou sobre a conversa com Ed Mason e a descoberta de que fora um adolescente quem a atropelara.

— É inacreditável. Bem que você afirmava, desde o princípio, não haver qualquer relação entre o julgamento e o acidente. Você tinha razão. — Mike ficou muito sério, uma expressão sombria no olhar. — Só espero que eles façam o garoto sentir o peso da lei. A justiça tem que ser feita.

— Ed Mason é da mesma opinião. Mas é uma história muito triste. Sinto pena dos pais do garoto.

— Concordo, especialmente quando penso que nosso filho será adolescente também.

— Educar uma criança é uma responsabilidade enorme. Nós daremos conta do recado, não é?

— Pode apostar que sim, querida.

— Estive pensando numa coisa. Acho que vou tirar uma licença do trabalho e ficar algum tempo em casa depois que o bebê nascer.

— Eu gostaria muito que você fizesse isso. Porém quero deixar claro que a decisão final é sua e estou pronto para apoiá-la. Sei como se sente em relação à carreira e jamais me passaria pela cabeça interferir na sua vida profissional.

— É claro que adoro meu trabalho. Mas adoro meus dois meninos mais ainda.

— Um menino, hein? — Mike recostou-se na cama, sorrindo de uma orelha à outra. — E quem é que pode ter certeza?

— Eu.

— Pois uma menininha, igualzinha à mãe, também seria muito bem-vinda.

— Oh, Mike, estou tão feliz.

— Eu também — ele murmurou inclinando-se para beijar a barriga onde seu filho estava sendo gerado. — Eu também.

EPÍLOGO

Seis meses depois...

Isso mesmo, querida. Respire.

— Estou respirando! Os gemidos de dor da esposa cortavam sua alma em mil pedaços, porém Mike estava decidido a não deixar transparecer a própria aflição. Não iria perder o controle agora. Joanna precisava da sua ajuda e não iria desapontá-la.

Ele inspirou fundo e quando percebeu que as mãos tremiam, soube-se a beira de se entregar à emoção. Oh, Deus, não podia fraquejar.

— Respire fundo, amor.

Com o rosto banhado de suor, Joanna procurava se concentrar na respiração, tentando ignorar a dor dilacerante.

— Ótimo, querida. Estamos quase chegando lá. — Mike olhou ansioso para o médico. — Estamos chegando ao final, não é?

— Logo, logo, Mike. Vocês dois se concentrem na respiração e deixem o resto comigo, OK?

— Mike!

— Doutor, faça alguma coisa! Minha mulher está sentindo muita dor.

— Não falta muito para a criança nascer. A cabeça já está nas minhas mãos.

— Oh, meu Deus, oh, meu Deus... — Mike pensou que ia desmaiar ali mesmo. Nunca na vida experimentara uma emoção tão intensa. Um misto de medo e excitação, a certeza de presenciar um milagre. — Empurre, querida, empurre.

Joanna empurrou com toda a força de que era capaz, o corpo inteiro sacudido por uma contração violenta. Segundos depois, ouviu-se o choro de um bebê.

— Michael Scott McCoy.

— Ele é uma beleza, não é? — Mike indagou maravilhado, admirando o bebê aconchegado junto a mãe.

— Nosso filho é perfeito.

— Eu te amo—ele murmurou, beijando-a na testa com ternura.

— Quer segurá-lo um pouquinho?

Só depois de ter a criança nos braços, foi que Mike percebeu estar com o rosto molhado de lágrimas.

— Alguma vez você já viu um homem feito chorar?

— Não, mas não vejo problema nenhum. — Joanna tocou-o de leve no rosto. — Não é todo dia que um homem assiste ao nascimento do filho.

Mike beijou o rosto do bebê, uma réplica perfeita do seu.

— Ele não é lindo? — Joanna indagou admirando o filho adormecido na cama de casal, bem no meio dos dois.

— Maravilhoso.

Eles aproveitavam aquela manhã de domingo, dois meses depois do nascimento de Michael, para desfrutarem a companhia um do outro. O tempo passado juntos era algo precioso. Com Mike terminando a universidade e começando a se envolver seriamente no projeto da clínica de medicina esportiva, quase não tinham oportunidade de estarem reunidos os três.

— Além de lindo, nosso bebê é igualzinho a você. — Joanna transpirava orgulho materno por todos os poros.

— Admito que mesmo que eu quisesse, não poderia negar a paternidade.

— Só que uma idéia dessas nem lhe passa pela cabeça. — Embora a frase não tivesse sido dita num tom de pergunta, havia uma certa interrogação no ar.

— Oh, Joanna, você não sabe o quanto amo você e nosso filho?

— Claro que sei, mas nunca me canso de ouvi-lo dizer.

— E eu nunca me canso de dizer. O bebê choramingou.

— Será que há alguma coisa errada com meu filho? — Mike perguntou ansioso.

— Ele está apenas com fome, querido.

Joanna descobriu os seios e os ofereceu à boquinha faminta. Em questão de segundos, o bebê sugava um dos mamilos com força. Ela estremeceu visivelmente.

— Dói?

— Um pouquinho no princípio. E que ele abocanha o mamilo com sofreguidão.

— Tal pai, tal filho.

— Você é terrível. — Joanna enrubesceu, sentindo o desejo crescer com uma rapidez quase assustadora.

Ao terminar de mamar, o bebê dormia a sono solto. Devagar, Mike o colocou no berço e cobriu-o com a manta antes de voltar correndo para os braços da mulher.

— Eu te amo — ele murmurou, beijando o seio em que seu filho acabara de se alimentar.

Joanna o fitou com paixão, sabendo que nunca fora tão feliz.

— Eu também te amo. Por toda a minha vida.





MARY LYNN BAXTER vendeu centenas de romances antes mesmo de escrever o primeiro, já que é dona e gerente da livraria D&B Bookstore, localizada no centro de Lufkin, Texas. Ela e o marido, Leonard, costumam se dedicar à jardinagem durante o tempo livre. Por volta das cinco horas da tarde, todos os dias, os dois podem ser encontrados colhendo feijão-manteiga na pequena fazenda que possuem nos arredores da cidade.

NÃO PERCA NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES

LOUCOS CORAÇÕES

Doreen Owens Malek

Helene Danforth amava Martin, seu falecido noivo, embora nunca tivesse sentido uma verdadeira paixão. Ao ficar só e grávida de um filho dele, percebe que precisa fazer alguma coisa para resolver sua difícil situação. Não esperava, porém, que Ben Murdock, irmão mais novo de Martin, a pedisse em casamento! Também nunca imaginou que sentiria por ele uma atração física tão intensa... Ben jura proporcionar ao filho do irmão uma vida segura, mas sabe que jamais irá perdoar Helene pelas amargas conseqüências de seus atos irresponsáveis. Logo percebe, porém, que não tem como se defender de. seu próprio e irrefreável desejo...

BONITA E SENSUAL

Lass Small

Tudo começou com uma calcinha de seda francesa... Quem mais, senão Sally Yoder, a compradora da loja de departamentos, seria capaz de colocá-la num manequim de uma maneira tão atrevida e sensual? Ela queria atrair a multidão que visitaria a feira... Mas o que conseguiu atrair foi a imediata atenção de Mitchell Goalong, diretor de marketing da loja, que não iria admitir tal loucura!

Na opinião de Mitch, só havia uma atitude a tomar: demitir a funcionária. No entanto, a fascinante Sally tinha o poder de tornar Mitch — sempre equilibrado e seguro de si — um homem indeciso. Ela era o tipo de mulher que Mitchell Goalong não podia ignorar...